

ALBUM.

ADVERTENCIA.

Todos os exemplares desta publicação serão rubricados pelo Presidente do Gremio. A reimpressão, sem previa autorização da Sociedade, será considerada fraudulenta.

ALBUM

DO

GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

NO

RIO DE JANEIRO.

Publicação annual.

Primeiro anno,

1858.

RIO DE JANEIRO,

TYPOGRAPHIA DE TEIXEIRA E C.^a,

RUA DO OUVIDOR N. 91.

—
1858.



Lith. Texer's C^a Oudvord 91

A. Herculanus

AO SR. ALEXANDRE HERCULANO.

A obra do povo vae ser depositada nas mãos do homem popular. O oceano, que nos separa, não amesquinhou seu vulto, antes o ergueu com proporções gigantéas no horizonte. Não é ao individuo que domina, á autoridade que manda, que prestamos homenagem, — é ao coração que guarda o maior affecto pelas grandezas de nossa terra. Ha homens que valem por todo um povo decahido, porque guardam o animo esforçado de seus melhores tempos: a esses não é muito que os amadores das lettras e da grandeza moral se curvem; a magestade não está na voz altiva, mas sim na magnanimidade da alma.

É talvez ousada empreza que de homens do povo, alheios ás praticas litterarias, saia o commettimento de escrever sobre tão variados assumptos; é talvez ainda mais ousado o vir de gesto erguido, e fronte pouco cortezã, lançar ao público tão arriscados pensamentos, quando era mister pedir mercê pelas fraquezas da obra: mas sabemos que é sempre dos nossos naturaes bem recebida a ousadia, e que antes propensos são a absolvel-a, do que o contrario deffeito. Sirva-nos pois de amparo a nobre mão, a que viemos perder auxilio, por sabermos que ella só se move por affectos generosos, e que o de prezar tudo o que do povo é vindo, foi sempre a sua mais peculiar virtude.

Quem tirou do esquecimento aquellas tradições do que fôra a nossa terra no tempo em que a povoavam cavalleiros,—quem revestio das galas da mocidade o cadaver insepulto da nossa antiga monarchia, e deu á exposição toda a louçania da mais apurada linguagem, todo o encanto do mais nacional estylo, saberá tambem estender a mão ao povo, para que se erga. Outros o tem chamado á grandeza dos feitos nas lides civís, outros o tem cha-

mado á ousadia das aspirações nos comícios políticos, —mas o sangue de irmãos e a venalidade das intrigas mancharam estes reclamos; o homem sobranceiro e alheio a estas questões merece-nos maior culto; foi pela elevação dos espiritos que elle sonhou com a renovação da patria prosperidade, sejam os que aspiram a distinguir-se por esse meio que o applaudam.

A patria geração, que vem nascendo para a vida publica, tem promessas de alentado futuro, e conta com os esforços dos notaveis entendimentos, que entre os jovens se tem manifestado; sabe que elles tem sobra de boas intenções, que não fraquearão na empreza, e que lhes sobeja o saber adquirido nos mais arduos estudos: mas se a estes elege por capitães, e os manda á conquista da publica grandeza, não esquece os homens singelos em pretensões, grandes em saber, incansaveis nas laboriosas diligencias, que vieram do exilio disseminar pela patria em epocha de tristes recordações a copia de conhecimentos, que em alheias terras haviam adquirido. Alguns ja descansam, humildes como foram toda a sua vida, es-

quecidos como todos os que prezam mais o trabalho do que a ostentação publica; mas se ainda não se erguem monumentos a homens como *Silvestre Pinheiro*, *Mousinho de Albuquerque*, e outros varões que repouzam em singelos tumulos, no conceito do povo vive honrada a sua lembrança. Pouco nos importa que os grandes os esqueçam, e que se lhes julguem superiores, porque sobem um dia ao fastigio do poder, e delle são precipitados na seguinte manhã; pouco nos importa, que tratem com soberberia os atilados engenhos d'esse tempo, que ainda nos restam, —seria dar-lhes grande merecimento despeitar-nos de suas injustiças: cabe-lhes a pequenez do apreço, e depois a nullidade do nome perante a posteridade; a historia vingará os varões de maior valia, por que só para elles tem memoria.

É pois a um d'esses engenhos mais distinctos pela grandeza dos trabalhos, do que pela força do poderio, que dedicamos os nossos rudes ensaios. Se as estreas de tantos mancebos, que em plaga estranha cultivam a patria litteratura, não tiverem o esmero das obras de quem

curso acadêmicas, se não tiverem o toque de moeda de lei, para ouvidos mais cultos, sempre serão sobeja prova de seus bons desejos e aturada diligencia, e é esta persuasão que os anima a apresental-as a tão esclarecido mestre. Para estes animos, tão ambiciosos de indulgencia, não será pequena prova de apreço o estêndêr-se a mão do homem sabio, para receber a offerta: as dadas do pobre não se avaliam pelo cabedal, mas sim pela intenção.

Sirva-nos esta breve carta para merecer o indulto de tão benevolente juiz e a benignidade do publico, a cuja critica nos sujeitamos.

Rio de Janeiro, 1.º de Junho de 1858.

O Gremio Literario Portuguez no Rio de Janeiro.

INDEX.

A. J. DE CARVALHO LIMA.

A Lua.	51
O que eu amo.	90
Desejos.	236

E ***

Amor platónico	92
A lei da consciencia.	208

ERNESTO CIBRÃO.

Não creio.	15
Saudades .	57
*****	74
Destino	88
Oração da noite	141
Hoje	185
Ultima carta .	194
? ...	219
Súplica	229
Chora.	233
Desalento.	249
Prantos.	264

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

A uma rosa desfolhada. . .	72
Acima os bigodes.	138

XII

No Album de uma dama	212
Um momento de tristeza.	230
Edital.	236

FERNANDO CASTIÇO.

Periodos do Livro de Julia.	25
Ai, mulher!	60
O Assassino	95
Os sonhos.	111
A minha irmã Iria.	205
A El-Rei de Portugal.	221
Que sentes?	246

F.—GONSALVES—BRAGA.

Beranger	47
Desejos.	104
Garrett	153
Os cinco sentidos.	210
Transição.	224
Pedido.	232
A uma menina	263
A Lamartine.	267

J. A. SANTOS CORTIÇO.

O mundo... que importa?	68
-------------------------	----

J. BELMIRO DA SILVA.

Reflexo.	70
Como és linda.	134

J. COELHO LOUSADA.

Na minha estrêa.	47
O Caixeiro litterato	76

Primeiro amor.	101
Abaixo os bigodes	135
De cá para lá.	161
A Quitandeira.	183
Á Fortuna	187
A D. Pedro V.	202

JOAQUIM JOSÉ DUARTE.

A Arthur Napoleão.	54
Inspirações de um passeio.	259

JOSÉ ROQUE MARQUES DE CARVALHO.

Scismando	182
-----------	-----

J. V. D'ALMEIDA CAMPOS.

Mocidade	77
A consciencia actual	225

R. C.

Ultimas melodias	107
------------------	-----

REINALDO CARLOS.

Renascimento da Litteratura Hellenica	38
Os Poetas da seculo XVIII.	64
Duas epocas e dous destinos	80
Sorriso entre lagrimas.	144
Fr. Luiz de Souza	165
A Roma do Atlantico	190
Pensamentos de um descrido	200
A Litteratura e o Industrialismo	214

XIV

SANTOS PEREIRA .

Eu quero ser vingado	32
Devaneios	124
A minha Mãe	250
Mortuus est.	254

VAZ PRETO CASAL.

O Hypocrita.	159
--------------	-----

XAVIER PINTO.

A Gloria.	36
A Vindicta publica.	131
Paginas intimas.	241
Paginas intimas (fragmento).	265



NÃO CREIO.

À Lucia.

I

Outr'ora, donzella, corri pelos bosques
E montes e valles e prados floridos,
Da lyra soltando mil cantos sentidos,
Que amor inspirava.

Sentado nas praias do mar buliçoso
Gostava que as ondas viessem fagueiras
Saudar o poeta, que ás auras ligeiras
Mil trovas soltava.

Á noute, se a lua, cortando os espaços,
Campeia soberba rainha dos ares,
A lyra tangendo, meus ternos cantares
Á lua sagrava.

E créra—poeta de esperanças risonhas—
Na estrella, na lua, no sol e na briza,
Nas aguas do rio, que manso desliza,
E *n'ella*, que amava.

E crêra! Não podem venturas na terra
Durar ao poeta.
E crêra! Que importam momentos felizes,
Se a vida é-lhe inquieta?!

II

Agora, donzella, se vou pelos bosques
E montes e valles e prados floridos,
Não canta-me a lyra, mas solta gemidos,
Que morrem nos ares.
Se, quêdo nas praias do mar buliçoso,
As ondas contemplo rolando orgulhosas,
Eu gosto de vê-las quebrar furiosas,
Voltarem aos mares!

Á noute, se a lua, cortando os espaços,
Campeia soberba rainha dos ares,
Á lua confio meus duros pezares
Em vozes da lyra.
E agora—poeta d’esperanças perdidas—
Não creio na estrella, no sol e nas flores!
Não creio; protestos, esperanças, amores
Foi tudo mentira!

Não creio! Se tive momentos felizes,
Que importa... se os choro?!
Se foi a ventura no ceu da existencia
Fugaz meteoro!

BERANGER.

Ao Sr. J. C. Louzada

De mon tombeau j'ai soutenu la pierre,
Mon bras se lasse; elle rétombe. Adieu.

BERANGER.

I

Em luto está Pariz, a França, a Europa inteira!
Das ruas da cidade augusta das grandezas
Fugiram vida e luz!
O povo errante exprime a dor mais verdadeira
Por ter morrido o sol das inclitas empresas,
Que um nome só traduz!

Esse sol tão brilhante a vida era de um homem,
Ella extincta, apagou-se a luz de um povo inteiro!
E orgam d'esse povo, os males que o consomem
Exprobrava dos reis ao orgulho altaneiro!

—E esse nome, esse nome querido em toda a parte
Onde se falla e lê na lingua de Racine,
Esse nome qual é?
—Nome qual o do Cesar da França—Bonaparte,
Nome qual o do Homero da Europa—Lamartine,
Tal nome é Beranger!

II

Era um homem-nação! A França inteira
No seu coração nobre se abrigava,
E n'elle é que sentia!
E nos seus olhos de alma verdadeira,
Onde a luz da republica brilhava,
Exultava ou soffria!

Quando soava a marcial trombeta,
Quando o povo agitava-se nas ruas
Em grandes convulções,
Elle que foi-lhe oraculo e profeta,
P'ra dominal-o erguia uma das suas
Inspiradas canções!

E quando o mesmo povo, na indolencia
Perdia lentamente o dom sagrado
Da sua liberdade,
Elle erguia de novo a omnipotencia
Do seu sublime genio, consagrado
Ao bem da humanidade!

Nas praças logo o povo a voz erguia !
Contra as armas as armas se empunhavam
N'uma sangrenta acção;
Era então que o monarcha estremecia,
Da velha Europa os thronos se abalavam,
Só por uma canção !...

III

Oh ! magico poder ! Oh ! força augusta e santa
Das luzes da Poesia !
Que offuscas o ouropel que os thronos abrilhanta,
Com os raios da harmonia !

Tu sim ! tu só que és forte e grande e omnipotente
Depois de Deus na terra !
A sua luz divina em ti, em ti somente
No mundo é que se encerra !...

Deus, creando o Universo, aos homens escolhidos
P'ra cantar e soffrer,
Deu a santa missão—quaes sacerdotes queridos—
De mostrar seu poder !

Homero, a grande origem, fonte, luz e essencia
Da grega poesia,
O povo da alta Grecia, a patria da sciencia,
Cantando commovia !

Virgilio, Tasso e Dante, Ariosto e Petrarca,
Poetas sublimados,
Honrando a Roma, a Italia, a senhora, a monarcha,
Lá são eternisados !

Klopstock e Milton, raios sublimes, fortes
De excelso brilhantismo,
Foram poetas—reis, e summos sacerdots
Cantando o christianismo !

E Camões, e Camões, soldado, heroe, valente,
Poeta alto e fecundo,
Surgiu qual novo sol nas raias do Oriente,
De luz enchendo o mundo !

Tal és o Beranger, tal foste sobre a terra
N'um seculo inda novo !
Deu-te Deus a missão augusta em que se encerra
O oraculo de um povo !

IV

É morto o poeta inclito,
Cantor de uma nação,
Que em seus sublimes canticos
De heroica inspiração,
De um povo patriotico
Cantava a crença, o amor !

Milhões de fronte palidas
De toda a gerarchia,
Agitam-se, atropelam-se
Despidas de alegria,
Para seguir o prestito
Do popular cantor !

Lá sahe ! Lá marcha o feretro
Por entre as multidões
Do povo democratico,
Dos fortes batalhões,
E todos vertem lagrimas
N'um unico chorar !

No funeral de um principe
Ha pompas—nada mais,
Mas no de um homem—seculo
Ha lagrimas reaes !
Da historia as longas paginas
Terão de o celebrar.

Vêde : a morada funebre
Das turbas se atopéta !
O povo inteiro, unanime
Saúda o seu poeta,
Saúda o seu oraculo
Na extrema habitação !

Que scena ! Que espectaculo
De dor e de saudade !
Parece ouvir-se unisona
Chorar a humanidade
O genio da republica,
—Cantor de uma nação !—

v

França ! oh França ! Nas sombras do passado
Jaz n'um escuro feretro encerrado
O corpo de um guerreiro !
Com a alma, não com o corpo sobre a arena
Batteu-se,—não co'a espada, mas co'a penna
O teu cancionero !

O pranto, que derramas sobre a campa,
Onde a travez dos seculos se estampa
Teu nome universal,
É nascido da dor mais verdadeira,
Que sente agora uma nação inteira
Perante um funeral !

E n'esse funeral não vae somente
O corpo de um poeta omnipotente
De engenho sublimado ;
Vão tambem as reliquias veneradas
Do Apostolo das crenças consagradas
Por Deus crucificado :

A caridade, o amor, o christianismo,
—Luzes d'alma, de excelso brilhantismo—
Raiavam-lhe tambem!
Muitas vezes em lagrimas banhado
Elle verteu seu pranto amargurado
Sobre os males d'alguem!

Sobre os males d'aquelles que soffriam
No silencio a miseria em que viviam
Sem ter consolação!
E elle condoído de tal sorte
P'ra livral-os das mãos da negra morte
Lhes dava a esperanza, o pão :

E morreu!—E o tiranno das accções
Receia—semeando os esquadrões
Da igreja ao cemiterio—
Que o povo em fim desperte do seo somno,
Que o cadaver de um velho abale um throno,
Que morra o seu imperio!

E Beranger, morrendo era um gigante!—
Com os pés na sepultura, inda um instante
A campa suspendeu!

Depois sentindo o braço enfraquecido,
Ao mundo disse—*Adeus*—n'um ai sentido,
E n'ella se escondeu !

Que resta d'elle agora? Um livro e um nome,
Recordações que o tempo não consome ;
E sua estatua erguida,
Maior que os Perineos, maior que os Andes,
No Pantheon que diz : AOS HOMENS GRANDES
A PATRIA AGRADECIDA !

VII

Dorme, oh poeta, o somno derradeiro,
Que a memoria do velho cancionista
Hade ir á eternidade !
E á voz da patria, a geração futura
Erguerá sobre a tua sepultura
O altar da liberdade !

F.—GONSALVES—BRAGA.

Rio de Janeiro, Abril—1858.

PERIODOS DO LIVRO DE JULIA.

Para o que a patria perde
É o universo mudo;

A. HERCULANO.

I

É sol posto.

Tu bem sabes, Julia, o que tem de religião, de poesia, de bondade esta hora melancolica do crepusculo.

Foi a esta mesma hora que te disse a primeira vez, com a singeleza d'um amor ingenuo e innocente, que te amava, e que te vi corar d'aquelle peijo carmesim, que tam bem fica n'uma face de deseseis annos.

Foi a esta mesma hora, a mais triste da minha vida, que orvalhei de lagrimas ardentes os teus cabellos negros, que te apertei contra o coração, e te disse o ultimo adeus da despedida.

Foi a esta mesma hora, em que o dia bruxuliando se rarea de sombras, que me desatei dos braços de minha

mãe, e que de joelhos recebi, quem sabe? — talvez a sua derradeira benção, porque me esperava o barco, que apontava já com a proa para a terra estrangeira.

Como devem passar por diante de mim vagarosas e lentas todas as horas do dia, porém como deve ser a mais triste de todas, aquella, que levando consigo a luz, deixa cahir mais um grão da ampulheta da vida, e nos marca faticamente mais um dia de desterro!

II

Ah! Julia, tu não sabes o que é viver sem patria...

Não sabes o que é sentirmos as lagrimas escaldarem-nos a face, e escondermo-nos para as enchugar, com medo que nos escarneçam...

Estalar-nos o peito de tristeza e de saudade, e forçarmos os labios a sorrirem mentirosos...

Ah! se tu o comprehendesses...

III

Todos os dias a esta hora, neste logar triste e solitario, sentado n'uma pedra que as folhas largas e verde-negras d'uma mouta de bananeiras occultam, eu sonho com minha querida patria... fallo com minha boa mãe que me abençoa... e vejo-te triste encostada ás janellas do teu quarto.

Se ao menos pudesse sonhar sempre assim...

Estas florestas do Brazil são o extremo opposto dos nossos bosques mimosos.

A primavera constante, que as faz sempre viçosas, não tem aquella poesia melancolica do nosso cahir da folha no outono. d'aquélle emblema desbotado do occaso da vida.

Os outeiros, que se destacam no meio das nossas campinas matisadas de flores e de boninas, são aqui cordilheiras de montanhas, cortadas a prumo que se desdobram e multiplicam successivamente, coroadas de palmeiras e ambaibas altissimas.

O arroio que desliza travesso por entre as hervas, corre aqui precipitado e sussurra lá nas gargantas dos morros um gemido triste e como que suffocado.

Os rios bramem negros e raivosos e parecem despedaçarem-se, cavando a queda das montanhas.

Se dous rios igualmente caudeloços se encontram na sua correntia desesperada, trava-se uma luta de gigantes: recuam ambos, arqueam-se, espadanam montanhas d'agua, abraçam-se ferozes, e o mais fraco, depois de dividido, vae ainda lá em baixo disputar o salto d'uma catadupa imensa.

Os raios ardentes d'este sol tropical, cahidos perpendiculares, mirrariam a planta mimosa, que fosse transplantada d'outro hemispherio para este paiz gigante.

Tudo aqui é para o filho do Brazil sinistramente bello, tudo é magnificamente grande, tudo aponta a omnipotencia do Creador... porem o filho da Europa tem medo d'esta magestade sombria da natureza !

O gemer compassado da cazuarina vergando os ramos com receio da tempestade assusta-o... o oscilar vagaroso do tronco negro do jacarandá atterra-o...

As aves casam aqui os seus cantos com a tristeza d'estas florestas. O sabiá, a avesinha mais mimosa do Brazil, nos seus gorgeios canta triste como o rouxinol, porem os seus sons, tirados melodosos como se fossem de uma harpa d'ouro, perdem-se internando-se na densidade das maltas.

A araponga, solitaria sempre, manda lá do meio dos arvoredos fechados um canto sonoro e forte, que vae morrendo de quebrada em quebrada, como se fosse o echo dos nossos valles quando pelas sinuosidades repete as cantigas dos pastores.

Tudo isto é um mundo novo, Julia: as impressões são mais fortes e violentas; as sensações teem um sabor novo e differente; os olhos mais horizonte e o coração do forasteiro mais saudade e melancolia.

Quantas vezes, Julia, almejo tirar um canto, uma harmonia para ti, á minha pobre lyra, e nao posso !

Se affino pela voz do coração, as lagrimas regam—a primeiro, e as cordas estalam—lhe, e os gemidos suffocam—me...

Ainda bem que posso chorar.

Dizem que as lagrimas são amarguras; não o creias, Julia, ellas são o unico allivio, o verdadeiro balsamo para a dor angustiada do peregrino.

Quando mesmo as lagrimas me abrissem desapiedadas as faces em sulcos profundos, agradecel—as—hia do coração, como o sandalo que paga em perfumes ao machado que o derruba.

Que seria do amante d'Hermengarda se não fossem as lagrimas?

VII

O estrangeiro que se encosta no marco da estrada a penar saudades da sua patria, vê passar a madrugada sem ser saudada pelos hymnos singelos das avezinhas: o sol parece ardente como o lastro d'uma fogueira; o pôr-do-sol triste e profundamente triste, a aragem da noute morna, e sem rumorejar o seu canto d'amor por entre as folhas do lirio, e a lua mais pallida e descorada do que a da sua terra...

Olha, Julia, o desventurado que veio longe da sua patria, aquelle que manda no descahir da onda um gemido á sua terra, aquelle que chora debaixo d'um ceu que o não viu nascer, vê nos seus sonhos a virgem da saudade, sentada como o anjo do bem á cabeccira do leito, fallar—lhe

das noutes da sua terra, trazer-lhe a benção de sua mãe, e um beijo casto da mulher a quem juramos um amor sem calculo, uma affeição pura, casta e singela como a infancia.

Tudo que não for isto, Julia, é fastiento, não tem vida, e respira uma tristeza indefenida, uma melancolia intraduzivel.

VIII

Ai, Julia, eu ja sem crença nas venturas da vida, vendo o meu horizonte entenebrecido, e sem ao menos despontar lá muito ao longe uma nuvensinha branca d'esperança.... pesso, com a fé ardente de christão, que não seja tam infeliz e sem ventura que chore a ultima lagrima ao desprender-se a materia do espirito, na terra estrangeira, sem uma cruz que minha mãe regue com seu pranto, e tu, minha Julia, enfeites com as flores descoradas do cemiterio.

A lembrança desoladora e cruel da possibilidade de morrer n'uma terra que não é a minha, mata-me, arranca-me pela raiz a coragem da esperanza, e faz-me, quasi, ser blasfemo!

Ao menos morrer na patria.... no mesmo chão onde descansam eternamente nossos paes... e á sombra da mesma cruz que lhes vellar á cabeceira !...

IX

Adeus, Julia, recorda-te a esta mesma hora de mim, do

nosso ingenuo amor, até que chegue o dia em que te diga
« que se não houvesse na terra esta hora solemne e melan-
colica do crepusculo, não seria tão dolorosa a vida do
desterrado... não passariam tam arrastadas as horas para
o que perdeu a sua patria e os seus amores....

FERNANDO CASTIÇO.

EU QUERO SER VINGADO.

Embora longos sulcos já povôem
 Meu cansado semblante,
Em meu peito inda bate compassado
 Um coração amante.

E fagueira esperança me acompanha
 No turbilhão da vida;
Seu bafejar sereno me refresca
 A face resequida.

Mas preciso chorar! Meu pranto, alenta
 O só.... o desgraçado!
Quero ter o prazer de acalantar-vos
 No seio abandonado.

Recordar os momentos de ventura
 Nesse humido transporte:

Fagueiro doudejar de meus desvelos
No florecer da sorte.

Ah! meus sonhos fugaces, melhor fôra
O teu suave alento,
Ainda que o despertar viesse á noite
Do triste passamento.

Teria o acordar puro, innocente,
N'um ceu de lindas cores;
Não seria um tormento o meu affecto,
E um sonho os meus amores.

Virginias folhas do meu branco lyrio
Teriam mais perfumes;
Não seriam crestadas pelo orvalho
Do férvido ciume.

Veio a briza fatal gelar-me a seiva
Das petalas virentes:
Sem lustre as vejo agora, emmurhecidas
E languidas, pendentes.

II

As vossas taças, empunhai mancebos,
Até á saciedade:
É chegado o momento de soltarmos
O grito á liberdade!

E, se houver entre vós algum *ditoso*,
Que fuja o desgraçado!
Ha de ouvir os descantes da victoria
No leito do noivado!

Embora longos sulcos ja povôem
Meu cansado semblante,
Heide firme arrostar o féro embate
Da scena delirante!

Vedes aquella de cabellos loiros,
De todas a mais bella?
Ha de ser como as outras immolada
No furor da procella!

Vamos tirar-lhe a tunica alvacenta;
Vereis,.... está manchada!
Não teremos piedade de seu pranto,
E face desmaiada!

Ha de ser a rainha dos folgares
Na dança do delirio!
Havemos no pudor calcar insanos
A palma do martyrio!

Nos lubricos incensos da ternura
Será tudo desfeito,
E as fimbrias do veu despedaçado
Irão cobrir meu leito!

III

O facho criminoso está solemne
A crepitar pausado;
Vamos sorver depressa o mel do inferno;
Eu quero ser vingado!

Do gotejar da cepa os longos filtros
Serão o meu sustento:
Oh! como ha de ser bello o meu delirio
No gemer agourento!

A medúla dos ossos traspassando
N'um refferver gelado,
Será o bater rouquento e pavoroso
Da campa do finado.

Envolvido na sombra pavorosa
Darei um vôo aéreo;
Quero arrojjar de lá, cynico e louco,
O rir do cemiterio.

Então, rei quero ser desse universo,
A decretar loucuras;
E um banquete fazer das minhas cinzas
Factidicas, impuras!

A GLORIA.

Á gloria!.. É este o grito
Que hoje devemos soltar,
Que jamais a indiferença
Nos venha os labios manchar;
Firmes na fé e na crença
Seja a patria o nosso fito
As letras o infinito
Que devemos alcansar!

Para nós os preconceitos
Do vulgo ignaro, que são?
Morre n'elle o sentimento
Ha em nós o coração....
É immenso o pensamento,
Em suas lidas afeitos
Oh! jamais a nossos peitos
Venha abrigar-se a ambição!..

N'esta lida sempiterna
A ninguem obedeçamos,
É viver sempre isolados
N'este mundo que creamos;

Ha lá fora os laureados
Mas é a gloria eviterna!
Para nós será eterna,
Se n'ella nos inspiramos.

Oh! que sim, não pódem nada
Os *Aristarcos* de agora!
É por nós a nossa crença,
Que se riam muito embora!...
Para elles a indiferença
No despeito mergulhada,
Para nós, apaixonada,
Essa fé que em nós vigora!

Ao porvir! e mão leal
Uns aos outros estendamos,
Irmãos somos—reunidos
Pela causa que abraçamos.
N'esta luta imparcial,
Muito embora expatriados,
Sejam sempre nossos brados
Deus, familia e Portugal!..

Rio, 30 de Abril de 1837.

XAVIER PINTO.

RENASCIMENTO DA LITTERATURA HELLENICA.

1

O Parthenon ainda não cahio.

A sombra de Alcibiades ainda vem evocar a argucia hellenica do tumulo a que descera com Demosthenes. Anacreonte coroadado de flores apparece aos jardineiros de Teios, depois de dois mil annos de ausencia. Pelas collinas da Messenia descem, ao som das guylas, as pastoras gentís que outr'ora recitaram os versos de Theocrito. Em Navarino repete-se a batalha de Salamina. Canaris não é menos bravo que Themistocles; guerreiro sobre as ondas, não tem cavalleiros armados de lanças, mas cerca-o uma esquadrilla de piratas, para quem os perigos são um attractivo, e a morte uma gloria.

Ao expirar sobre as ruinas de Missolinghi, o mais bello e o mais eloquente incredulo do seculo, Byron, o poeta da insaciedade, lega-lhe o seu cadaver e o seu entusiasmo. O restaurador do christianismo, o Homero da nova era litteraria, dá a mão á terra em que em vão procurára Sparta; Chateaubriand ao sahir, banido pela ingratição do governo da França, leva como recompensa intima de suas fadigas a liberdade da terra em que nasceu Euripedes, e morreu Socrates.

Hoje a Attica celebre por seus oradores e philosophos, a Beocia esteril em homens para produzir Epaminondas, a Laconia que renasceu das cinzas ainda heroicas de Sparta, e a Arcadia, que serviu de typo á poesia classica da natureza, já não são nomes esquecidos nos livros antigos dos hellenistas, já não carecem da penna eloquente do abbade Barthelemy para serem rememoradas: estes quatro territorios, que ainda ha pouco estavam convertidos em ermo pelos conquistadores asiaticos, entram agora no numero das dez perfeituradas da Grecia moderna. O punhal que feriu Cappod'Istria não pôde extirpar a vida da nacionalidade renascente; Maerocordato, Colleti, e outros homens illustres juntaram-se para erguer á sombra do Parthenon um novo throno, que excederá em duração ao do Macedonio, porque este se firmava nas laminas das espadas, e aquelle tem por base a liberdade de uma nação.

II

Mr. Fauriel nos seus *Cantos populares da Grecia moderna*, tornou conhecida a poesia do povo grego, quando estava descido da cathegoria de precursor da civilização á de rude montanhez; mas montanhez que arrastando as cadeias do captivo, não perdera a imaginação risonha de seus antepassados, e que, se achava para o capitanear um Scanderberg, ainda tinha rasgos de heroismo que não desmentiam Leonidas. Os Clephtos, raça de salteadores poetas, de patriotas obrigados a tirar do roubo meios de fugir á escravidão, vivendo na vespera dos combates sob as paredes

humidas das cavernas, luctando no dia seguinte ao clarão do sol de Cheronea, sem nunca temer o relampejar dos alfanges da Syria,—são os homerides dessa nova epopea hellenica. Poetas de seus proprios feitos, cada dia acrescentavam um canto ao seu poema com os combates da vespera, e esta poesia militante que prorompia do echo das descargas, não era inferior á de Tyrteu em virilidade, á de Archiloco em acrimonia, á de Eschylo em sombria grandeza.

Porem a vida de salteador não convinha a uma nação rica em homens de atilado engenho. A guerra da emancipação, favorecida pela rebeldia de Ali-Pachá de Janina, desceu com estrepito das montanhas da Albania ás campinas da Thessalia; e os insurgentes acharam para entusiasmar os *rayas* um outro Rouget de Lisle, que compoz uma marseleza mais sublime do que a das tropas de Pichegru, porque esta estava manchada com o sangue de Vergniaud, e a hellenica era o pregão de liberdade de uma nação escravizada. Rhigas foi quem a compoz; a policia da Austria entregou-o aos agentes da porta ottomana, e o Danubio recebeu o seu corpo, precipitado com o de muitos companheiros; mas antes de morrer elle tinha legado á patria estas strophes sublimes.

« Vamos, filhos dos Hellenos, o dia de gloria chegou, mostremo-nos dignos de nossos antepassados! Eia, esmaguemos o jugo da escravidão, vinguemos os longos soffrimentos de nossa patria! Ás armas, filhos dos Hellenos! Corra o sangue de nossos inimigos em torrentes por sobre a terra! »

« Onde estaes, ossos queridos dos antigos Hellenos! Restos dispersos d'esses heroes, tornaes á vida. Aos sons estrepitosos de minha tuba, surgi, reuni-vos! Parti para a cidade das sette collinas, e sede em toda a parte vencedores! »

Ao passo que se repercutia este brado de guerra por toda a Grecia, e que as povoações tomavam as armas para correr a alistar-se sob o estandarte da cruz, um poeta indifferente a tão nobres sentimentos, trocava a espada pelos olhos formosos de sua amada, e as fadigas dos combates pelos prazeres suaves do ocio. Anastacio Christopulo não foi com tudo indigno da Grecia pela riqueza de sua imaginação; Anacreonte reviveu, desmaiado em colorido pela decrepidez da civilisação, em seus versos elegantes, e a melancolia do christianismo lançou o seu pallido reflexo sobre as rosas e lirios do poeta de Cythera. Quando a morte lhe roubou aquella que nos ternos braços lhe fizera esquecer a patria, quando em vez de seus beijos ardentes encontrou os labios frios de um cadaver, a eloquencia das lagrimas lhe inspirou este trecho: « Gemei ó rosas! e vós myrthos gemei tambem! Deixai correr vossas lagrimas, jardins viçosos, e vós, syrenes, chorai! Minha amante deixou de existir! a luz de meus olhos extinguiu-se, o sol cobriu-se para mim de densas trevas, e o ceu perdeu suas vivas côres! Vesti-vos de lucto, ó narcisos, e vós tambem, ó lirios! Vertam lagrimas amargas todas as flores. A morte audaz e sanguinaria cortou a minha flôr na tenue haste. Amor, que tanto a choras, onde estava então a tua aljava? onde tuas frechas e teu arco? Morreram as graças e a bel-

lesa; desvaneceram-se todos os encantos e a vida extinguiu-se. »

E em outro trecho :

« Querido rouxinol, cede a meus rogos, e vae á margem vizinha cantar sob a janella de minha amada, até que ella appareça e te receba em sua delicada mão.

« Quando ella te perguntar:—quem és, avezinha, quem te expediu da proxima ilha?—tu lhe responderás:

« Meu senhor me envia aqui coberto de lagrimas e suspiros, para que cante seu penar e seus tormentos »

« Depois abaixa humilde tua cabeça inquieta, e gorgieia com tenue voz, instando-a para que te abrigue em seu seio. Mas, meu queridinho, guarda-te de me seres infiel nesse florido jardim! »

« Digo-te, prohibo-te que toques nesses eburneos thesouros de amor. Se teu biquinho n'elles roçar, ah! eu te cortarei as azas, e não tornarás a ver o teu suspirado abrigo. »

III

Quando a Grecia se regenerou ao echo das marchas das cohortes, que voltavam dos campos de batalhas, surgiram do seio do povo muitos poetas que pelo esplendor do estro pareciam destinados a criar de novo uma litteratura brilhante como o sol da Attica, dourada como o marmore das ruinas de Corintho. Mas a epoca fazia tender os espiritos para a imitação da poesia do norte. Todos os povos iam

buscar a poesia de contemplação em Ossian, o bardo das neblinas fantasticas da Caledonia; e a poesia de acção em Shakespeare, o fundador do drama moderno, o revelador das ideias novas que a idade media fermentára na cabeça do povo, e que haviam sahido de sua penna com toda a energia de vida das raças incultas. Lamartine e Byron, o poeta das Harmonias, e o cantor de Childe Harold, eram os representantes contemporaneos destas duas phases da litteratura, e os poetas gregos, assim como outros poetas meridionaes tomaram-nos por modelos. A poesia hellenica tornou-se triste como as imaginações doridas do norte, desbotada como os horizontes funebres da Islandia, decrepita como as raças que tinham passado pela reforma de Lutero, o despotismo de Luiz XIV, a negação philosophica dos encyclopedistas, e a dictadura sanguinaria da Convenção. Panagiocis e Alexandre Sutzó trasladaram, com magnifico estylo e amena linguagem, para o patrio idioma as imagens, o espirito, e as formulas da poesia contemporanea. Lamentando tão impropia imitação, por engenhos destinados a criar e não a seguir alheias pisadas, não podemos deixar de reconhecer as bellas de algumas passagens como esta:

« Vês as ondas turbidas deste regato? Vês este arbusto amortecido e inclinado para a terra? Esse arbusto sou eu, esse regato minha existencia, e a mobil areia desse deserto o meu porvir. Triste e sombria desliza-se tua vida, ó viajante! Montanhas e nuvens são tua unica companhia, teus amigos deixaram-te na solidão, e a morte apertou os labios da que amavas. Mudam de aspecto os homens e a natu-

reza, tu unicamente, Supremo Creador, és consistente e proteges o viandante! »

Este poema, que deu grande nomeada a seu auctor, é de Panagiocis Sutzó, o mais velho dos dois irmãos.

Alexandre Sutzó no poema o — *Peregrino*,— imitou o cantor de Haydéa, e rivalisou com elle em energia de pensamento. Publicou também obras patrióticas e satyricas; entre as primeiras avulta o — *Panorama das Côrtes Nacionaes*,— em que se revelam as ideias grandiosas, que germinaram nas cabeças pensadoras da Grecia, com a emancipação de seu paiz. Escutemos o excerpto seguinte:

« A Grecia está situada entre a Europa e a Asia como ponte que reúne dous mundos. Com uma mão toca no Oriente, com a outra no Occidente, e separa-os como um arbitro a dous inimigos. Italia, a soberana do mundo, pereceu: gloria á Grecia, que tendo também baqueado, resurgiu do pó; e se, quando cahiu, passou o fanal das sciencias para o Occidente, re-erguendo-se ella irá allumiar o Oriente. Se outr'ora, apesar de estar dividida em republicas rivaes, pôde fundar colonias na Lybia e na Europa, e se guiada pelo grande Mecedonio veio invadir Babylonia, atravez de uma longa alameda de arcos triumphaes, hoje talvez que, unida por uma só vontade, exceda a passada gloria. »

« É por isso, irmãos, que necessitamos outorgar-lhe uma carta digna della, uma carta que não exclua nenhum de seus filhos.... Quantos não suspiram no exilio pela patria ausente? Quantos ha que em albeias plagasvolvem os

olhos para esta terra de promessa, e choram como outr'ora os Hebreus junto aos salgueiros do Euphrates! Não ha muito que percorrendo o recinto de Palermo, lá encontrei milhares de Hellenos emigrados. Na madrugada do dia de Pascoa, subiam vagarosamente com seus cirios acesos até o cimo das montanhas cobertas de gelo, e voltando saudosos olhos para a terra de seu nascimento exclamavam: —Christo resuscitou!—Mas seus olhos estavam inundados de lagrimas... »

IV

Depois destes grandes escriptores, que assistiram ás batalhas da independencia, e que traziam nas faces as cicatrizes da lucta, veio outra geração de talentos, que, se não os igualam em originalidade, tem contudo subido merito litterario. Parmenides, traductor do *Lascares*, de Villemain, é um dos mais notaveis, entre os que ultimamente appareceram.

Mas antes de encerrar este quadro tão rico de promessas para a litteratura, hoje decrepita nos paizes septentrionaes, e que, segundo a opiniões do illustre cantor de *Graziella*, tem tudo a esperar das nações que despertam ao sul, para cantarem sob os raios ardentes, que se reflectem no Guadalquivir que borda Sevilha, no Mondego que rega Coimbra, e no Pireu que dá entrada para Athenas,—resta-nos ainda fallar de Rhizo Rhangari, tão grande talvez como os Sutzos. Rhigas e seus companheiros, martyres da inde-

pendencia hellenica, acharam nelle um Demosthenes digno de tecer-lhes o elogio funebre; o drama a — *Vespera* — é um canto monumental, que perpetuará o heroismo d'esses guerreiros, e a nomeada de seu auctor. Phloros, o protagonista, dirige a sua amada estas strophes, lampejantes como lamina de espada em combate:

« Teus formosos olhos, minha querida, embebem-me em um extasi divino, em que esqueço o meu soffrer, e desvio a vista dos grilhoens que sobre-carregam a Grecia! »

« Eia, minha querida, dá-me uma espada, uma aguda lança e uma rapida nave, e verás como minha voz, retumbando pelos ambitos da terra, e pela profundez dos mares, fará resurgir comigo a Grecia dos passados tempos! »

« Corram tuas lagrimas, minha doce amada; tuas lagrimas que fulgem como diamantes, ornarão nossas algemas, e farão brotar sobre o tumulto da patria um ramo funebre de louro! »

« Minha querida, eu quero dar o derradeiro suspiro em teu amoroso regaço, em uma bella tarde despida de nuvens, e ver, ao morrer, a Grecia libertada! »

Euripedes não negaria esta eloquencia. Quando uma nação achã taes palavras para exprimir-se, tem vida, e esta vida é um horizonte risonho para a litteratura moderna.

Rio, 28 de Março de 1858.

REINALDO CARLOS.

NA MINHA ESTRÊA.

Ter de recitar?—só esta
É que me falta fazer...
É cantar, cantar por festa,
Sem nada ter a dizer?!
P'ra mim cantar sem assumpto
É jantar sem ter presunto,
Sem ter vinho, sem café;
É um dia que se passa
Sem puchar uma fumaça,
Sem fungar algum rapé.

É dos grandes desconchavos
Que se podem idear;
É um *cortiço* sem favos,
É esgotado lagar;
É um *casal* separado,
É um *gralha* deputado
Sem as pennas do pavão;
É agulha sem ter linhas;
Entre esquentadas galinhas
É impotente capão.

É uma *pausa obrigada*
No *bocadinho* melhor;
É ouvir qualquer massada
Em versos *d'arte maior*.
Estar sempre de luneta
Á espera do cometa
No tope dos alcantís;
É ir tomar um sorvete
Levar as mão ao colete
E não ter uma de-X.

É um *pintinho* com gôgo;
Uma sanfona a chiar;
Um fusil que não dá fogo;
Donzella sem namorar;
É bellesa n'uma freira,
É, em fim, a mór asneira
Em que eu podia cahir;
Mas como está muito em moda
N'alta, baixa e media roda
Tenham paciencia, é ouvir.

E já que a palavra obriga
Cumpri o que prometti;
Mas que trabalho e fadiga
Para chegar até aqui?!
Agora, pois, que se atreva
A dizer-me alguém: escreva,

Vamos, recite tambem;
Heide mostrar-lhe de sobra
Não ser páu p'ra toda a obra,
Nem palito de ninguem!

11

Mas porque não farei os meus versinhos
D'extasiar
A uns olhos... de couve, aos labiosinhos
D'um alguidar?

Porque aos deuses não vou pedir de rastro,
No marimbáu,
Que me afastem p'ra longe do canastro
A pedra e o páu?

Porque aos grandes da terra mil affrontas
Não vou cuspir;
Ensinal-os por fim a fazer contas
De *repartir*?

Nem solto um canto livre, arrebatado
Ao meu paiz,
D'onde vim saúdoso e desterrado,
Porque bem quiz;

E a meus feitos de rapaz (fiel memoria
Quão grata me és!)

Coroados de junco e palmatoria,
De pontapés?

Porque não faço logo quando acordo
Chorar, carpir.
Se prantos não tiver, virar de bordo,
E pôr-me a rir?

III

Por acaso eu tenho
Um casco ferrenho,
Ou falta de engenho...
Que o diga eu—não!
Por isso, avante,
É força que cante...
Chamae-me massante,
Será sem razão.

E vós, entendidos,
Se estaes offendidos,
Tapae os ouvidos,
Metei-lhe algodão.
Que em versos de arromba,
Me elevo qual bomba,
Ou vou com a tromba
D'encontro no chão.

Rio, 28 de Abril de 1857.

J. COELHO LOUSADA.

A LUA.

Casta diva, quanto és bella,
Quando no mar se revella
A tua face de prata;
E em noite silenciosa,
Qual divindade bondosa
No arroio se retrata!

Mas tu não tens n'esta terra
Quem solitario na serra
Vá teu brilho admirar,
Ou entre um bosque inredado
Repousando fatigado
Teus frouxos raios gozar.

Mas tu não tens quem aqui
Venha recorrer a ti
Buscando doce prazer,
Nem uma joven formosa,
Que venha alegre, ou chorosa
Confiar-te seu viver.

Aqui não ouves dous entes
Sempre jurando contentes
De se amarem té a morte,
Confiar-te, argentea lua,
Seu amor, a vida sua,
Seu porvir e sua sorte.

Aqui não tens um amante
Que te pessa delirante
Noticias de sua amada,
Aqui não ouves de ausentes
Os protestos innocentes
De guardar a fé jurada.

Nem em verde, ameno prado,
Tens o arroio enamorado
Contemplando-te a sorrir;
Onde tu formosa vens,
Com esses castos desdens,
O teu brilho reflectir...

Volve, volve a outras terras,
Foge, fuge d'estas serras
Onde não tens quem te adore;
Volve, volve ao occidente,
Lá verás bellesa ingente,
Acharás quem te enamore.

Acharás verdes colinas,
Relvosas, frescas campinas,
Onde ouvirás o zagal;
Suas trovas descantando,
Ir alegre caminhando
Recostar-se no poial.

Lá verás lindas cabanas,
E pequenas caravanas
Para casa regressando;
Verás bellas aldeãs,
Jovens, travêssas, louçãs,
Teu clarão vendo e gozando.

Verás palacios dourados,
Onde ricos potentados
Das janellas te admiram,
Verás placidos ribeiros,
Que teus raios feiticeiros
Talvez inda não feriram.

Foge, fuge d'estas serras,
Busca d'entre as outras terras
A minha terra natal,
E vae brilhar sobre as flores
Dessa terra dos amores
D'esse lindo portugal!...

A ARTHUR NAPOLEÃO.

Tambem eu, Arthur querido,
Quero meu canto offertar-te;
Elle é de gallas despido
Das gallas que ensina a arte;
Mas é do peito nascido,
Pobre canto que vou dar-te.

Podesse eu tanger na lyra,
Como tu no teu pianno,
O meu canto então seria
Almo canto sobre-humano
Teu nome eternisaria,
Novo Talberg Lusitano.

Mas a lyra em que arpejava,
No meu mondego ficou;
A corda, que eu mais vibrava,
Fatal destino a quebrou;
Minha musa dormitava,
Teu pianno a despertou.

Meu estro quasi apagado
Não pode o genio louvar,
Nem tão pouco socegado
No peito a voz sei calar:
O que a mente me ha dictado
Ousam meus labios fallar.

Teus harpejos no teclado
Impoem respeito profundo;
Tu és um ente inspirado,
E do ceu baixaste ao mundo,
Para exceder o trinado
Do rouxinol gemebundo.

Diz aos povos onde fores
Que és da terra de CAMÕES,
Da patria do REI DAS FLORES
E de mil outros varões;
Onde generaes pastores
Venceram fortes nações.

D'esse torrão, cuja historia
Não tem no mundo rival,
Que no templo da memoria
Tem tanto filho immortal. ..
Serás tu mais uma gloria
Do teu e meu Portugal.

Um dia, quando homem fores,
Darás ao genio expansão;
Escreve as penas e dores,
Que sentir teu coração;
Ganharás c'rôas de flôres,
Que nunca mais murcharão.

Eia cultiva, menino,
Esse dom, que o ceu te deu;
Acolhe tambem benigno
O singelo canto meu:
P'ra louvarte quanto és digno
Falta-me a lyra d'Orphéo.

Rio de Janeiro 9 de Maio de 1858.

JOAQUIM JOSÉ DUARTE.

SAUDADES.

A Lucia.

Saudade é uma mistura de amor e desejo,
de tristeza e talvez alegria, nascida de
um objecto ausente.

JOUFFROY.

Eu tenho saudades de ti! amo-te e sou alegre, porque
te amo; desejo-te e sou triste, porque te não possuo.

Quando a sós medito no que fui e no que sou; quando
lembro aquella ephémera ventura, que fruímos; quando
choro sobre a triste reliquia de nosso infeliz amor—eu te-
nho saudades de ti!

E sinto n'alma que jamais se realisarão os gratos sonhos
da infancia, quando, em meio de innocentes calculos, con-
fiavamos no poder das fadas protectoras!

Nós acreditavamos tanto, e tanto esperavamos d'essas
creações poeticas, que a imaginação dos modernos apresen-
tou como rivaes aos torvos deuses da antiguidade—que o
Senhor castigou—nos!

Fadas... Ainda ás vezes em noites amenas do estio, ou nas tempestuosas do inverno— quando o soldado, fallando em morte e guerra, faz gelar nas veias o sangue do camponio, que attento o escuto, vem a cuidadosa esposa, com as bellezas de um conto de magas, reconduzir o socego aos filhos innocentes, que choravam amedrontados pela historia do soldado.

E as tristes verdades, que fizeram tremer o homem, são olvidadas pelas doces illusões, que alegraram as crianças.

E então—em vez de batalhas, eram danças innocentes; em vez de sangue, era ouro; em vez de punhaes, eram flôres; em vez de gritos de morte, eram canticos alegres; e em vez de prantos da viuva, eram sorrisos da esposa!

E eu tenho saudades de tudo que pensei e senti, de tudo que possui e gozei.

Quando á hora do crepusculo vou sentar-me pensativo junto á fonte ciciosa, eu deixo illudir-me pelo desejo, vou onde a fantasia me arrebatá; sinto a breve respiração, que exallas; o ligeiro ruido de teus ligeiros passos; e o leve peso de tua mão; sinto... uns labios d'archanjo tocarem-me a face... e sou feliz! Mas volto ao mundo, e tenho saudades de ti!

Então quero ler, quero desviar da vista esse quadro negro, furtar-me ao drama pungente e doloroso, que nasceu de tantas desgraças, todas minhas.

O homem é tão egoista! Vou demandar linitivo no soffrer estranho. Quero curar veneno com veneno, dores com dores! e leio o *Fr Luiz de Souza*, do Garrett:

« Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor, que derramou sobre mim o vaso cheio de lagrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua colera... »

E foi assim.

Quando, em meio de tanto soffrimento, penso que serei, talvez, o unico a soffrer; quando o muito amor, me arrasta ao ciume— eu soffro mais!

E quereria perguntar-te se mente quem jura, ai! se mentiras,... eu desejaria ser o Chatterton suicida, embora ninguem fosse ornar-me a campa de flores, regar as flores de lagrimas!

E ainda assim, eu tenho saudades de ti!..

Rio, Março de 1858.

ERNESTO CIBRÃO.

AI, MULHER.

« Quantas vi saltar-lhe os beijos
« Da bocca ardente e lasciva.

GARRETT.

**Ai, mulher, o que fizeste,
E, mentirosa, soffreste,
Sabe-o só o coração!
Que os momentos, que me deste,
Nunca mais me esquecerão...
Julguei-os serem carinhos,
Da mais mimosa das flores,
Mas vi-lhe só os espinhos
Que me mataram de dores...
Ai, mataram, que esta vida,
Ficou de todo perdida!**

**Tu me enganavas, mentias,
Mas com tal arte o fazias,
Que tarde o vim a saber!...
Se choravas, que fingias
Seio agora só, mulher!**

Via-te triste e sentida,
Tão pallida e desbotada,
Como a flor, que perde a vida
Co' o orvalho da madrugada...
E julgava ser verdade
O que era dolo e maldade!

Eu não sei se sou culpado...
Devera ter escutado
A voz da minha razão:
Era tarde... fui vendado,
Atraz do meu coração!
E perdime... dei-te tudo,
Quanto te podia dar,
A vida, a crença, o estudo
E o meu continuo pensar!

Ai!.....

Como estou arrependido
De me haver assim perdido!..

Devias, rubra de peijo,
Quando te pedisse um beijo,
Tremar; mas tu, sem corar,
Cedeste e... era o desejo,
Que tinhas n'alma a escaldar!
Eras mulher, só; querias
Ter vassallos, ser rainha!
É por isso que mentias,

Amimando a crença minha,
É por isso que juravas
A mentira, e não coravas!..

Devia ter conhecido,
— S'eu não andasse perdido,
Por teus olhos a soffrer—
Que nem uma vez fingido
Conheci em ti, mulher,
Sentimentos de nobreza;
Essa graça indefinida,
Que dá esmalte á belleza,
E nos faz amar a vida!
Anjo perdido tombaste,
Nunca mais te levantaste!..

O amor, que nasce innocente,
Nunca finge, nunca mente,
É singello como a flor;
Torna o sceptico n'um crente,
Leva balsamos á dor
E, despido de desejo,
Tem sonhos, todos nos ceus;
Se finda o sonho n'um beijo,
É mui diff'rente dos teus...
Tu não sabes o que é amar,
Nascestes só p'ra gozar...

Inda assim não te mal digo,
E mais levaste contigo,
Muita crença, que te dei;
Eu não sei ser inimigo
Da mulher a quem amei!
Perdôo-te... e tenho pena
Que n'um corpo tão formoso
Houvesse alma tão pequena...
Eu é que fui desditoso,
Em ter amado na vida
Uma mulher já perdida!

Março, 1858.

FERNANDO CASTIÇO.

OS POETAS DO SECULO XVIII.

I

O calvario do poeta é tambem o seu Parnaso; sem a túnica da pobreza falta-lhe o calor da inspiração.

Gilbert morria no canto escuro de um pardieiro, mas a alma se lhe exalava em ondas de harmonia. Elmano trocava por um pedaço de pão a immortalidade da nação que o soccorria, e a miseria armando-lhe a dextra vigorosa para zurzir as mediocridades felizes, dava-lhe o estro de suas satyras immortaes. Ainda hoje sobre as praias de Moçambique, nas horas em que o sol desce pelas agoas avermelhadas do oceano, os velhos que attavessam a solidão dos areaes, julgam ouvir a voz queixosa de Dirceo, enviando do desterro hymnos de saudade á musa de sua juventude.

Mudai as scenas; substitui ao aposento ennegrecido de Gilbert, ao botequim crapuloso de Elmano, aos areaes do exilio de Dirceo, o camarim atheniense de nossos rimadores modernos: em vez de odes tereis balladas, em vez de sonetos tereis motes a premio.

A musa antiga era pobre, mas de apurados gostos. Erguia-se altiva ao pé do leito esburacado do pobre vate, e dava o braço a este, quando ia consultar as florinhas do campo, para colher imagens risonhas: mas sabia que aquelle leito não estava manchado pela venalidade, e que nas suas excursões não lhe lançariam sobre o rosto baforadas de fumo. No primeiro camarim moderno em que entrou, deu com o seu protegido recostado por insulsa embriaguez sobre macio sophá, tendo a carteira recheada de notas sobre o aparador, entre os braços uma circe desgrenhada e libidinosa, e nos labios tismados o indispensavel rolo de fumo havanez: ante este espectáculo parou surprehendida, e cobrindo o rosto com o seu veu de gaze, sahiu. Na rua imunda do burgo, á porta da tabolagem tomou a musa impudica da orgia, e veio collocar-a á cabeceira do poeta feliz: e a casta musa de Chatterton e Gessner foi esconder-se sob os bosques, que os poetas de hoje trocaram pelos prostibulos.

II

Não condemnemos exclusivamente a geração que passa : o seculo passado tambem teve Piron para cantar a orgia, e viu o velho de Ferney embeber na lama a tragica penna para desvirtuar a heroína de S.^t Remy. Mas ao menos estes não aspiravam ás gradezas sociaes; se queriam dominar, era pela altivez do engenho, ou pela seducção das

immoralidades que propinavam aos incautos. Nunca Voltaire se lembrou de ser intendente de policia, nem Piron preboste de mercadores. Um estendia a mão aos reis, quando estes o assentavam a seu par nos degrãos dos thronos, o outro tambem reinava sobre a mocidade, mas era só rei pela imaginação; ao descer do seu throno ephemero, ia deitar-se sobre a esteira da miseria e ahi dormia a somno solto.

Para terem foros de grandeza os poetas do seculo passado, se eram muitas vezes mendigos como Homero, eram tambem como elle avantajados em saber: não escreviam os hendecassilabos sem nexo ao correr da penna, não lhes sahiam os poemas em andrajos mal ligados, não dispensavam licções de abundante sciencia; antes de improvisarem um soneto, antes de soltar o gemido agudo da elegia, haviam passado longas noites á luz baça da alampada, folheando os volumosos *in-folio* do seculo XVII, investigando as bellezas de Horacio, correndo os olhos pelos quadros das sciencias naturaes, e, quando se erguiam dessas continuas vigílias, o rosto ainda lhes sorria de mocidade, mas os cabellos tinham embranquecido.

Mas estes homens eram Garção que escreveu a *cantata de Dido*, Diniz que immortalisou a velha sociedade catholica no Hyssope, Philinto Elysio que restaurou a lingua de Camões, Quita que do seu humilde estado se elevou a emulo de Theocrito.

Hoje a litteratura facil é a arena que todos percorrem.

Escrepto um romance, lançadas ao vento algumas strophes informes, um mancebo julga-se com titulos á immortalidade.

Pobres loucos !

Os seculos vindouros se debruçarão sobre o parapeito do abysmo em que nos sumirmos, e só ouvirão o estrondo do canhão de Austerlitz e o ruido da locomotiva a vapôr.

Rio, 24 de Março de 1858.

REINALDO CARLOS.

O MUNDO..... QUE IMPORTA.

Ao meu amigo M. J. G. Ribeiro.

I

Ella era a mais linda, das lindas das festas,
E todas, em garbo, vencia—offuscava ;
Em tranças disposto seu longo cabelo,
Que lindo que elle era!—que bem lhe ficava !

A côr de seus olhos, brilhantes, tão lindos,
Pincel não existe que possa imitar;
São olhos que chamam—que dizem segredos,
São olhos que prendem—que podem matar!

Eu vi, á donzella, brincar—lhe nos labios
Sorriso celeste—sorriso innocente!...
Ao intimo peito voou—me o sorriso,
Minh'alma, dos labios, ficou—lhe pendente....

.

Suas magoas me contava,
Mil queixas dizia ter;
E tão sentida fallava,
Que me fez enternecer!
Senti meu rosto incendiado....
De vergonha constrangido,
Nem eu lhe pude fallar;
Porque tambem padecia,
Dentro do peito sentia
Meu coração estallar!

Mas, como sempre, bondosa
Suas magoas esqueceu;
Sempre terna e carinhosa
A linda face me deu.
Beijeilhe a face tão pura!
E ella então com ternura
Seus olhos em mim fitou:
« Ingrato » diz-me sorrindo;
E seus bracinhos abrindo,
Em seu collo me estreitou.

Mas que importa que a face me desse
Que um abraço me desse tambem? !
— A virtude sua alma ennobrece
— Innocencia e pureza contem!

Que me importam *servis instrumentos*
Que se podem ao ouro vergar?!
—Traíçoeiros reptis— peçonhentos,
Que desprezo.... não quero esmagar

Tenho livre a consciencia:—detesto
Miseraveis.... venaes corações!—
E no altar da virtude, protesto
Prestar contas das minhas acções.

J. A. SANTOS GORTIÇO.

REFLEXO.

A C.....

Se eu fora de rosas grinalda formosa,
Quizera teus lindos cabellos ornar,
Se eu fora florinha singella; e viçosa,
Em teu niveo seio quizera murchar.

Se eu fôra criança bem linda e mimosa,
Quizera, sorrindo, teus labios beijar,
E alegre, por vêrte tão meiga e formosa,
Teus doces carinhos quizera gozar!

Se eu fôra uma joia de immensos primores,
Teu collo divino quizera enfeitar;
Se eu fôra uma fita de vividas côres,
Quizera-te a linda cintura enlaçar.

Se eu fora dos campos a briza fagueira,
Nas tardes calmosas quizera emballar
Teu corpo tão lindo, gentil, e formoso;
Quizera teus negros cabellos soltar.

Mas eu não sou c'roa, nem rosa ou criança
Nem vivida fita, nem briza fagueira.
Sou homem que soffro, mas vivo de esperança,
Sentindo no peito paixão verdadeira.

A UMA ROSA DESFOLHADA.

Oh ! mal haja, linda *rosa*,
Essa negra, infausta mão,
Que da roseira viçosa
Foi colher-te, inda em botão!

Tu que, ali, pura e singella,
Ostentavas teu verdor;
Que facinavas, tão bella,
Os olhos do teu cultor...

Porque da roseira erguida
Foste arrancada, sem dó,
De teus encantos despida,
De rojo lançada ao pó?...

Ah! se então me era vedada
A entrada nesse jardim,
Ao apanhar-te, cortada,
Eu choro, por ver-te assim...

Quizera, antes, ter ciume
De ir-te a briza ali beijar,

Que hoje gozar o perfume,
Que dás a quem te buscar...

Que nesse jardim mimoso
Tu podias produzir,
E hoje, em terreno escabroso,
Só vegetas, sem florir!..

E hasde ser aos pés calcada,
Em perdendo o viço, a còr,
Sem que sintas, malfadada,
Um só bafejo de amor...

E quando murcha, pendida,
Te vejam, a fenecer,
Ninguem, p'ra chamar-te á vida,
Irá seu pranto verter!

Nem o remorso pungente
Hade o cruel assaltar,
Que ao ver-te em botão, nascente,
Sem tremer te foi cortar!

Oh! mal haja, linda *rosa*,
Essa negra, infausta mão,
Que da roseira viçosa
Foi colher-te, inda em botão!

Poesia! meiga filha do Senhor, desce do **Empyrio**. Empunha o calix da consolação, esparge em minha alma o balsamo precioso.

Filha do ceu, gentil poesia! volta ao espaço, arrebatame contigo.

O mundo é feio e mau, o mundo é escravo. Povos da terra, sois a fortuna dos reis e a herança de seus filhos!

A poesia, elo, que prende o seu á terra e que da terra ao ceu eleva o homem, é tantas vezes a consolação do triste!...

CAMÕES sentira o doce fogo do archanjo das harmonias coar-lhe n'alma. Vira, á luz sublime da chama angelica, um poema no ceu escripto, e traduzira em vozes d'harpa, o tacito cantar do coração.

Quando, fatigado o corpo pelas dores da alma, lhe tombara das mãos á terra a espada de cavalleiro, o poeta quiz viver de recordações, de famosas recordações, e espargiu no mundo essas **FLORES**, que viverão eternas.

Ide vél-o em **Macau** despertar da morte os filhos da Lusitania, erguel-os do sepulchro á gruta e da gruta á eternidade!

Ide vel-o em Camboja affrontar o pègo irado, fazel-o estremecer, domar-lhe a sanha, dizer-lhe, erguendo um livro: « Lembras? é Gama, são todos, que zombaram d'essa raiva e zombarão agora! »

E vede-o á hora extrema finar-se á mingua, chorar a patria, morrer com ella!

Bem como o zéphiro, que, apartando cuidadoso as verdes folhas de copado arbusto, nos deixa ver a mais pequena e mais valiosa flôr, o canto de CAMÕES veio no mundo mostrar-lhe quanto vale PORTUGAL.

Oh! rei dos poetas! o mais bello florão da tua coroa colheste-o no tumulo de Ignez!

Arrancaste á lousa os nomes dos heróes da tua patria, foste graval-os no altar da gloria, e... CAMÕES, ficaste la!

E se ao dia extremo, se ao grande cataclisma tem de furtar-se uma gloria humana, será o LIVRO de CAMÕES!

ERNESTO CIBRÃO.

O CAIXEIRO LITTERATO.

D'olhar espantado, sonhando c'o a gloria
O sabio caixeiro, é assim que o vês;
Entrou um patinho, não conta uma historia
Não soube agradar-lhe, perdeu o freguez.

Se pensa absorto nas cousas de Roma
Nas cousas dos gregos, das gregas tambem,
Ai! logo se engana fazendo uma somma,
E o amo, coitado, lá perde um vintem.

Se o covado estende ao longo da téla
De luxo, que ás damas arranca bons ais;
Sonhando em amores, aos tombos com *Ella*
Lá deu, despachando, trez quartas de mais.

E então... se elle canta em estylo balofo
Seu Deus, sua patria, seus hymnos d'amor!
Emquanto as fazendas se estragam com mofa
Baratas, e ratos, a traça, o bolor! ..

De noite, das trovas entregue ao deleite,
Que nodoas no panno, nos livros, no chão,
Que montes de sebo, que rios d'azeite,
Que cheiro embirante de negro morrão!

Se o vate, cançado, cahio sem alentos
Nos versos cadentes, na prosa a scismar!...
Só não se recorda da falta de assentos,
E o amo, coitado, que os possa aturar!...

Rio de Janeiro, Agosto de 1857.

J. COELHO LOUSADA.

MOCIDADE.

Mocidade, bella fada,
P'ra que passaste ligeira?
Mocidade, linda quadra,
Linda quadra, tão fagueira,
P'ra que me deste a provar
Ventura tão passageira?

Sibilaste-me na fronte
Só te escutei harmonia,
Foi um gozo de momentos,
Foi o gozo d'um só dia;
Fechei deslumbrado os olhos,
Abri-os, não mais te via.

Fugiste, foram contigo
Os sonhos que me embalavam,
Que de noite, tam fagueiros
Minha mente extasiavam,
Que de noite e a qualquer hora,
Sempre, sempre me cercavam.

As crenças que tu me deste
Não as tenho agora, não,
Tambem ellas me fugiram
Ficou ermo o coração;
Pois sem ti, ó mocidade,
Tuas crenças nada são.

És da vida a primavera,
És a estancia dos amores,
Os caminhos ainda trilhas
Juncados sempre de flôres,
Que se deitam a teus pés,
Que te dão os seus odôres.

Pena é que vás depressa
Quando na vida tu passas,
Que nem aos elos da vida
Os teus elos tu enlaças,
Nem a deixas satisfeita
De tuas formosas graças.

Fruí pouco de teus gozos.
Mesmo assim sou infeliz,
Nunca mais, nunca mais voltas.
O coração m'ó prediz,
O coração ficou ermo,
O coração bem m'ó diz.

Mas ao menos, mocidade,
Já que não tenho esperança,
Conservo desse bom tempo
Uma faqueira lembrança,
Minha fronte entrestecida
Só p'ra ti os olhos lança.

Rio, 28 de Março de 1858.

J. V. D'ALMEIDA CAMPOS.

DUAS EPOCAS E DOIS DESTINOS.

VOLTAIRE E LAMARTINE.

I

Ha cento e cincoenta annos a historia era o livro de pedra, em que as gerações inscreviam as legendas de seus feitos.

Hoje a historia é a voz da experiencia, sublime pelas observações, eloquente pelas provas.

De mudo registro de todos os actos publicos, de espectadora indifferente dos crimes e das virtudes, a historia subiu á posição de juiz severo, que julga todos os actos em relação a Deus e á humanidade. A Deus, porque as leis moraes que criaram, sustentaram e aperfeçoam a sociedade partem de um manancial supremo: da tradiçãõ das primeiras crenças inoculadas no espirito do homem, e confirmadas mais tarde pela revelação, que foi sellada com o sangue de um martyr, que reformou a parte do homem mais rebelde ás theorias, a sensibilidade intima a que chamamos coração.

Á humanidade, porque a historia não conhece deveres differentes, prerogativas de classe entre os directores das nações e aquelles que os elegem, ou lhes prestam obediência: a subordinação de todos os actos ás conveniencias publicas é a regra prescripta aos primeiros e a subordinação

às leis creadas para utilidade commum o limite dos direitos, que competem aos governados.

Mas, para que a historia largasse as vestes negras de scriba, e cingisse a toga de arminho e a espada de diamante de juiz supremo das nações, foi mister grande revolução nas ideias, e que as ideias, descendo das cabeças pensadoras ao amago da sociedade, a sublevassem, e que esta, restituída às fórmulas legítimas de que havia sido despojada, tivesse a consciencia de seus direitos, e referendasse com seu punho armado pelas revoltas a carta de emancipação da philosophia historica.

De onde partiram estas ideias? Como se operou a revolução? A que ponto de consistencia chegou a liberdade de pensamento?

II

Entre os factos moraes e civis, que respondem á primeira e ultima destas perguntas decorre o longo espaço de seculo e meio, que, multiplicado pelo desenvolvimento realisado nas ideias, e pelas descobertas scientificas, que se tornaram agentes accelerados da civilisação, equivale a cyclos inteiros da antiguidade.

Quando Luiz XIV, o ultimo monarcha que, no mundo civilisado, pôde dizer, autorisado pelos factos, que o estado n'elle se resumia, chegou á idade em que o ascetismo lhe entorpeceu o pensamento, em que M.^{me} de Maintenon succedeu em seu coração a M.^{me} de la Vallière, e em que as reideas do estado passaram das mãos activas de Colbert ás

de um padre cingido aos interesses egoistas de sua ordem: a Inglaterra escapava das mãos da reacção catholica para submeter-se á aristocracia liberal, que vedava ao verdadeiro povo o ingresso nos conselhos nacionaes; a Allemanha estava retalhada em feudos, e coberta de instituições barbaras; a Italia deixára de ser o refugio das artes para tornar-se em serva, prostrada pelos vicios á casa de Hapsburgo; em Portugal reinava D. João V, que deixou duas grandes recordações de seu reinado: o mosteiro de Mafra e as visitas a Odivellas; na Hespanha uma côrte estrangeira reunia os destroços da corôa pulverisada dos Philippes, para firmar-se em um throno carcomido pela decadencia e inutilisado pela inercia; e a America, escravizada antes de ser livre, decadente antes de ter florescido, era o apanagio de tres côrtes, que repartiam as suas riquezas entre os afortunados que tinham nascido á sombra de brazões d'armas.

Passou seculo e meio e as scenas d'este quadro completamente se mudaram.

Quando o ultimo dos reis de França desceu de seu throno erguido pelo povo, e derrubado pela incapacidade politica de seus detractores, a França era livre de facto, livre pelo retalhamento das propriedades, livre pela popularisação dos conhecimentos, livre pela iniciativa do povo na tribuna e na imprensa; a Italia fôra chamada á unidade e á independencia por um pontifice, que ainda não mostrára que a grandeza de suas aspirações não correspondia á firmeza de sua vontade; a Allemanha revolviam-se em seu leito gothico de dez seculos, espedaçava as armaduras

oxydadas de seus burgraves, e dos bancos academicos de Heidelberg, de Yena, e de cem universidades, convidava os descendentes dos antigos Teutonios a reunirem-se em conselho nacional, na grande praça de Francfort; a Grã-Bretanha, depois de ter igualado os direitos da burguezia aos dos nobres, depois de ter proclamado a tolerancia religiosa e a liberdade do commercio, entrava na discussão mais radical das reformas sociaes; na Hespanha e em Portugal duas dynastias novas, fundadas nos campos de batalha pelos braços populares, pareciam ligar sua existencia á dos foros nacionaes, porque a negação d'estes era a de sua legitimidade; e em fim a America, livre sem limites ao norte para as raças germanicas, livre ao sul para as raças latinas, só conhecia duas fórmas de organização social: a democratica, que parte da vontade do povo e é por elle governada, e a monarchico-federativa que é a consagração de todos os direitos, confiados á guarda de um soberano que é o defensor da liberdade.

Entre estes dous pontos de partida e realisação passaram cem revoluções locaes ou geraes, desde a sublevação de Boston á de Milão, passaram cem vultos de proporções athleticas desde Washington até Gioberti, viveram cem cabeças talhadas acima da mediocridade, que tinham no pensamento a revelação de um novo mundo moral desde Voltaire até Lamartine, e para apoiar e desenvolver todos os esforços d'estas revoluções e d'estes homens eminentes haviam nascido uma serie de anatomisadores da natureza, que profundaram todos os arcanos da terra, illuminaram as

trevas de seus elementos, e revelaram as forças ignoradas da materia. Chamavam-se estes Lavoisier ou Francklin, Watt ou Fulton, Galvani ou Cuvier.

Paremos ante dous vultos, que se destacam d'este panteon: um na entrada, sobre a escadaria monarchica de Versailles, outro á sahida, no portal democratico da camara de Pariz; um chama-se Voltaire, e tem o sorriso da duvida, outro é Lamartine, e tem a fronte illuminada pela fé.

III

Voltaire foi educado pela milícia religiosa da fé catholica, e renegou os preceitos de seus mestres, para combater o christianismo.

Lamartine foi embalado no berço pelos cantos da proscricção, educado no odio das reformas politicas, que haviam mutilado os brazões da nobreza, e quando se tornou senhor de si pela independencia do pensamento, fez abnegação de seus odios perante os deveres á humanidade, e esposou a causa dos revoltados.

Voltaire achou a poesia prostrada sobre os degráos do throno, banida em Corneille por não ter sido sufficientemente servil, recompensada em Racine por ter adivinhado as tendencias mais intimas da côrte; e de serva tornou-a rainha, dando a gloria ás virtudes civicas na Henriada, banindo o fanatismo no Poema da Tolerancia, inoculando-lhe a alma severa de Tacito nas tragedias que reanimavam a antiga Roma.

Lamartine achou a poesia jungida ás paixões políticas, tyrannica com o ultimo Chenier, injusta para o genio em Chateaubriand, echo das luctas civis da Vendée nas primeiras odes de Victor Hugo; e destacando-a d'esta esphera que não era a sua, d'este ambiente que a gelava, tornou-a angelica sob a inspiração delicada de Elvira, dedicada a Deus, ao amor e á liberdade, sem laços na terra de que se desprendesse, vivendo só para a perfectibilidade moral, que é a sua natureza.

Voltaire encontrou a historia parada nas montanhas da Palestina, até onde a elevára o engenho biblico de Bossuet; cega para a apreciação dos actos politicos, que narrava, parcial para os proscriptos, que não esposavam as suas crenças, menospresando as combinações geraes, em que se fundam os factos mais isolados, — e escrevendo o *Ensaio sobre os costumes*, popularizou a critica philosophica, que devia mais tarde robustecer-se com os exames de Niebuhr, a exposição de Guizot, e os estudos de Cantú.

Lamartine assistira a todos os debates philosophicos sobre a historia, desde Marchangy até Michelet, — debates que se ouviam nos recintos das academias, nos órgãos das parcialidades politicas, mas que não desciam até a sociedade, — e quiz que ella, alem de servir de licção, fosse tambem arma de combate, e escreveu os Girondinos, pregação de liberdade, que destruiu a da sua patria.

Voltaire tinha o espirito muito subtil para crêr, o coração muito apaixonado para perdoar, o estro muito raciocinador para sensibilisar, os instinctos muito voluptuosos para

desprezar as riquezas, a vaidade muito pronunciada para não aspirar ás grandezas da terra, mas tambem o engenho tão vasto e tão admiravelmente pratico que não podia deixar de influir profundamente sobre as gerações, que lhe succederam.

Lamartine tem o espirito tão delicado que não pôde negar a divindade, o coração tão grande que a abnegação para elle é um dever, o estro tão melancolico que suas palavras se exhalam em melodias, os instinctos são virtuosos que só sabe o preço do ouro pela caridade, e as grandezas da terra sempre o acharam sobranceiro, porque onde os outros vêem o poder civil, elle só vê Deus; mas o seu engenho está em contradicção com a epoca, os factos não lhe correspondem ás idealidades, e homem evocado do seculo de Fenelon para poetisar a nossa sociedade avida de ouro, ouviu o ruido da industria abafar-lhe a voz fadada a mais generoso auditorio.

Um parece ter vencido na lucta que encetou; porque ante o christianismo, que é eterno, e que elle julgava combater, estava a intolerancia que cahiu a seus golpes; porque ante as ideias moraes firmadas na religião, que elle queria destruir, estava a ignorancia das verdades moraes, para cuja propagação elle contribuiu, derramando pelo povo os conhecimentos que até então eram o apanagio das classes privilegiadas.

Lamartine porem não teve proseguidores; porque depois de suas elegias vieram os poemas de Alfredo de Musset, seductores pela metrificacão, mas que eram inspirados pelo

sensualismo, e o sensualismo que fez expirar a poesia classica em Petronio, não podia galvanisar a litteratura contemporanea, quando o tinir do ouro soava com mais melodia aos ouvidos de seus apreciadores. Não teve tambem exito a sua applicação da perfectibilidade moral ás sociedades politicas, porque o scepticismo, que extinguiã as crenças religiosas, tambem devia escarnecer da fé politica, e jogar na praça publica com as aspirações sociaes do povo, para satisfazer a ambição dos caudilhos.

Mas rematando este quadro comparativo não elevemos Voltaire, porque teve exito, nem rebaixemos Lamartine, porque não achou echo em nosso tempo: a estatua erguida sobre uma columna que se esconde nos ceus, tem mais duração do que a erupção volcanica que, descendo da cratera, fractura e arrasa a face de um paiz: a erupção é passageira e sobre as cinzas reverdecem os prados esmaltados de flores, e a columna é perduravel porque os raios lhe são inferiores, e os homens se curvam ante sua grandeza.

Quando Catão se suicidava em Utica, já a missão de Christo estava decretada. A Attila, o exterminador, succedeu Clovis, que fundou a sociedade franceza. Omar não pôde impedir com o incendio da bibliotheca de Alexandria que alguns seculos depois nascesse Guttemberg.

A perfectibilidade moral ha-de vingar, porque é o destino da humanidade.

DESTINO.

Ao meu amigo Dr. L. Delfino dos Santos.

Notre existence est un livre,
Qui nous tombe écrit des cieux.

MÉRY.

Cantou-me a desventura o genethliaco
No berço reclinada,
E a pallida tristeza, a deusa pallida,
A nenja regelada.

No campo brojam flores de alva tunica,
Singela, revestidas,
E lês o seu destino sobre as petalas
De pallidez cingidas.

A briza, que perpassa melancolica,
Lhes vae mostrando a morte,

E n'harpa gemedora, em sons propheticos,
Prediz-lhe a triste sorte.

Assim me fôra a vida, em canto funebre
De funebre alaúde
Preditá! E vae sereno e triste o cantico
Do berço ao ataúde.

Em sonhos de innocencia, anjo fantastico
Eu vi mostrar-me flores;
Dos labios desprendendo um riso candido,
Fallar... fallar de amores!

Sonhei!...

Cantou-me o triste genethliaco,
No berço reclinada,
A pallida tristeza. A nenia pallida
Cantou-m'a, regelada!

Rio—abril de 58.

ERNESTO CIBRÃO.

O QUE EU AMO.

Não amo a rosa,
Que de formosa
E de vaidosa
A fama tem;
Amo a belleza
Que tem pureza,
E a singeleza
Amo tambem.

Não amo a flor,
Que sem rubor
Me diz amor,
Que eu não senti;
Amo a donzella,
Pura e singela,
E o labio d'ella,
Que me sorri.

Mulher formosa,
Voluptuosa,
Que, como a rosa,
Quer ser tão bella,

Se fôr faceira,
Namoradeira,
Ou se é loureira,
Eu fujo d'ella.

Eu amo a fonte,
Que sobre o monte
Lhe banha a fronte
Do seu nascer;
E em segredo
Correndo a medo
Lá no rochedo
Vae s'esconder.

—
Eu amo a rolinha,
Que lá, coitadinha,
Na matta visinha
Se esconde a carpir;
Amo a mariposa,
Que adeja na rosa,
E vae orgulhosa
Doçura fruir.

Uns olhos brilhantes,
Faceiros, constantes,
D'amor scintilantes,
Eu amo tambem;
E a face rosada,
Tão pura e nevada,
Qual face de fada,
Qual linda cecem.

Eu amo a bafagem
Da tépida aragem
Que vae á folhagem
Fagueira sorrir;

Eu amo a donzella,
Que meiga e singela,
Ao peito revela
Tão doce sentir,

E o lindo cabello,
E o collo tão bello,
Que ardente eu anhele
Um dia beijar.
Seu collo que anceia
O peito me enleia,
E n'essa cadeia
Desejo finar!

24 de Abril de 1858.

A. J. DE CARVALHO LIMA *

AMOR PLATONICO.

*Fragmento de um poema em prosa, de cuja existencia
o proprio autor duvida.*

Ergue-te, filha de teu pai! que o somno te não roube o innocente prazer de saudar a estrella d'alva, incontestavelmente a mais bella e a menos duradoura das cem mil irmãs. É que a primeira estrella simelha o primeiro amor, que tem em si proprio o germen destruidor, porque não é platónico; e a matutina é a menos platónica das estrellas; porque brilha muito, e o que brilha, tem fogo; e o que tem fogo, arde; e o que arde, consome-se; e o que se consome, acaba. *Talis vita finis ita.* Os primeiros amores são os filhos de Saturno, que o pai devora e, se algum escapa, sem ser Jupiter Tunante, produz um Vulcano... e Vulcano era coxo, forjava raios, o raio vem com trovoadas, a trovoadas traz chuva, a chuva molha, e o fogo, que arde no peito, se não tem ja consumido o combustivel, apaga-se, extingue-se, morre... e adeus, amor! *Prima milia passarorum.*

Ergue-te, imagem vaporosa! O mundo agora, prestes a deixar o veu voluptuoso, que lhe trouxera a noite, sorri alegre, como a joven viuva em dia de segundas nupcias,

Vem! contempla o astro da noite, que perpassa altivo ensinando aos homens como se brilha com *luzente* alheio. A lua é a caixeira do sol, que vende na America enquanto elle vae vender na Europa.

Accorda pois, bella das bellas! vamos sentar-nos na molhada areia, para que o fogo de amor nos não consuma.

E, ao som da vaga, que mormura e vem lambe a terra, que tragar deseja, como o adulator lambe a mão, cujo poder inveja — casarás tua alma com meu espirito — espirito macho com alma femea — e os filhos d'este amor serão platonicos.

Vem, esposa! leremos juntos a historia de uma infeliz, cujo coração mirrado simelha a passa d'Alicante. Os seus ais e os seus suspiros abafados no seu peito, foram figos dos Algarves apertados com palmeiras. Escuta pois:

Zaira, mulher sem nome, era a estrella movediça, que andava d'aqui para ali, quando não estava parada.

Á hora, em que o sol, recostado n'um tilbury d'ouro, sem numero de policia, vae descendo a ladeira do horizonte para contar aos antipodas o que viu n'este hemisferio, Zaira cantou em verso:

Eu pesso-te um suspiro, amor d'esta alma,
Que venha ao peito meu trazer a calma,
Premio de amor!

Ai! eu pesso-te um suspiro,
Que simelhe a voz do tiro,
Ou o rufo de um tambor.

Zaira emmudeceu. O canto fôra ouvido por esse, a quem se dirigira e, momentos depois, jurára-se ali um amor eterno.

Voáva o tempo. A noite viera, com seu manto protector, esconder os dois amantes ao *peso* de alheias vistas. Zaira quiz saudar em vozes da lyra a aurora da sua felicidade. Procurou na relva o melico intrumento, procurou debalde. A noite estava escura, acendeu um phosphoro e... meu Deus! incendiou-se o amor, ardeu a Zaira e o Zairo!

É que o seu amor não era platónico.....

Está conforme o original.

B***

O ASSASSINO.

No silencio da noite—a horas mortas

«

Nas mãos convulsas um punhal aperta
E a lamina buida e os olhos turvos...

(G. DIAS prim. cant.)

Ia alta a noite. O campanario esguio,
Dose pancadas com vagar batera.
Cruzavam ventos, que silvavam livres
Lá, nos espaços onde Deus impera!
Velho carvalho, que guardava o monte,
Eil-o partindo-se,
Raio de morte lhe roçou na frente!

Mimoso arroio, que do val na encosta,
Por entre hervinhas, segredára amores,
Valente agora se despenha iroso,
Róla comsigo da campina as flores,
Cedro gigante que se guinda ao ar,
Agora timido
Co'a ponta ao chão, vem a raiz beijar!

E os ventos silvam, e a tormenta rugem,
E os echos mudos não respondem, não...
Lá, embaixo, o sino badalando implora
Que os homens pensem a Jezus perdão...
Que só Deus póde, co'um sorriso apenas,
Dar-nos delicias,
Quando no peito nos torturam penas.

Lá, bem ao fundo da montanha se ergue
Pobre cabana, que a tormenta abala,
Qual fragil vine, se vareja toda
Quando nos pircaros o raio estala!
Quem vive lá? ali viver quem pode?..
Cabana misera,
Que o vento impelle, que o tufão sacode!..

Chegae á porta; caminhae de leve,
Brando sussurro não se escuta lá...
Ali se estuda da miseria o quadro,
Que o mundo aos homens desgraçados dá!
Vêde, que, a fome quando punge extrema,
Ao justo parte-se
A santa crença, que seu peito algema.

Quem ha que possa corajoso, afouto,
Olhar a morte, e sustentar-se em pé?
Que mais é a fome, senão morte lenta,

Que varre a crença, desthronando a fé?
Andai de manso... respeitai a querella,
No canto lugubre,
Que na aza foge da voraz procella:

Senhor! se vedes contente
Luctar um pae na agonia,
Como podeis condemnal-o,
Se o pae de vos se desvia?

Fui homem: tive coragem,
Ah! vós o sabeis, Senhor;
Quando a desgraça foi minha,
Curvei-me, submisso, á dôr.

Tive crenças, resignado
Traguei todo o fel da taça!
Fui homem, tive coragem,
Arrostei-me co'a desgraça!

E nunca, Senhor, blasfêmo
Contra vós a fronte ergui;
Julguei que ac'rôa de martyr
Me c'roaria... e soffri...

Hoje, não, Senhor, é muito:
Quero crêr falta-me a fé...

Fugiu d'esta alma a esperança,
Seccou qual cedro de pé.

Que importa a honra no mundo,
A virtude de que val,
Se o homem foge á desgraça
C'um só golpe de punhal?

Ai... ver a victima exangue
Estrebuxar com a dôr...
Espicaçar-lhe inda as fendas
E sorrir... é ter valor!

Pobres filhos! qual o crime,
Que desgraçados vos fez?..
Que invisivel mão vos pune
Co'a miseria, co' a nudez?

Se d'um golpe eu só pudesse
Ouvir-vos o ultimo ai...
Talvez ja mortos... Oh! nunca,
Não vos matava... sou pae.

Mas ver-vos, meus filhos, gastos
Pela dôr que vos consome...
É muito, Senhor...

« Oh pai,
« Dai-nos pão... nós temos fome... »

Era a prece lacrimosa,
Que da cabana sahia!
Cada lagrima pedia...
Não era ouro, era pão;
Que importa que se comprasse
À custa do sangue alheio?..
Quem verga humilde a cerviz,
Ao ouro, que lhe arremeçam,
A esse homem não lhe pessam
Uma praga... É um covarde
Alem de ser infeliz...

E o homem caminhou! Vede-lhe a face
Cavada de soffrer. Nem ja a esperança,
Seus passos susta, na carreira ao crime.
Escondido no peito, que lhe bate,
Affiado punhal occulto guarda.
E o homem caminhou. Entre gemidos
À tormenta soltava estas palavras:

« Um assassinio... Ávante,
Ja que o mundo assim o quiz;
O homem vae chamar crime
Ao que é destino infeliz!
Maldita estrella, fadaste
Minha existencia, cruel;
Coube-me em sorte no mundo
Corrosivo, amargo fel!

O coração, que me deste,
Era vaso mui pequeno
P'ra guardar tanto veneno;
Extravasou... e ja agora,
Adiante... é fado, é sina...
Venha o remorso... o castigo,
Maldição de Deus... embora!

E o homem caminhou passos incertos,
E os gumes do punhal olhou com raiva,
Ribombára o trovão, e dous relampagos,
Serpeando no espaço, se cruzaram,
Illuminando de palor sinistro,
Atalhos da montanha, onde se perde
Um pobre viajor... e um peito enorme.

*** 1857.

FERNANDO CASTIÇO.

PRIMEIRO AMOR.

Tão joven ja entristeces!
Os brinquedos ja esqueces
Com que um joven se sorri?
Tu mesmo te desconheces
Nem ja sabes mais de ti.

Porque é que assim te retiras
Dos companheiros? Suspiras!
Os teus desejos quaes são?
Se desgostos ja sentiras...
Mas tão joven... ainda não.

Procuras a soledade!
Sentirás tu ja saudade?
Porem saudade de que?
Ambição! na tua idade
É cousa que se não crê.

Será a sorte futura
Que te enche assim d'amargura

Tambem não, não posso crêr;
Um mancebo nem procura
O presente comprehender.

Se tu amasses — mas córas,
E perturbado m'imploras
Que te diga o que é amar!
Ah ja sei: isso, que ignoras,
Podes ja avaliar.

És adolescente e amas...
Por ora d'amor as chammas
Melancolia te dão;
Mais tarde foge-lhe aos tramas,
Ou ellas te abraçarão.

Mas que tens? Não intristeças.
Nova quadra, que começas,
Se tem ardentes paixões,
Se tem magoas, a par d'essas
Tem bem doces emoções.

Da tua infancia passada
A vida tão descuidada,
Essa nunca voltará;
Mas a tua alma enlevada
Novos gozos achará.

Por ora só incerteza,
Melancolia, tristeza,
Que não sabes definir;
Mas a voz da natureza
Bem depressa tens d'ouvir.

Tu amas sem ter um fito;
Teu amor, por infinito,
Não o podes comprehender;
É como sonho exquizado,
Que procuras entreter.

Eu tambem não comprehendia
A terna melancolia,
Que te fazia scismar:
Teu pensar é poesia,
Teu sentimento é amar.

DESEJOS.

Perdoa-me, visão encantadora
Dos meus constantes sonhos amorosos,
Se nas paginas intimas da vida
Escrevo ós meus desejos voluptuosos...

Perdoa-me... Dos teus olhos brilhantes
Um terno olhar, que sobre mim lançaste,
Fez o sangue subir-me ao rosto pallido :
Minh'alma e meus sentidos fascinaste...

E quantas vezes eu tentei dizer-te
Meus desejos... meus sonhos venturosos!....
Matou-me a timidez de amor as vozes,
Calei meus sentimentos amorosos!...

Mas dos teus olhos as fulgentes luzes
Pelos meus olhos no meu peito enfiaram!
Como estrellas de amor e de esperança
Meu coração — de amor incendiaram!

Oh! se eu pudesse vêr-te, quando ancioso
Dos meus sonhos de amor eu acordasse!..

E ao pé do leito, que os meus ais escuta,
P'ra affagar meu amor eu te encontrasse....

Oh! se eu pudesse ao menos um momento
D'esses, que amor concede aos escolhidos,
Comtigo a sós, ligando-te aos meus braços,
Entre os beijos soltar meus ais sentidos....

Oh! se eu pudesse, quando estás dormindo,
A furto entrar no camarim formoso,
Em que passas as noites, e acordando-te
Achar nos labios teus — riso amoroso....

Oh! se eu pudesse, quando em sonhos vejo
Tua imagem nas nuvens vaporosas,
Desfazer a illusão, tocar teu corpo,
Tê-lo em meus braços horas vagarosas....

Se eu pudesse, depois, aos meus tormentos
Lenitivo encontrar nos teus abraços,
E no fogo excitante de mil beijos
Morrer morte de amor entre os teus braços....

Eu seria feliz!... Que fôra o mundo,
Se o não dourassem amorosas flores?
Que fôra a vida não havendo um anjo
Para, entre affagos, nos sorrir nas dores?

Vem ser o anjo meu!... Altar sublime
Terás com o meu amor dentro em meu peito!
Vem ser o anjo meu!.. Faustosa corôa
Terás de um trovador no amor perfeito!

Vem ser o anjo meu!... Nas horas mortas
Da noite amena, que ao amor inspira,
Virás sentar-te ao lado meu sorrindo,
Hymnos de amores me inspirar na lyra!

Vem ser o anjo meu!... Com azas mysticas
Iremos percorrer a senda aérea!
Vem ser meu anjo, que o serei contigo
Na estancia amena da morada etherea!

Vem ser o anjo meu!... Oh vem, que a vida
Não posso supportar na soledade!...
Vem ser o anjo meu, que alem da campa
Terás o meu amor na eternidade!...

Vem ser o anjo meu!... Ja, não meus versos,
Mas sim os prantos meus, t'ó estão rogando.
Oh! Ja posso dizer que sou poeta
Pois que estes versos te escrevi chorando!

ULTIMAS MELODIAS.

I

A PRIMAVERA NO TUMULO.

À baloia de N...

Doce é morrer quando as flores nascem:
Orna-se a campa de festões de rosas,
E as niveas flores de jasmim fragante
De perfumes a cercam.

A mão da amante pela dôr convulsa,
Pallida sagra uma flor querida
Sobre a pedra, que para sempre occulta
O peito inanimado.

As niveas vestes pelo chão rojando,
A fronte airoza sobre a pedra inclina;
E gotta a gotta as lagrimas lhe escapam
Das palpebras cerradas.

Não é mais bello o lyrio amortecido,
Quando a aza do vento a debil haste
Ao solo curva, e o alvor mimoso
De pallidez lhe tinge.

Troncos saudosos que o futuro indicam,
As verdes ramas para o ceu alçando,
Tristes cyprestes esta scena encobrem
Com a piedosa sombra.

E a leve aragem, que bafeja os labios
Da triste joven, seu cabelo espalha
Por sobre os hombros, que o cinzel de Phidias
Imaginou divinos.

Como é grato pensar que, alem da campa,
Ainda é dado ouvir a voz querida,
Que amorosa acolheu nossos queixumes
Em dias venturosos!

Dá-me, Malvina, que em teu colo expire,
Unindo os labios meus ás roseas faces;
E o teu sorriso, n'essa hora extrema,
Para o ceu me incline.

Ainda o mundo para ti promette
Dias bem longos ao prazer votados;
Mas entre os risos do festim da vida
O coração suspira!

Ah! não te esqueças d'esse amor de um dia,
Que uniu-te apenas ao cantor obscuro,

Quando do estio a estação viçosa,
Em vez da campã, para ti se ornava.

V..... Novembro 19 de 1856.

II

ADEUS.

Adeus! se para sempre elle ser deve,
Embora! para sempre este adeus seja

BYRON.

Labios, que as fibras d'alma me queimavam,
Olhos tão ternos no volver suave!
Airoso colo a palpitar anciado,
Da voz tão doce harmonicos accentos,
É forçoso esquecer-vos.

Relva mimosa, que os seus pés pisavam,
Tarja do ceu, que contemplamos juntos,
Bosque d'amor que affagos incobrirã,
E a perfumada briza, que a beijava,
Para mim ja passaram.

Nas tardes em que o ceu, qual tu formoso,
Sorrindo acolhe as amorosas preces,

Vem, anjo de meus cantos, recordar-te,
À margem do regato fugitivo,
Dos já passados tempos.

Não chorés sobre as flores, que morreram,
Lyrio do valle, que ignorada vives:
Quem sabe se inda um dia, renascidas,
A bella fronte não virão ornar-te
Com immortal promessa.

Adeus, Ocilia, adeus! inda abraçar-te,
Antes da hora que apartar-nos deve,
É lançar em teu peito a minha vida,
É passar-te o meu ser, é doce morte
A teus pés inclinado!

Ouves ao longe aquella voz da tarde,
Que do alto da torre a Deus saúda?
Não sentes, como eu sinto, a cada nota
Do hymno èolio, que desprênde o bronze,
Reviver os teus sonhos?

Sim, minha Ocilia! voltarás um dia,
Mais vasta a fronte, e teu olhar mais triste,
De fulgidas ficções perdido o encanto,
A apertar com teus braços anhelantes
O alquebrado vate!

V..... Janeiro de 1857.

R. G.

OS SONHOS.

(CAPITULO D'UM LIVRO INEDITO.)

Ao meu amigo Reinaldo Carlos.

1

Tenho necessidade de conversar intimamente comigo mesmo.

A consciencia, como acordando de profunda e prolongada lethargia, pede-me humilde e submissa a concentração do espirito para me julgar n'um severo tribunal de contas. Suaviza-me a sentença e alenta-me para a expiação! Sinto a meu pezar não encontrar, em toda a minha filosofia calculada, reacção justificavel a este chamamento intimo! Aqui ha o que quer que seja que me não é permittido devassar.

A noite vae alta e em mais de meio. A voz de Deus falla no ribombo do trovão, e no fuzilar esverdeado do relampago, que, de quando em quando, illumina as paredes d'este quarto com um fogo fatuo, que me cega e accobarda. A tempestade desdobra-se, terrivel como a

maldição de Deus, pelos visos agrestes das montanhas, e o vento enroscando-se por essas florestas virgens, sibilla um gemido soturno como um toque a finados! Os rios ressaltam de catadupa em catadupa, e despedaçando-se entre si, rugem lá no fundo um hymno melonho como o psalmejar de demonios!

Que noite, meu Deus!

Se a estas horas, n'algum leito d'agonia, ha quem estrebuxa o derradeiro paroxismo de moribundo, como deve ser doloroso o aproximar da ultima pancada da vida ao coração do infeliz! Fortalecei-lhe as crenças, Senhor.... Serenae a tormenta, que pode ser-lhe um presagio sinistro para a alma !

Ao menos a esperança....

Quem sabe se o condemnado, de tunica e barão, que a sociedade, em nome da lei, manda do oratorio ao aparelho ignominioso da forca, move o pé ja tardo, crava os olhos embaciados no crucifixo, que aperta ao coração, repete crente as palavras de consolação que o padre lhe murmura ao ouvido e pende a cabeça sobre o peito, como evitando o olhar fito da populaça, porque a esperança, anjo de azas brancas, adejando nos degraus da forca, pairou na cruzeta infamante, e lhe mandou de lá ao coração os raios beneficos do seu poder?—

Quem sabe se essa victima, que a lei, crendo lavar uma ferida com sangue, manda immolar no logar mais alto da praça, como rez algemada, para que as turbas apinhadas não percam uma só peripecia d'este drama de sangue, cré

ainda tornar a ser homem, despir a tunica do condemnado, desdar o nó do barço, apertar ao coração a consorte afficta e lavar com lagrimas e beijos a legenda degradante, que a sociedade estampára na faee innoente de seus filhos?

Oh! a esperança é a mão mysteriosa, que nos acompanha nas paragens duvidosas da vida.

E quantas vezes entre ella e a realisação dos sonhos se não mette de permeio « a sepultura e a morte »?...

Os relampagos succedem-se e allumiam, pallidos, todos os objectos do meu quarto! Eu tenho medo e não posso fechar os olhos do corpo, porque os da alma atiram-me á vida passada, que me horrorisaria mais do que a tempestade, que ruge violenta. Sentimentos eontrarios tumultuam-me desordenadamente na cabeça, como se fossem os ultimos pensamentos do suicida, que quer justificar a fraqueza d'alma, e a desesperança do futuro!..

II

Aquelle sonho foi terrivel de mais para se não reproduzir acordado, todos os instantes. As imagens eram muito vivas e conhecidas, as feições muito salientes, o colorido muito carregado, para se desvanecer como a columna de fumo.

Eu não sei se foi pesadelo, porque acordei suffocado e

aflicto, como quem desperta e vê a ponta buida de um punhal, que lhe vae certo ao coração. Eu quiz, então, fallar, desilludir-me, chamar-me supersticioso, porem os labios estavam mudos e immoveis como os do cataleptico! E, sonho ou pesadello, parecia-me a reprodução diabolicamente fiel d'um drama de lagrimas, que julguei apagado pelo tempo, e escondido, para sempre, debaixo da pedra de uma sepultura raza....

Eu estava n'um cemiterio desconhecido. A lua ia alta e clara. Largas ruas, abaúladas e debruadas de murta, cortavam-se em todas as direcções. Ciprestes, symmetricamente collocados, erguiam-se direitos e esguios atirando a sombra ao longo dos quarteirões, a sombra melancolica e negra, tremida pela briza macia do vento do suão. No centro, onde iam morrer todas as ruas, levantava-se uma cruz grande de pedra, que uma coroa de flores murchas e seccas enfeitava no topo. Aos pés da cruz havia degraus tambem de pedra, e nas juntas d'elles nasceram cravinas e saudades desbotadas.

N'um angulo de um dos quarteirões a luz amarellada d'uma pequena alampada vacillava sobre uma sepultura, que tinha, por unico adorno funebre, uma cruz de pau levantada á cabeceira. Uma mulher ajoelhada, com as mãos entrelaçadas e apoiadas sobre o joelho, era immovel como a estatua de marmore chumbada no tumulo do rico, onde a vaidade se alimenta. Os olhos não se volviam, os labios não pareciam rezar uma supplica, nem balbuciarem tremulos uma oração! Os cabellos, negros como os seus vestidos,

cahiam-lhe soltos por sobre os hombros. A lua, apparecendo fóra da folhagem espessa de um cipreste mais alto, bateu-lhe sobre a face e deixou-me ver a pallidez do soffrimento, a resignação de martyr, aberta e entalhada na face cadaverica da infeliz. As lagrimas, ardentes como as lavas de vulcão, quando passaram por aquella face livida, deixaram sulcos profundos, que só a terra da sepultura viria a encher!..

A lua passou a esconder-se por detraz das torres da egreja. E a pobre mulher sempre immovel!..

Como será doloroso o soffrimento, a afflicção angustiada do coração, que não póde chorar, nem rezar aquellas horas en'aquelle logar!?

Depois bateram vagarosamente as dose pancadas da meia noite, e ella estremeceu ligeiramente. Quando a ultima badalada morria soturna e gemedora pelos angulos do cemiterio, uniu os labios na cabeceira da sepultura, e beijando depois a peanha da cruz, murmurou baixo estas palavras, que se me gravaram no coração, como se lá fossem abertas com um cinzel de fogo: — *perdoa-me, minha mãe, porque ja lhe perdoei...* — e levantou-se.

As grades do cemiterio abriram-se-lhe, não sei porque mão mysteriosa, quando sahia, e rodaram depois fechando-se.

Vagou apressada por muitas ruas, atravessou largos, cruzou praças, sahio do povoado e sentou-se depois n'um marco da estrada. Pendeu a cabeça sobre o peito, e uma tosse secca e cavernosa veio agitar-lhe convulsivamente

o peito, que parecia já affeito áquelle tossir rouco dos tísicos.

A poucos passos d'ali, o palacio d'um fidalgo fantásticamente illuminado, via descer pelas voltas espaçosas de suas escadarias de marmore muitos nobres de sangue e de dinheiro, que deixavam com saudades os salões do baile, onde cingiram, no doudejar frenetico da walsa, a cinta flexivel das namoradas; onde os protestos d'amor se sellaram com um leve aperto de mão: onde muitas coroas de virgens sentiram roçar-lhes o halito venenoso da seducção estudada, e onde a innocencia insensivelmente aprende a trilhar o caminho juncado de flores e de risos, que occultam os espinhos e as lagrimas.

Os *fidalgos* passavam e não houve um entre tantos que perguntasse á desgraçada se tinha fome, ou lhe desse, por caridade, um olhar de compaixão. Muitos passaram ainda e não a viram. É que a jura, principiada nos salões do baile, precisava acabar-se, e não se deveria perder um rapido olhar, que podia ajudar a mentira dos labios!

E a desventurada tossia agora com tanta força que parecia estalarem-lhe os tecidos e ligamentos do peito.

As donzellas e solteiras passavam vestidas de branco, como noivas, e desviavam-se apressadas da sombra contagiosa da mulher, que para ali estava curtindo martyrios, que não valiam, para ellas, nem se quer uma lagrima fria.

Entre tantas, que passavam rapidas, como o anjo da

innocencia, que encolhe as azas candidas para as não poluir: não haveria alguma que escondesse debaixo das sedas menos nobreza de sentimentos, e mais paixões criminosas, desfiguradas pela conveniencia ou educação?

Creio....

Todos passaram, e a tysica não viu nenhum. Os olhos da face estavam empanados de mais para distinguirem quem áquellas horas cortava a ençruzilhada da estrada, e os da alma eram tão longe de lá como o mau pensamento está longe do espirito do justo.

Depois de muito tempo, levantou-se e ergueu a cabeça para o ceu. A lua ainda era clara, como ha poucas horas: fitou-a serena e sorriu um sorriso indifferente, continuo, como o riso steriotypado nas feições contrahidas do idiota, e acabou por uma gargalhada tão forte d'estalido, que passava o ver como aquelle peito debil escarnecia assim de suas dores. Depois saltou, como ajudada por uma mão mysteriosa, as grades de ferro do jardim, onde, ha bem poucos instantes ainda, os convivas do baile respiraram o ar puro e livre da noite debaixo das copadas magnolias, que o adornavam. Correu todas as ruas do jardim, e cortava e arrancava as flores nascidas e abertas por entre os peões de murta, onde a mão assetinada do cavalheiro não se atrevêra a chegar, nem a luva entesada da dama tocára, com receio de manchar, mesmo de orvalho, a alvura de neve da pellica luzidia...

Juntou-as no regaço, saltou outra vez as grades, e sen-

tou-se no marco da estrada. Limpou a testa do suor glacial, que lhe corria em bagas, e fallava... não sei o que: era assim como o murmúrio sereno e socegado, que a briza das noites de agosto faz crespar em ondulações tremidas e mansas.

Quando acabára de pôr como em linha de combate a última flor, saccudiu os cabellos, alisou-os com os dedos e arrancou com a força da demencia uma grossa madeixa delles. Devia de sentir dores agudas, porem soffreu-as, se aquelle corpo ainda era susceptivel de sensibilidade, sem as feições se lhe contrahirem. Teceu depois uma coroa das flores, ligou-a com os cabellos, pôl-a na cabeça, cruzou os braços, e permaneceu quieta como o marco em que se apoiára. Eu, silencioso como ella, não perdia o seu menor movimento. Já então sentia como que uma mão de bronze, que me obrigava a vergar ante aquella dor profunda, e a consubstanciar-me, não pela sympathia indefinida da irmandade do soffrimento, mas pelos espinhos agudos do remorso! Eu queria contemplal-a de perto, enxugar as gottas d'aquelle suor depurado pela angustia, porem o pé tardava-me, como se estivesse chumbado n'uma pedra, e a anciedade e o medo abatiam-me e prostravam-me...

A douda levantou-se rapida, como se fôra impellida pela força mysteriosa da pilha galvanica, e estalou uma gargalhada convulsiva e satanica. Levou, depois, como obedecendo a um pensamento intimo, as mãos á coroa, e desfolhou-a flor a flor, folha a folha. Então já não era

aquella estatua muda do cemiterio: a vida regurgitou-lhe instantaneamente, e a agilidade do corpo mostrava um accesso de loucura. Quando as flores se espalhavam no chão, e estalaram os cabellos que as prendiam, ella calcou tudo desapiedadamente e fugiu a assentar-se no degrau que servia de peanha á cruz partida. Era a Magdalena a carpir peccados aos pes do Christo, porem quem sabe, se com menos edificação d'arrepêdimento!...

A tosse rouca e violenta tomou conta d'aquelle corpo meio cadaver, e os echos acordavam as quebradas dos outeiros visinhos. Poucos instantes depois, a douda, como prostrada á violencia da tosse, dormia, encostada à hastea da cruz, um somno sobresaltado, que parecia cheio de sonhos vagos, como os do delirio de uma febre dinamica. Fiz um esforço sobre mim, e consegui, manso e manso, chegar até perto d'ella. A aragem da noite havia-lhe atirado os cabellos sobre o rosto; não pude então distinguir-lhe as feições, porem, se o destino lhe medisse a belleza pelo soffrimento, devia ser formosa como um anjo.

Eu cruzava os braços e parecia-me encontrar n'aquella mulher a virgem de ha dez annos, formosa e linda, como a infancia, que eu arrancára do leito da mãe, e impellira depois, sem honra e sem mãe, n'uma noite de tormenta como esta. Eu tremia.

Quando em intimo exame combinava a similhaça das fórmãs, e dos cabellos d'Amelia com a douda, esta estre-meceu ligeiramente e balbuciou o que quer que fosse, que

não pude ouvir-lhe. Depois, serena como uma magueti-sada, sonhava assim:

« Aquellas flores não eram minhas.... Eu ja tive tam-bem no mundo uma coroa de virgem, porem calcaram-m'a e cuspiram-lhe... As flores d'ella deviam de ser muito mimosas... Eu sei-o porque n'ó dizem os espinhos, que se despegaram de lá, para se me enravaram no coração... Minha mãe soube-o tambem, porque morreu varada por elles. ah! minha santa mãe, como foste mais feliz que tua filha!.. Morreste, e eu não pude acompanhar-te, por-que ainda tinha lagrimas que chorar, e tu derramaste-as todas n'uma noite... Poucas horas te bastaram para de-purares na terra os soffrimentos, que te dei... Ungida de crença e resignação de martyr, sorriste quando o anjo da morte te roçou a face, para guardar-te o derradeiro sopro de vida....

« Mas eu amava-o tanto... queria-lhe mais que a ti... que te abandonei no teu leito pobre, sim, mas sem mancha, para o seguir á ventura ou á desgraça, ao ceu ou ao infer-no! Perdoa-me, minha mãe, para que eu morra mais socegada!... Eu ouvi dizer que ao sepulchro só chega o perpetuo esquecimento, para os que passaram no mundo... Deixai-me morrer; que ninguem irá levantar a dobra do lençol, em que me involverem, para escarnecer da mãe que perdoou á filha deshonrada, que ali está nas val-las do cemiterio... A sepultura é muito fria para lá chegar o calor da affronta cuspidá na face do cadaver... O mundo

tem medo dos mortos, por isso concede-lhes a paz... »

E as feições contrahiram-se-lhe d'um modo terrível, porém não descerrou os olhos. O corpo sacudiu-se-lhe como se repentinamente o encostassem a uma maquina electrica, e em seguida pendeu insensivelmente a cabeça sobre o peito e calou. Bem quizera eu retirar os olhos de lá, porém, mudo como o soffrimento, que se não debulha em lagrimas, consubstanciava-me involuntariamente com aquella dor profunda. Um suor frio gelava-me o corpo, e eu assistia áquella scena dolorosa, forçado, como se um demonio me sustivesse pelos cabellos, para me obrigar a recolher a ultima maldição da victima, e cuspir-lhe escarneos, quando a derradeira lagrima apontasse fria nas palpebras do moribundo...

O silencio foi curto e interrompido pela douda, que, articulando sons inintelligiveis, parecia reatar o seu sonho cruel. Depois, mais socegada, fallava assim:

« Elle alisava-me os cabellos e trançava-mos com flores, que apanhavam ambos, quando contavamos segredos nas noites de luar.... Elle não queria que eu lhe fallasse de minha mãe, e eu fui tão má, que a esqueci, como depois me esqueceram

« O meu crime deve ser muito grande, e eu fraca de mais, para a sua expiação... Sinto o remorso como no primeiro dia, rala-me sempre, persegue-me como a sombra, e as forças faltam-me, e a tosse mata-me... Mas eu não estou louca... as mãos que apertam ao peito os seus filhinhos.

dão-me a esmola de pão e não me escarnecem com este nome... Eu pesso todos os instantes perdão a minha mãe, e rezo muito ao anjo da guarda para que velle sempre á cabeceira da sua sepultura... Aquella cruz, que lá está, fui eu que a colloquei ali, porque a sua sepultura era liza como o lençol da mortalha... Tenho soffrido tanto, e comtudo o coração ainda me não disse que estava perdoada..

« Quem sabe se minha boa mãe amaldiçôa os meus sonhos, nos quaes tenho saudades do homem, que me matou assim?... Mas se eu tenho ainda tantas saudades... Como no primeiro dia, elle falla-me de um amor eterno, e colhe as florinhas para me ennastrar os cabellos... Agora mesmo o vejo ali... triste e compadecido... O amor tornou-se em compaixão. e as flores pallidas e desbotadas como as rosas do cemiterio.

« Como foste mau e ingrato! Deixa-me ao menos só na expiação, para minha mãe me perdoar Desfolha-me uma flor na sepultura, e enfeita a minha cruz com aquelle ramo de goivos e perpetuas que te deixei, quando me empurraste de ti. »

Não tive tempo de tremer. Uma força occulta e mysteriosa atirou-me aos pés da desgraçada.

—Amelia, Amelia, acorda, que me matas.

« Ah! es tu?... como estás pallido! . Vens trazer-me o perdão de minha mãe? Eu ja te perdoei. O coração não t'o disse?

— Amelia, perdoaste-me? Como eu fui mau! Amelia, vive para o futuro.

« O futuro?. foi para mim uma luz muito mortíça e frouxa; o primeiro sopro da desgraça apagou-me a esperança.

— Amelia, o futuro, o futuro.

« Não, é muito tarde. adeus!

Vergou a cabeça sobre o hombro esquerdo, e eu acordei sobresaltado, como, ao despertar, o criminoso.

FERNANDO CASTIÇO.

DEVANEIOS.

Ao meu distincto amigo Ernesto Cibrão.

I

Ja o sol terminando o giro ardente
Da tarefa diurna,
Duvidosos se viam no horizonte,
Dardejando no cume da montanha
De escavado granito,
Os seus raios, ha pouco deslumbrantes!

Ja das aves o peregrino cantico
Era toda saudade.
O brando ciciar das seccas folhas,
E o mavioso sussurro de uma fonte
Era para minh'alma
Um misterio de notas de harmonia.

Oh! quanto é bella assim a natureza,
Ao declinar da tarde,
Em placido remanso contemplada!

E quanto se aquilata a pura crença
Da teu Ser, oh meu Deus,
Nesse painel sublime reflectindo!

Fascinante Voltaire, eu te detesto!
A minha incauta mente
Quizeste seduzir com favos torpes;
Se do meu coração rompestes as fibras,
Lá do centro, bem fundo,
O fogo renasceu da fé mais pura!

Foi á sombra dos troncos seculares
Dos pinheiros d'Armenia,
Pelas margens do Nilo caudaloso
E por florestas virgens divagando,
Que surgiu, magestoso,
O inspirado cantor do christianismo!

Negrejantes clarões da Encyclopedia,
No seculo *illuminado*,
Forcejam transmudar o mundo em trevas:
Os baluartes da fé tremem... vacillam...
O mortal, offuscado,
Os carmes de David repelle insano!

Que torrentes de luz, prodigo, espalhas,
Chateaubriand divino!

Que estranhas commoções sente minh'alma,
Por sacro-sancto fogo illuminada,

Extatica buscando

O Ser supremo, necessario á mente!..

Em teus vãos, immenso Mont'Alverne,

A sã philosophia

Um bronzeo pedestal fundiu eterno!

No prisma doloroso, que te cerca,

Realce venerando!

Nós vemos o teu ser predestinado.

O resto dos Varões, lastrando o sólo,

O colyseu tombaram!

A purpura Cesárea, ensanguentada,

Quiz arrojar, com pavida soberba,

Aos seculos vindouros,

De torpe embriaguez vestigio infando!

Mas, lá do coração do priséo imperio

Nos restos cadavericos,

O báculo sagrado impéra sempre;

Verdade eterna não fulminam eras!

O Ser Omnipotente

Nas alvejantes cãs grato confia.

II

O astro da noite ja vejo surgindo

Na encosta do monte, por entre o ramal,

Seu pallido brilho se espelha nas aguas,
E brinca na relva, tapete do val.

As nuvens faceiras ondulam nos áres,
Do disco se afastam em doce fugir;
No azul duvidoso do manto da noite
Vem lindo mosaico meus olhos ferir.

Recorda-me a patria, que tenho perdido,
O eden terrestre, meu bom Portugal;
No ambito interno do peito saudoso
Impéra no centro o amor filial.

Ainda na infancia, lançado á ventura,
Do ninho paterno roubado em nudez,
Por terras estranhas incerto vagando,
Eu sinto-me ufano de ser portuguez.

Quem ha tão despido da graça celeste,
Que possa sem garbo a patria exaltar?
Quem ha tão mesquinho, que negue ternuras
Aos entes, que o berço nos foram embalar?!

III

Onde vôas, pensamento?
É mister teu nobre intento
Por momentos deslerrar;

Um anjo ressurgue iroso,
Que no meu peito saúdoso
É senhor, quer imperar!

A um languido sorriso
Invariável, preciso,
Quem poderá resistir?
Ao poder da formosura,
Às promessas da ternura
Fôra loucura fugir!

Ai, só tu, que és o modelo
Mais primoroso e mais bello
De formosura ideal!
So tu podias da mente
Repellir tão docemente
O poder material!

Mas tambem que importa um riso?
Que valia um paraíso;
Que nos deu notas de amor?
Se as notas foram perdidas,
Todas por ella esquecidas,
E o ceu não tinha valor!

Ai, não tinha! Foi mentido!
Foi sonho desvanecido,

Que partiu-me o coração!
Foi a minha harpa quebrada,
E por ella espesinhada,
Amortalhada no chão!

Foi o bulicio da vaga,
Quando traioeira affaga
Linda conchinha a boiar;
E n'esse brinco galante
A concha vae delirante
N'esse abysmo naufragar.

Eu sou a concha perdida,
Que affundou embevecida
Em tão magica illusão;
Mas talvez seja salvada,
Com ternura recatada,
Sem temor da perdição!

Que dirá quem me visse em pé, scismando,
Ao longe a vista incerta?
Que dirá quem escutar meus *devaneios*,

Os discordantes sons da minha lyra,
Que baixo, a sós comigo,
Allivio busca dar ao peito afflicto?

Inda bem que estou só. Se alguém me visse,
Diria eu ser um louco!
Mas ai! fui tão feliz!.. Vamos ao leito,
Só das brizas da noite acompanhado.
A natureza é muda,
Saberá respeitar os meus segredos.

SANTOS PEREIRA.

A VINDICTA PUBLICA.

Uma discussão na rua, em pleno dia, tem seus attractivos; dispensa a discrição dos que passam, quando não padecem de surdez, e pode inspirar algum escripto philosophico, de virtudes incontestaveis, superiores mesmo ás do *Xarope do Bosque* ou ás das *pilulas* da vida. Não digo isto na presumçosa intenção de recommendar o meu como um escripto philosophico. Deixo a sua apreciação para os momentos de ocio de qualquer Aristarco moderno, a quem ao mesmo tempo incumbo a tarefa de communicar ás Academias o resultado do seu trabalho. Foi uma discussão ácerca dos romances, verdadeiras *arcas de Noé* da moderna geração, que me suggeriu o *immenso* trabalho intellectual, que tenho a subida honra de ler-vos hoje.

A utilidade dos romances é incontestavel; é uma especie de litteratura de cem cabeças, que se accomoda a todos os gostos e caprichos e com especialidade aos... livreiros. Tem a vantagem de produzir uma somma estupenda de conhecimentos sociaes, applicados ás artes, e com preferencia á mecanica. Não fallo dos que se adquirem da historia; a historia é a base principal d'essas grandes peças de architectura!.. não importa que a historia reclame em altos berros a verdade dos factos! Educam a mocidade, principalmente aquella que leu apenas... a cartilha do Padre Ignacio, ou o Thesouro de Meninas!.. Na forma porem é

que está a grandeza d'este ramo de litteratura. Os romances *in folio* são os mais estimados; é uma forma de apparatus, que tem a dupla vantagem de encher as estantes da nossa bibliotheca, e ser o viveiro da traça, algumas vezes tão util e proveitosa como os proprios livros. Se taes romances forem illustrados, e sobre tudo de notas, então devemos preferir ás outras a forma em questão.

Quem tiver estudado economia politica achará aqui a *dissolução* de um problema magnifico. O fundo... o fundo está na maior ou menor belleza dos typos e na arte, com que os compositores collocáram os periodos. É uma burla pré-garem-nos que o fundo litterario dos romances participa como resultado do estudo de usos e costumes, de estylo e de linguagem. Os usos e costumes inventam-se. Com tanto que a casaca e a luneta pertençam ao seculo XIV, o manto e o gibão ao XIX, não importa e resto. O estylo... o estylo é o homem, disse Buffon. Os romances produzem quasi sempre muito dinheiro; o dinheiro recomenda o individuo, e eis ahi porque poderemos inverter depois a maxima do sabio naturalista dizendo: o homem é o estylo. A linguagem... quanto a isto quizer fazer ponto final. Direi sempre que, apoz a extincção da *commissão* de *censura*, tem feito a linguagem espantosos progressos na belleza, pureza, e decencia d'ella, isto não obstante os repetidos protestos dos filhos bastardos do tribunal.

Não tem razão; se é o progresso que nos autorisa a degradar para o polo arctico o velho e carunchoso de nossos

maiores, como declarar guerra ao progresso?! A utilidade, pois, dos romances está superabundantemente provada. Debaixo do ponto de vista instructivo.... O romance instrue; é uma verdade provada. As mulheres sobre tudo acharão n'elles exemplos soberbos, cuja pratica deve necessariamente contribuir... para o augmento da população. *Recommendo* isto aos economistas. As cartas de *Julia* a *Saint Preux* não lhes forneceriam mais condições necessarias á vida social, como a entendemos e observamos hoje. Que tocantes exemplos para as moças, que acabaram de sahir do collegio! Que virtudes a seguir pelas mães de familia, que não passaram ainda o *cabo tormentoso*. Que descripções pateticas, não só para aquellas que passaram o *cabo tormentoso*, como tambem para as que se aproximam da neve dos *Perineus*!...

Oh! em cada volume ha cincoenta, cem e mesmo duzentos exemplos de virtude! Em cada pagina mil transportes de amor e de dedicação! e em cada linha meia duzia de banalidades transparentes, ou de calva á mostra, o que vem a ser quasi a mesma coisa! Em fim, hade ser aos romances que deveremos ainda a descoberta da quadratura do circulo e da pedra philosophal.

É por isto e por outras coisinhas mais, que eu exponho taes escriptos á vindicta publica, á perseguição dos pais e sobre tudo dos maridos, beatos e beatas.

Abril de 1858.

XAVIER PINTO.

COMO ÉS LINDA.

A B..

Tu és bella, como é bella
Linda aurora a despontar;
És formosa, como a noite,
Quando amena e de luar.

Tu és linda, como é lindo
Um puro ceu côr de anil;
Tu és casta, como é casta
Uma caricia infantil.

Tu és doce, como é doce
Uma nota harmoniosa;
Tu és meiga, como é meiga
Candida pomba, mimosa.

Tu és pura, como é pura
A branca rosa singela;
Da cecem tens a candura,
Mimosa, linda donzella.

Reunes mil attractivos,
Tens todas as perfeições;
Um só volver de teus olhos
Atêa ardentes paixões

Ninguem póde resistir
Á tua graça e belleza,
Tu és o ente mais lindo;
Que creou a natureza!

J. BELMIRO DA SILVA.

ABAIXO OS BIGODES.

Deixa-te, amigo, de petas,
Somos o que parecemos,
E só pelas taboletas
No mundo nos conhecemos.
Se fazer vasa não podes,
Mudarás de frontespicio.
É pequeno o sacrificio:
Abaixo os bigodes.

Se queres provar do bolo
Do dote de alguma bella,
Julgue-te ella um deus Apollo,
A mamá dirá: « Cautella!

Elle tem cara d'Herodes;
Dar-te-ha, filha, mau trato;
Tem bigodes como o gato. »
Abaixo os bigodes.

Pretendes *sociedade*?
Deligente, cuidadoso
Faz ao patrão a vontade;
Inda assim, és orgulhoso.
Embora deixes pagodes,
Por commerciaes desvelos,
Teu atrazo está nos pellos:
Abaixo os bigodes.

Caritativo, devoto
Vas á missa e ao sermão,
Só se Deus te aceita o voto...
Ca na terra se rirão.
Mal irás, se não accodes
Ao murmurar dos pais velhos.
Vamos, segue os meus conselhos:
Abaixo os bigodes.

Eu bem sei quanto é gostoso
Torcer do bigode as pontas,
E fazer, com ar garboso,
Das beidades umas tontas;
Porem, rapaz, não t'engodes.

Ser manhoso é que é preciso.
Sè dos meus e tem juizo:
Abaixo os bigodes.

Os bigodes deixa ao bravo,
Que tigres quer imitar,
—Inda que, do junco escravo,
Qual macaco o vês pular—
E tambem a quem faz odes,
Para que melhor distingas;
Este ornato é só dos pingas:
Abaixo os bigodes.

•
Isto ouvindo, em voz sonora,
(Era um aviso terrestre)
Fui correndo sem demora
E gritando: « ó lá! ó mestre,
« Quero ja, ja que me podes;
« Que disto me virá ganho:
« Acima as caras d'estanho,
« Abaixo os bigodes.

Rio — Maio — 1858.

J. COELHO LOUSADA.

ACIMA OS BIGODES.

Deixa-te, amigo, de petas!
Não somos quem *parecemos*,
Nem só pelas *taboetas*
No mundo nos conhecemos;
Se o bigode usar *não podes*,
Adornando o *frontespicio*,
Não te cegue o *sacrifício*:
Acima os *bigodes!*

Levar nas mãos muito *bolo*,
Despresado ser da *bella*,
Não temes, filho d' *Appollo*,
Fallando assim, sem *cautella?*
Usou de barbas *Herodes*,
Que aos pequenos deu *mau trato*;
Tem bons bigodes o *gato*:
Acima os *bigodes!*

Pensas tu que à *sociedade*,
Sendo honrado e *cuidadoso*,
Melhor farás a *vontade*,

Rapado, e d'isso *orgulhoso?*
Entram barbas e *pagodes*
Do progresso nos *desvelos!*
Viva o seculo dos *pellos!*
Acima os *bigodes!*

O que finge ser *devoto*,
Indo á missa e ao *sermão*,
Não só não terá meu *voto*,
Todos d'elle se *rirão!*
És simples, quando lhe *acodes*
Com ditos gratos aos *velhos*;
Teem mais pêllo os meus *conselhos*:
Acima os *bigodes!*

Não sabes quanto é *gostoso*
Torcer do bigode as pontas,
E fazer, com ar garboso,
Moças loucas, velhas *tontas?*
Nisto ha lucro, e não te *engodes*,
Ver bem o mundo é *preciso*:
Antes *pellos* que *juízo*:
Acima os *bigodes!*

Tenha bigodes o *bravo*,
E o poltrão para o *imitar*;
Tenha bigodes o *escravo*,
E o mono, que vês *pular*;

Use-os tambem quem faz *odes*,
Nem o prosador *distingas*;
Rape o barbeiro só *pingas*:
Acima os *bigodes*!

Minha voz, pouco *sonora*,
É hoje mais que *terrestre*;
Ouve-a, amigo, e sem *demora*
Corre a despedir o *mestre*.
Póda os mais, e não te *podes*,
Todos no pello teem *ganho*:
Cubram-se as caras de *estanho*!
Acima os *bigodes*!

Rio — 1858 — Junho.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

ORAÇÃO DA NOITE.

Fragmento.

Nem as lagrimas.
Quebram o sello do túmulo?
Não .

C. CASTELLO-BRANCO—*Um Livro.*

Irmã! era alta noite; eu fui sosinho,
Com santa devoção,
Prostrar-me junto á cruz do teu sepulchro,
Rezar-te uma oração.

O mocho n'alta cima do cruzeiro,
Com lúgubre piar,
Contava as tristes lagrimas sentidas
De meu triste chorar;

O vento pela rama do arvoredó
Soprava com furor;

Nem uma estrella só cortava o espaço,
De negra, horrivel côr!

E eu, só, prostrado junto do sepulchro,
Rezava uma oração;
Pedia a Deus a irmã, um só momento,
Ao menos em visão.

E, apoz um breve espaço, a fronte pouso
Na pedra tumular;
E os tristes olhos cerro ja cansados,
Cansados de chorar:

« Senhor, a minha irmã era na terra
« Consolo á minha dor;
« Morreu, meu Deus, morreu! tenho saudades,
« Deixai-m'a ver, Senhor!

E vi-te, minha irmã! Mostrára a lua
Seu pallido clarão;
Cessára o vento, estrellas mil brilhavam
Dos ares na amplidão.

E vi-te, minha irmã! Calára o mocho
Seu fúnebre piar;
Formosa despertaste e vens, sorrindo,
O pranto me enxugar.

E vi-te, minha irmã, serena a face
E pallida na côr.
« Irmão, disseste, irmão, eu venho dar-te
Consolo á tua dor! »

Sonhava! Não podem suspiros e prantos
Quebrar essa lousa, que está sobre ti!
Irmã, eu sonhava! não podem meus cantos
Fazer-te do Emyreo baixar até aqui.

ERNESTO CIBRÃO.

SORRISO ENTRE LAGRIMAS.

A Leonor.

. puissions nous passer sur cette terre
Comme on voit en automne un couple solitaire
De cygnes amoureux
Partir, en s'embrassant, du nid qui les ressemble,
Et vers les doux climats qu'ils vont chercher en semble
S'envoler deux a deux!

A. DE LAMARTINE.

I

Vem, Leonor, a tarde está bella; os zephiros bafejam-te os labios, as flores enviam-te seus perfumes, o ceu está sorrindo por entre as ramas das mangueiras.

Não descanses tua fronte pensativa sobre as mãos brancas e frias como a lagea do tumulo; para que pensar em tristezas, quando a natureza nos sauda?

Porque cessaste o preludio, com que estremecêras as harmonias intimas de teu piano? tuas mãos ainda corriam por elle rapidas, mas o pensamento ja estava distante:

que nota triste veio esvoaçar sobre a tua imaginação festiva?

Solta a voz repassada de sentimentos; dize-me os affectos, que abrigas no coração, ou canta, como o cysne ferido pela dor; cada phrase de teus labios será um poema de rythmo profundo; as ideias poeticas se espalharão em torno de ti, porque as irás despertar em todas as dobras intimas do peito.

Mas tu ficas silenciosa, e uma lagrima desce vagarosa por teu rosto! Não quero instar mais. Levantemo-nos; o ar frio deste salão, o silencio que nos cerca, inclinam-te para a melancolia, vamos buscar ao ar livre, entre as scenas da natureza e da sociedade, uma distracção e um sorriso.

Da-me o teu braço; quero prendel-o d'encontro ao coração; quero que elle ratifique cada phrase com um movimento intimo.

II

Vês esta collina, com o tapete de relva que a cobre, com as flores singelas que a esmaltam, com as arvores floridas que por ella se espalham?

É como a vida da mocidade, quando o amor a aviventa; a relva é o somno placido, que se desliza; as flores são os beijos da amante na entrevista furtiva; as arvores umbrosas as horas solitarias do gabinete, que se povoam de recordações e esperanças.

La embaixo, á borda do rio, entre aquelle laranjal em flor e o jardim orlado de myrtho, não se ergue airoso a residencia alvejante do colono? não brincam á porta algumas crianças com o rosto enrubecido pela alegria, com os cabellos de ouro desprendidos ao vento?

Essa casinha é a estrella solitária no docel aveludado do ceu, que ás vezes contemplamos á noite; é aquelle canto cercado de harmonias celestes, a que aspiramos; é a existencia indissolúvel, que, em nossa fé singela de amantes, esperamos além desta margem tenebrosa da terra.

Cobre-nos o ceu com um manto diaphano de gaze, em que as nuvens brancas se pousam, para reflectir os raios dourados do sol; rangem sob teus pés os ramos ceccos dos arbustos, que já perderam a primavera unica de sua vida; passam os zephyros por teus cabellos negros, e desprendem-os sobre teus hombros alvos, sobre teu collo palpitante; sentemo-nos, Leonor; esta scena não te alegra?

Em vez de responder-me, contemplas o curso caprichoso do rio; segues a sua direcção a travez das collinas, até que elle se perde entre as ramagens densas da floresta, no fundo da paisagem; ahí fitas os olhos sobre as sombras, que encobrem as suas aguas crystalinas, e uma lagrima vem de novo cahir-me sobre as mãos, lagrima ardente, que me abrasa a epiderne.

Nada me disseste, mas eu te comprehendo: as margens deste rio são a mocidade, o fundo da paisagem é o sombreado funebre dos annos da decrepidez. Passam os cantos

e os sons festivos, como as ondas fugitivas da corrente, e vão perder-se em outros cantos e outros sons, — as preces da visita ao moribundo, e os dobres do campanario á volta do viatico.

Ausentemo-nos.

III

Esta eminencia domina aquelle salão, em que o festim se agita ruidoso.

As damas estão toucadas com corôas de brilhantes; arrastam vestidos da mais fina seda, e calçam luvas alvissimas, que aperfeçoam a delicadeza artistica de suas mãos; os jovens ostentam as distincções de seus rostos e de seus corpos, os velhos as condêcorações ganhas nos campos de batalha, ou nos trabalhos de gabinete. Semeiam-se sorrisos, e colhem-se homenagens; trocam-se dictos, que exprimem mais do que discursos; todos procuram exprimir pelos gestos o contentamento, que os reúne; o amante passeia com a joven, que abaixa os olhos e enrubece; o politico recorda-se, com a dama de expressão altiva, do tempo, em que eram mais jovens, e só aspiravam ás grandezas do coração, os velhos, sentados em suas largas cadeiras, debruçam-se pa a ler n'aquella scena a historia dos annos extinctos de seu vigor. Como um vortice continuo de belezas, de ornatos, de brilhantes, de vozes harmoniosas, passa o festim por ante as largas janellas, que se abrem aos perfumes do jardim, e aos murmurios menos ruidosos

da tarde. Leonor, não se reaviva tua alma ao contacto d'essa mocidade, d'essa convivencia de tantas individualidades, que se dão por um momento as mãos, entre as contrariedades do interesse e as fluctuações inconsistentes da vida?

Escuta: lá rompe a walsa do camarim central da musica o preludio é estrepitoso como catadupa, que de repente se abriu entre os rochedos da montanha e se precipita em jorros pelas cavidades da encosta; Verdi, e Byron da musica sensualista de nosso tempo, estremeceria ao ouvir o echo das trompas e clarins pelas voltas desta serra. Mas do meio do turbilhão da *abertura* começam a sahir languidas e melodiosas as phrases do *andante*; os pares partem, enlaçados e dobrando-se de emoção, de seus logares, e vem circular o salão com as faces incendiadas e os olhos mutuamente embebidos; cada minuto é para elles um gozo infindo; as mãos estremecem, os collos arfam, os halitos queimam, os olhos esmorecem, e, ao findar, os beijos quasi se desprendem dos labios. Quando a musica finda, é lentamente, é como se os sons se perdessem na distancia do apartamento, é como se as ultimas gottas de orvalho ce-leste retinissesem, cahindo sobre o teclado argentino das fadas.

Tu sorrias, Leonor; e tornas á tua mudez; porque empallideces e fitas os olhos n'aquelle canto do salão?

Uma moça desmaiada ali pende entre os braços de um cavalheiro quasi delirante; os medicos [aproximam-se,

tomam-lhe o pulso, recuam pallidos, e fallam-se em confidencia; o amante adivinhou, ella está morta; a doença havia lentamente lavrado em seu coração, sem desbotar-lhe as faces, sem arrebatá-lhe o brilho diamantino dos olhos; quiz ainda uma vez enlaçar-se com o amado em um vortice rapido, instantaneo como a sua primavera, e cahiu ferida pelo raio, pelo estalar da vida em seu seio de virgem, quando acabava de dizer ao mancebo: « eu te amo!

Fujamos, Leonor; as alegrias traduzem-se em crepes, as danças em cantos funebres, o festim em sahimento de finado... Se tu tambem morresses!

Não; a noite desdobra seu manto de trevas antes de apalidez da morte desbotar teu rosto; ao clarão da lua, que surge, voltemos por aquelle trilho, que desce para a varzea; o sabiá canta sobre a palmeira agitada pela briza, e as cazuarinas lançam o rumorejar melodioso de suas ramas.

Talvez possa o silencio, orlado de poeticas harmonias, reanimar tuas faces.

IV

Nem uma palavra sequer!

Porque estremece o teu braço, quando quebro o silencio do caminho com algumas palavras, que emanam do pensamento agitado? Porque não me respondes, e conti-

nuas a andar, voltando apenas a face, para olhar-me por entre teus cilios de seda. que não podem encobrir o fogo das pupillas?

Não me encares assim, ó doce amada, pois me embriagas com o perfume de tua imagem.

A lua vae alta; ja descemos a encosta, e uma alameda de cedros se prolonga pela varzea; ao longe alvejam os muros brancos de um recinto semeado de arvores, esbeltas que se erguem para o ceu, desenhando as suas formas negras no ambiente bronzeado do horisonte. Não sei como perdi a alegria, com que contrariava tua mudez; só ouço o rugir das folhas seccas sob nossos passos, e os sons perdidos pelas devezas da serrania, que parecem gemidos das almas, que peregrinam nos serões de estio. Teu braço pende inerte do meu; ja não vejo teus olhos, obumbrados pelas ramas da alameda, e as tuas vestes brancas me acompanham silenciosas como a roupagem aerea de um fantasma.

Chegamos ao muro branco; alli está uma grade; ha flores neste recinto; será um jardim plantado pelas fadas melancolicas da noite, regado pela neblina, que se exhala dos bosques? Entremos. Estas arvores elegantes são cyprestes, as flores goivos; em vez de tableiros de papoulas e cravos, ha lousas brancas de marmore: é um cemiterio.

Aquellas cruces, alçadas ao ceu, dizem-nos: — morte! aquelles cyprestes, apontando para a eternidade, dizem-nos: — orai!

No fundo ha uma capella branca, singela, sem columnas, silenciosa; uma luz solitaria brilha em seu recinto, e duas roseiras viçosas a ladeam.

Estremeceste: queres que te acompanhe para esse banco de pedra? Não temes as larvas, que erguem as lousas descerradas pelos espiritos da noite? Não receias ver aproximarem-se lentamente, do fundo deste passeio de arvores, as formas brancas de um ente querido, que te abandonou?

Não, tu me apertas nos braços, e queres que fique. Louca, teus cabellos se humedecem de suor glacial; uma côr febril te enrubece as faces, a febre gira por tuas veias azuladas; que fatal atracção te prende a este lugar de morte?

Aspiras a partilhar o leito gracial d'aquella virgem, que hontem disse adeus aos seus vinte annos, entre uma pagina de Lamartine e uma oração do Evangelho; que deixou por legado as cartas perfumadas de seu amante, e a corôa de jasmim, com que assistira ao ultimo saráu? Queres-me deixar, Leonor? não, eu te prenderei em meus braços, tua vida me pertence, a luz de teus olhos é-me precisa, não queiras que eu me roube a todas as aspirações da mocidade, e que me prenda a tuas azas de anjo, quando me abandonares.

« Não, eu não quero morrer — me respondes — não me prendas com desespero. Desençam-se voluntariamente duas almas, que se amam? Acaso viste-me fugir de ti, e ir abraçar-me com a cruz de marmore, que ali se ergue? Não tenho ainda, para protestar, a mesma voz, com que te

disse uma vez — que eras amado? Mas sabes porque me reanimo á sombra dos cyprestes, porque me circula o sangue com mais rapidez sob o influxo deste ar das campas? É porque para nós, mortaes, para nós, passageiros de tres estações no baixel da terra, é esta a manifestação material da eternidade. E crês tu que, ante esta cruz, ante aquella capella, sob este ceu esplendido, entre esta natureza harmoniosa, eu posso duvidar um momento de que a vida não finda no leito da morte, e que alem d'elle ainda nos reuniremos? »

E a joven que chorára ao aspecto dos esplendores da campina, e ante o estrepito do festim, curvada sobre um banco do sepulchro, abriu-me os braços, e sorriu.

Aquelle sorriso era casto como a morte.

Foi a nossa primeira e ultima voluptuosidade.

Rio, 17 de Abril de 1858.

REINALDO CARLOS.



Lithrue Texor^o e C^o r do Ouvidor 31 R^o de Janr^o

J.B. de Almeida Garrett

GARRETT.

o Sr. F. Gomes de Amorim.

Du chantre de Gama, chantre melodieux.

M.^{lle} DE FLAUGERGUES.

I

Inda murmuram do Mondego as ondas
Do seu cantor o nome idolatrado,
E o zephyro saudoso suspirando
Está por todo o espaço a repetil-o!
Das lagrimas a fonte,
Onde a formosa Ignez chorára as maguas
Do seu sentido amor, — saudosamente
No descahir monotono
Da limpha prateada, o vae dizendo
As ternas avesinhas, que a procuram
Para afinar a voz n'uma onda pura!

O Tejo caudaloso
Ha muito que abrandára os seus furores,
Cedendo á força magica de encantos,

Que na voz do romantico alaúde,
Vibrado pelo genio, revelou-lhe
O cantor dos amores e saudades!
Hoje o rio-gigante, agradecido,
Beijando areias aureas, brandamente
Suspira o nome de Garrett altissimo!

Do divino poeta o patrio Douro,
No seu gemer saudoso, perpetúa
O nome de um seu filho, acalentado
Nas suas frescas, deleitosas margens,
E que fôra depois erguer seu nome
Entre os amados cysnes lusitanos!

II

Não são da terra os frageis monumentos,
Erguidos pelo genio do artefacto,
Que homens grandes aos seculos reccordam!
Se o mundo no seu giro abala a terra,
Se a tempestade exalta os elementos,
As columnas altissimas são cinza,
O bronze atrahe o raio, que o fulmina,
E as memorias terrestres se aniquillam!
Mas a eterna lembrança—que de um povo
Nos corações saudosos se alimenta,
E, como um gran tributo hereditario,
As gerações ás gerações transmittem,

Do seu poeta o nome repetindo—
Eis o melhor, mais alto, e mais sublime,
Eterno, indestructivel monumento,
Que ante a força dos seculos não morre,
E á face do universo
Vence o tempo, e conquista a eternidade!

III

Oh! bardó lusitano!
Tu, que na estancia empyrica descanças,
Cingindo da alta gloria a eterna corôa
Pelos anjos do Altissimo tecida
P'ra dar-te o justo e merecido premio,
Que só na eternidade é conferido
Aquelles, que na terra em versos de ouro
A Deus, á liberdade e á patria honraram,
Levanta os densos véus da eternidade,
E lança da tu'alma encantadora
A immensa luz da inspiração divina
Sobre os alumnos teus, para que elevem
Ao teu nome, ao teu genio, á gloria tua
De perpetua saudade eternos hymnos!

IV

Tu foste em nossa patria
Senhor do novo imperio da poesia!

Por isso um povo inteiro,
Grande, sublime genio te proclama
Diante d'essas obras magestosas,
Onde gravaste em letras scintillantes,
O nome portuguez junto ao teu nome!

— A deusa da saudade,
Enviada por ti do Sena ao Tejo,
Levou teu pensamento saudosissimo
Das bellezas da patria! Obedecido
Foi logo o teu sympathico mandado
Pelo celeste numem, que as riquezas
Da outr'ora grande patria, e os infortunios
Do sempre grande VATE enthesourára
N'essa ideia fervente e creadora,
Com que Deus quiz dotar-te, e tu, oh genio,
Na inspiração patriótica incendido,
Aquelle, que ha tres seculos morrêra,
Nova vida imprimiste, e redivivo
Mostraste á patria o lusitano Homero!
Vendo em brilhantes traços desenhado
Nos teus cantos tão cheios de saudade,
De harmonia, de amor, de heroico esforço,
O poeta, o guerreiro, o filho, o amante,
« É Camões, é Camões! » repete o côro
Dos lusitanos filhos da harmonia!...

Sim! teu genio fecundo, esclarecido,
Pelo genio de Wiland transportado

As regiões fantasticas dos sonhos,
Em que as almas se elevam, desprendidas
Do seu mundano involucro, inspirou-te
O poema do amor, dos soffrimentos
Da princesa christã, bella conquista
Do rei mouro e gentil, que a conduzira
Ao encantado, magico palacio,
— Pelo condão das fadas levantado —
Sobre as azas do amor, que não conhece
Familia, religião, quando domina
Sensíveis corações! — De Branca as lagrimas
Fôram as notas ultimas, vibradas
N'esse canto formoso e nunca ouvido,
Onde ajuntaste co'as « ficções do engenho »
O heroismo e o valor dos lusitanos!

Fôra longo o meu canto, se eu tentára
Juntar nos versos meus os mil primores
Que tão fecundo e prodigo espargiste
No terreno das lettras! —

P'ra louvar-se

O genio, que créara os dous gigantes,
Que os lusos dos romanos aproximam,
— *Catóo*, que inda estremece as scenas patrias,
Luiz de Souza, que a Germania adopta

Por isso um povo inteiro,
Grande, sublime genio te proclama
Diante d'essas obras magestosas,
Onde gravaste em letras scintillantes
O nome portuguez junto ao teu nome!

— A deusa da saudade,
Enviada por ti do Sena ao Tejo,
Levou teu pensamento saudosissimo
Das bellezas da patria! Obedecido
Foi logo o teu sympathico mandado
Pelo ceeste numem, que as riquezas
Da outr'ora grande patria, e os infortunios
Do sempre grande VATE enthesourará
N'essa ideia fervente e creadora,
Com que Deus quiz dotar-te, e tu, oh genio,
Na inspiração patriotica incendiado,
Aquelle, que ha tres seculos morrêra,
Nova vida imprimiste, e redivivo
Mostraste á patria o lusitano Homero!
Vendo em brilhantes traços desenhado
Nos teus cantos tão cheios de saudade,
De harmonia, de amor, de heroico esforço,
O poeta, o guerreiro, o filho, o amante,
« É Camões, é Camões! » repete o côro
Dos lusitanos filhos da harmonia!...

Sim! teu genio fecundo, esclarecido,
Pelo genio de Wiland transportado

As regiões fantasticas dos sonhos,
Em que as almas se elevam, desprendidas
Do seu mundano involucro, inspirou-te
O poema do amor, dos soffrimentos
Da princesa christã, bella conquista
Do rei mouro e gentil, que a conduzira
Ao encantado, magico palacio,
— Pelo condão das fadas levantado —
Sobre as azas do amor, que não conhece
Familia, religião, quando domina
Sensíveis corações! — De Branca as lagrimas
Fôrã as notas ultimas, vibradas
N'esse canto formoso e nunca ouvido,
Onde ajuntaste co'as « ficções do engenho »
O heroismo e o valor dos lusitanos !

Fôra longo o meu canto, se eu tentára
Juntar nos versos meus os mil primores
Que tão fecundo e prodigo espargiste
No terreno das letras ! —

P'ra louvar-se

O genio, que creára os dous gigantes,
Que os lusos dos romanos aproximam,
— *Catão*, que inda estremece as scenas patrias,
Luiz de Souza, que a Germania adopta

Na culta lingua sua, — tão somente
Deve o mundo dizer teu nome... e basta!

VI

GARRETT! Em quanto entre as nações do mundo
Tua patria existir, será teu nome
Um hymno de perpetuas melodias,
Que as vozes mil da natureza inteira
Terão de harmonisar, — e em quanto a Lysia
Lembrar o nome do cantor do Gama,
Do cantor de Camões ha de lembrar-se!

F. — GONSALVES — BRAGA.

Agosto—1858.

O HYPOCRITA.

A velha fronte abatida,
Os olhos fitos no chão,
A alma quasi perdida,
Sem vida no coração,
Eis como finda na terra,
Aquelle, que dura guerra
Á franqueza declarou;
Aquelle, que tem zombado
Do rico, do desgraçado,
E a impostura abraçou.

Aquelle, que se apresenta
Fingindo franco sorrir,
E que ao rico e pobre intenta
Desprevenido illudir,
Por toda a parte, que passa,
Leva comsigo a desgraça,
Discordia e rebellião,
E, p'ra dizer-se innocente,
No templo, hypocritamente,
Vae fingir uma oração!

Deus, que é todo de bondade,
Hora solenne marcou,
Em que aberta a sã verdade
Aos homens Elle mostrou;
Eis o torpe conhecido,
« Hypocrita » aborrecido,
Descanso buscando em vão!
No corpo seu só existe
Um rosto sombrio e triste,
Remorsos no coração.

Lá caminha, p'ra diante,
Ja sem brilho os olhos seus,
Tem de homem o semblante,
Mas é maldito por Deus:
« Hypocrita ! » bradam-lhe hoje,
Eis que tudo, tudo foge,
Como do genio do mal;
Se lhe escapa um ai profundo,
Cerra-lhe ouvidos o mundo
Como a uma voz infernal!

Rio, 18 de Abril de 1857.

VAZ PRETO CASAL.

DE CA PARA LA.

Epistola.

Amigo, que muito prézo,
Aqui vou eu pelo vézo
Estas sextilhas fazer;
Quero sorver as delicias
De saber de ti noticias,
Isto é, se póde ser;

Pois não sou tão mentecapto
Que exija que um litterato
Dê grandes trellas a mim,
Deixando o Porto ás escuras,
Faltando-lhe as *brilhaturas*,
Roubando-lhe um folhetim.

Mas responde, como possas,
Sem que passe horas ensossas
Nosso caro Portugal;
Pois sei que são teus escriptos,
Tuas expressões, teus ditos
Suas *marinhas de sal*.

N'estes longos oito annos
De ausencia, grandes abanos
O mundo, por força, deu;
Deve haver grande mudança!
Satisfaz esta *criança*,
Conta-lhe o que succedeu.

Tu ficarias pateta
Com a mudança completa,
Que por aqui se operou:
Antigo viver pacato
Deu logar ao espalhafato,
Mas não vi se melhorou.

Em vez de brigas de gallos,
Ha corridas de cavallos,
Ha bailes e *soirée*,
A cadeirinha e a rede
Encostou-as á parede
A berlinda e o *coupé*

Atraz do *raro* a donzella
Agora não se acautella,
Quando os moços vê passar;
Mas assesta-lhe a luneta,
Se não gosta, faz careta,
E se gosta fica a olhar.

O temor, o acanhamento
Morrem logo n'um momento,
No primeiro *rendez-vous*;
É ja moda muito usada
Que quem traz a mão calçada,
Possa andar co'o peito nú.

Em vez de terços e c'rôas,
Cantam as bellas leôas
Traviata e Trovador;
E os piancs são ja tantos,
Que os ha por todos os cantos;
É um louvar ao Senhor!

Faça calma, faça frio,
Anda tudo em corropio
No *cottilon*, no *cancã*,
Desde o velhote sisudo
Té ao caixeiro pelludo,
Que chegou da Lourinhã.

Ja não ha christão, nem mouro:
Só dão ao *Bezerro d'Ouro*,
E á *Burra*, adorações;
E, p'ra terem suas graças,
Usão de muitas trapaças
Com suas proprias *acções*.

Arma**m** *bancos* sobre bancos,
Por atrancos e barrancos
Querem chegar té ao ceu;
Nem temem lhes aconteça
Que la quebrem a cabeça,
Ou fiquem de calva ao *leu*.

Tudo está fora dos eixos,
Mas quem tem amor aos queixos
É ver, ouvir e calar ;
E só a ti eu confesso
Que, se assim marcha o progresso,
Não sei onde vae parar.

Rio — 1858.

J. COELHO LOUSADA.

FR. LUIZ DE SOUZA.

Ao Sr. J. Coelho Lousada.

1

Escrever historia não é para espiritos apoucados. Medir gigantes, com olhos que rastejam, deslumbra a vista. A entendimento acostumado a generalidades faceis não cabe colher bellezas nos pormenores. A historia biographica não póde passar pela superficie dos factos, anatomisa-os: á luz do sol deram-se taes successos, — mas á luz intima do coração o que os provocou? A penna correu pelas paginas brancas, e delineou taes phrases, — mas como brotaram da imaginação esses pensamentos? As vistas devem ser agudas e ir bem longe prescrutar causas, descer bem fundo a compulsar effeitos. E será este mister para noveis em letras e philosophia? Não por certo: mas se nos faltam as qualidades para o exito, sobra-nos a admiração para sentirmos muito, e relatar, ainda que amesquinhad, taes sentimentos.

E porque nos sobra a admiração? Não é, por certo, a

nossa epoca falha em homens que illustrem a patria; e não só por lettras que a abrihantem, como por feitos que a ennobreçam. O idioma patrio, salvo de estrangeiros arabiques, não se encaneceu decrepito, — eil-o que vae airoso, com harmonicas cadencias, no *Eurico*, com latina magestade em *Castilho*, com peregrinas graças em *Garrett*, — e a geração nova não desmerece dos civicos mestres. Porque se me deslumbra pois a vista, a medir o monge macerado pelas dores do seculo, que despiu no claustro a couraça do orgulho, e n'elle veio humilde deslembrar-se do amor intenso, que longos annos o alentára, e da nobre altivez, com que proclamára do meio do solar incendiado a negativa de obediencia a estranho senhorio?

É que as flores do seu estylo, de amena cortezania, são tanto mais admiraveis, que cresceram á sombra humida da cella do monge, e que a phantasia, que devia trajar crepes, se lhe alindou em atticas imagens, em phrases melodiosas, que assentariam tão bem nos labios de jovem dama, como em sua penna de escriptor elegante. É que, sem a generalidade de estudos do nosso tempo, espirito encerrado nas explorações da latinidade, ou no exercicio de ascetica disciplina, soube casar, sem enfraquecimento, a phrase á ideia, reproduzir os esmeros da arte nas imagens da palavra, universalisar a lingua, que só os predecessores haviam ageitado a limitades misteres, e passando-lhe carta de naturalisação em todas as vocações do espirito, dar á patria alento, para perpetuar-se, por escriptos, na memoria dos homens.

Ante semelhante individualidade, descubram-se os orgulhosos de saber, os que se julgam servidores proficuos da patria, e os que avaliam as obras pela riqueza dos ornamentos; o homem, de que vou fallar, é singelo, mas é grande, — o escriptor tem olhos tristes, mas que resplandecem. Não seja esquecido pelos portuguezes, hoje ricos em linguagem, quem lhes trouxe tão grande cabedal, em tempos de mendicidade.

II

Na Villa de *Santarem*, notavel por tantos titulos, nasceu pelo anno de 1555, segundo as melhores deducções, Manoel de Souza Coutinho, (*) quarto filho de Lopo de Souza Coutinho, e de D. Maria de Noronha.

Se as virtudes dos progenitores se transmittem, não

(*) Para conhecimento mais pormenorizado de sua vida, podem consultar-se os seguintes autores:

Fr. Antonio da Encarnação.

J. Echard, *Bibliotheca dos Escriptores Dominicanos*.

A. Touron, *Historia dos Homens Illustres da Ordem*.

Nicolau Antonio, *Bibliotheca Hespanhola*.

Jorge Cardoso, *Agiologio*.

Fr. Jose da Natividade, *Agiologio Dominicano*.

Fr. Lucas de S.^{ta} Catharina, *4.^a parte da Historia de S. Domingos*.

Fr. Pedro Monteiro, *Claustro Dominicano*.

Fr. Francisco de S.^{ta} Maria, *Anno Historico*.

D. Antonio Caetano de Souza, *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*.

J. Soares de Brito, *Theatro Litterario Lusitano*.

Abbadé Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*.

Vida do P.^o Fr. Luiz de Souza, na frente da *Vida do Beato Henri que Suso*, Lisboa, 1764.

D. Fr. A. Lobo. Bispo de Vizeu, *Obras*, tomo 2.^o

eram poucas as que tinha a receber de tão illustre linhagem, pois pelo lado materno descendia de uma das melhores casas do reino, e seu pai, que já dos antepassados houvera honrado nome, fôra ainda illustral-o com os proprios feitos, primeiro na India, sob o governo de *D. Nuno da Cunha*, depois na Mina, em que foi governador do Castello, e em fim como capitão-mór da armada da Còrte. As letras tambem a este varão haviam merecido especial cuidado, pois era conhecedor das melhores obras da latini-dade, e dera-se aos estudos de phisica e mathematica.

Como se devia esperar das inclinações paternas, foi Manoel de Souza Coutinho enviado, em verdes annos, para a Universidade de Coimbra, em cujas aulas mostrou grande aproveitamento. Mas a indole bellica sobrepujou, n'aquelle tempo, o amor das letras, e fez com que elle entrasse no noviciado da Ordem de Malta, sem ainda ter completado o curso de humanidades.

Tendo sahido da patria, achava-se, no principio do anno de 1577, em viagem para a Ilha de Malta, vindo da Sardenha, quando, em companhia de seu irmão André de Souza Coutinho, foi tomado por um corsario mouro, que o levou captivo para Argel.

Se o desgosto da escravidão devia ser grande em animo tão esforçado, compensou-o, comtudo, a felicidade de conhecer, embora em igual infortunio, o celebre *Miguel de Cervantes*, que mais tarde se lembrou d'elle, para o mencionar com louvor em um dos seus romances. Porem, mais feliz que este preclaro engenho de Hespanha, pôde

alcançar que, antes de findo um anno de captiveiro, lhe concedessem passar á península, para tratar do resgate proprio e de seu irmão.

Chegando a Valença de Hespanha, soube da desastrosa morte de seu pai, que tivera logar cahindo de um cavallo, na villa de Póvos a 28 de Janeiro de 1577. Encontrando n'aquella cidade, para diversão das magoas, o ameno trato de *Jaime Falcão*, homem de brilhante imaginação e atilado ingenho, que com exito cultivava as letras latinas, e que lhe despertou de novo o gosto pelas musas, ah ficou dous annos, até que obtido o resgate, de que tratava, se pôde passar a Lisboa.

Já no anno precedente de 1578, dera-se o triste successo de *Alcacerquibir*, em que havia perecido a flor da nobreza e da mocidade portugueza, e que enlutava todos os corações, que sentiam amor pela causa da patria. Epoca era mais propria para domesticas virtudes, do que para publicos esforços, pois as grandezas do estado ja se antolhava que haviam de ir ter a mãos estranhas, que com egoistico fim as deviam utilizar. Compenetrado destes pensamentos, não tardou muitos annos Manoel de Souza Coutinho a procurar a obscuridade do descanso domestico, casando-se, segundo alguns biographos, em 1584 com D. Magdalena de Vilhena, senhora de rara belleza, que enviuvára de D. João de Portugal, que se perdéra na fatal jornada d'África. Assentando então a residencia na outra margem do Tejo, na villa de Almada, que elle tanto amou, e da qual falla com vivas saudades em seus posteriores escrip-

tos, ali viveu entregue aos cuidados ruraes, e á conversação de alguns amigos das letras, que iam a sua casa reunir-se em sociedade litteraria. Comtudo não se tornou durante esse tempo alheio á profissão das armas, pois era coronel de setecentos infantes e cem cavalleiros, e tambem no seu commando fazia emprego do tempo.

Mas nem a obscuridade de seu retiro, nem a prudencia da linguagem, que escondia o fogo intimo do patriotismo, poderam salvá-o das oppressões dos estranhos dominadores. Havendo peste em Lisboa no anno de 1599, e estando affecta a direcção do reino a quatro governadores e um escrivão da puridade, que eram o Arcebispo de Lisboa, os Condes de Portalegre, S^{ta}. Cruz, e Sabugal, e Miguel de Moura, que por serem naturaes da terra, affectavam, como sóe acontecer, maior tyrannia para os animos independentes, quizeram acautelár-se do infeccionamento, e resolveram mudar a residencia para Almada. É tradição, que achando-se ja desavindos com Manoel de Souza Coutinho, quizeram aproveitar a oportunidade para vexal-o, e repartindo entre si as casas da povoação, incluíram neste numero a d'elle, e o mandaram despejar. O nobre cavalleiro, sentindo-se ferido em seus brios, não guardou mais conveniencias, e preferiu entregar ás chammas a propriedade do que sujeitar-se á prepotencia. As civicas intenções, que então o moveram, bem claro se revelam em um epigramma latino, que na occasião compoz, e depois na menção, que do acto fez no prologo ás obras de Jaime Falcão.

Sem mais detença, para precaver-se do arbitrio dos governadores, refugiou-se em Madrid, e apresentando-se á côrte, tratou de justificar seu procedimento, no que foi attendido. Como porem não lhe concedessem voltar amnistiado á patria, e lhe fosse conveniente para segurança pessoal, grangear valimentos, a pedido do Bispo de Malaga, e de D. João Borja, que por tradição de familia tinham grande affecto pela memoria de Jaime Falcão, então fallecido, resolveu-se Coutinho, a colligir e publicar as poesias latinas deste seu antigo amigo, e com effeito realisou em 1600 a sua impressão, em um volume. Igual desejo tinha para com as obras de physica e mathematica do mesmo, porem ulteriores successos lhe atalharam este proposito.

Por este tempo, em que vivia entregue á cultura do espirito, e ao encanto das graças infantis de uma filha, que houvera de seu consorcio, escreveu-lhe seu irmão João Rodrigues Coutinho, que morava em *Panamá* para que se passasse a aquella parte da America, promettendo-lhe grandes vantagens commerciaes como premio desta viagem. Ou fosse decadencia de fortuna, ou desejo de percorrer terras, incentivo natural, n'aquelle tempo, dos desígnios de muitos compatriotas, accedeu o nosso cavalleiro ao convite, e veio demandar em 1601 o novo mundo, que o engenho de *Colombo* fizera surgir das aguas do oceano.

Mas não eram trabalhos mercantis occupação digna de tão delicado espirito, nem por lucros pecuniarios podia jamais esquecer os dous entes queridos que além-mar deixára. Se não são erradas as melhores conjecturas, só

quatro annos residiu em *Panamá*, e fazendo-se de vella para a Europa, veio, esquecidas as causas de seu exilio, fazer de novo assento em Almada, em companhia de sua extremosa familia.

Ja era tempo de repousar de fadigas, e procurar a amenidade dos prazeres domesticos, e é provavel que assim o comprehendesse o nosso cavalleiro, se passados alguns annos, dous tristes successos não lhe entenobrecessem a vida.

Sua filha D. Anna de Noronha, que havia crescido em idade, assim como em graças e discrição, e que promettia ser o enlevo de seus olhos na velhice, foi-lhe arrebatada pela morte nos primeiros annos da adolescencia. Um amigo intimo D. Luiz de Portugal, terceiro Conde de Vimioso, refugiára-se, com desapego dos negocios terrestres, em um mosteiro em 1607, e cortados os laços que ainda o prendiam ao seculo, professou em 1613 em S. Paulo de Almada, tomando com o cilicio o nome de Fr. Domingos do Rosario; igual deliberação effectuára a esposa deste fidalgo D. Joanna de Castro e Mendonça, entrando para o Convento do Sacramento em 1607. O amor filial e a mais terna amisade haviam abandonado a Coutinho e a sua esposa: o que lhes restava? Imitar o exemplo de tão nobres almas.

D. Magdalena retirou-se para o mesmo convento, em que professára a sua amiga, e ahi tomou o nome de Soror Magdalena das Chagas; pertencia aquelle instituto á ordem de S. Domingos, e para similhança das vocações

tambem para ella quiz entrar o nosso cavalleiro, e como o ligavam relações intimas com Fr. João de Portugal, depois Bispo de Viseu, e então prior de Bemfica, foi das mãos deste veneravel prelado que recebeu o habito, a 8 de Setembro de 1614, tomando o nome de *Fr. Luiz de Souza*, por gratidão affectuosa ao amigo e companheiro de exilio mundano.

*

Era de esperar de animo outr'ora tão altivo, que indocil se mostrasse á disciplina monastica, mas a resolução espontanea e dolorosa, que o levára a professar, cortára-lhe os impetos do coração, e tornára-o brando e obediente, despido de humanas preocupações, e completamente voltado para as aspirações da eternidade no ceu, e da beneficencia evangelica na terra. Esta regeneração do espirito impediu-o de seguir os estudos necessarios para o ministerio da pregação, que ainda podiam despertar-lhe as vaidades da gloria, e apezar da natural disposição para essa carreira, preferiu humilhar-se, entregando-se ás funções obscuras de enfermeiro, occupando o resto do tempo em asceticos exercicios, e sobretudo no culto poetico da Virgem, a que foi muito dedicado. Não soffria tambem que lhe minorassem os rigores do instituto, com as commodidades de seu aposento; ahi por mobilia havia só uma pequena banca de pinho, por leito duas mantas sobre duas taboas, e para abrigo do corpo uma tunica e vestidos de

aspera lã, que assim mesmo concertava em quanto de todo se não pulam. Não comprehende o nosso seculo esta grandeza de abnegação, porem, para almas inconsolaveis, que melhor refugio poderá jamais haver?

Poucos annos havia que se entregára á vida monastica, quando, segundo parece, em 1616 morreu *Fr. Luiz de Cegas*, homem erudito e trabalhador, que antes de se recolher á solidão do claustro de Bemfica, havia corrido terras estrangeiras, e com *Fr. Luiz de Granada*, colligira os materiaes para a vida do virtuoso *D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*, e não contente com esta deligencia, ajuntára tambem grande cabedal de notas para a chronica da sua ordem. Querendo os superiores desta aproveitar taes escriptos, que, segundo consta, estavam em pouca ordem e rude linguagem, como a fama dos talentos de *Fr. Luiz de Souza* houvesse entrado com elle no mosteiro, pediram-lhe para que se encarregasse de coordenal-os, e vertel-os no proprio estylo, e como elle a isso se quizesse negar voluntariamente, impuseram-lhe por preceito este trabalho. Como religioso obediente sujeitou-se *Fr. Luiz*, e na idade de sessenta e dous annos, com o coração repassado de magoas, começou a trabalhar, em 1617, na *Primeira Parte da Chronica de S. Domingos*.

Mal havia escripto os primeiros quadernos, quando em maio a rogos dos povos de *Vianna do Minho* que tinham em grande veneração a memoria do fallecido *Arcebispo de Braga*, deixou a obra principiada, e começou a traçar a biographia deste, a qual com admiravel esforço concluiu

em Janeiro de 1619; foi em maio a Vianna para imprimir-a, e a entregou ao publico em 15 de Novembro em um volume in folio.

Quem havia de prever que de tão afflicto animo sahiria obra do mais raro primor? O applauso dos compatriotas saudou sem detença o merecimento manifestado, e o brado destas palmas se prolongou pela posteridade, que não desmentiu o juizo dos contemporaneos; e não foi só approvada por compatriotas, tambem estranhos a acolheram com louvor, e ao contrario do que hoje succede, foi vertida em francez no anno de 1664; hoje talvez lhe preferissemos algum romance parvo de algaravia francelha, e quanto a estrangeiros, nem d'eila haveriam noticia.

Não se deixou porem aturdir o illustre biographo pelos louvores do seculo, e de novo lançou mão dos materiaes para a *Chronica* de sua ordem, e reatando o fio do discurso, com tanta presteza se houve, que no anno de 1623, publicou a primeira parte. Completada esta, proseguiu nas outras duas, as quaes logrou levar a cabo em 1630, mas não vel-as sahir a lume, pois a segunda só foi publicada em 1662, e a terceira em 1678.

Emquanto andava empregado nestes laboriosos cuidados, a morte cortava uma existencia que lhe fora intimamente cara. *Soror Magdalena das Chagas*, morreu a 7 de Março de 1621; a terra acabou de desvanecer a nobreza das feições, que ella procurára macerar nas asperezas da vida monastica. Se *Fr. Luiz de Souza*, teve aviso desta morte, não o dizem seus escriptos, pois nunca se lhe vol-

taram os olhos para as afeições do mundo, porem ha nos opusculos mysticos, que por este tempo escreveu, pinturas tão vivas das angustias do apartamento, que atravez do veu da resignação se lhe descobre o espinho pungente.

Corria pelo reino e alheias terras a fama do illustre dominicano, e todos desejavam obter novos fructos de seu elegante ingenho. Movido por esta voga, mandou-lhe o monarcha de então instar, para que escrevesse a historia de D. João 3.º, em que podia dar luzidas mostras da agudeza do estylo, e incansavel deligencia de seu espirito. Apezar de sua opposição, venceram-no instancias e preceitos de amigos e superiores, e deliberou-se a entrar nesta nova empresa, já muito acabrunhado pelo pezo dos annos.

O Duque *D. João de Bragança*, que depois, pela valentia de coração de sua esposa e da nobreza nacional, foi o restaurador da monarchia affonsina, e que tinha, por sua discrição e luzes, grande propensão para o trato dos homens illustres, como o prova a sua intimidade com o *P.º Antonio Vieira*, tambem se não descuidou de travar relações com o maior prosador de seu tempo. Não era só ácerca de negocios de consciencia que em suas cartas escrevia esta augusta personagem; conhecedor da nobreza de coração, que encerrava o cilicio de *Fr. Luiz de Souza*, vendo por seus escriptos até onde lhe alcançavam as vistas, ao par de si o collocava, tratando-o nas epistolas de — *amigo* — e consultava-o nos casos de maior importancia publica. Gloria é do primeiro monarcha bragantino,

que appareça o seu busto entre dous illustres varões, sendo um o maior artista litterario, e o outro o maior orador de seu tempo. Exemplo é este digno de aproveitar, e dar lição aos grandes de nossa epoca, a quem as aspirações populares ainda tornaram mais avessos á intimidade com seus subditos. Infelizmente, se ficou a memoria dos actos, pereceram os monumentos, pois foi consumida esta correspondencia pelo incendio do archivo e livraria de Bemfica.

Encetára a ardua tarefa, e para maior ordem havia devidido o nosso escriptor seu novo trabalho em duas partes; a primeira devia ir até 1539, e a segunda findar em 1557. Ha noticia certa que a primeira estava concluida em dezembro de 1631. Sabendo d'isto D. Phillippe 4.º de Hespanha, mandou pedir-lh'a, por carta de seu secretario Francisco de Lucena, de 9 de janeiro de 1632. A segunda não é certo que elle a acabasse; e o que sabemos, como tradição mais exacta, é que na livraria do marquez de Gouvêa, se conservava outr'ora um manuscrito com o titulo — *Chronica do Frade*, — que diziam ser esta ultima obra do nosso escriptor.

Havia desenove annos que morava em Bemfica entregue a tão uteis applicações, quando veio a morte surprehendel-o, ainda no luzimento da imaginação, apesar de ja estar decrepito no corpo. No mez de maio de 1632, com setenta e sete annos de idade, se finou este illustre varão no seu mosteiro. A natural singeleza de sua apparencia acompanhou-o ao tumulo, pois a pedido seu foi enterrado no antecôro da Egreja, junto aos degraus do côro. Uma

pedra raza encobriu tão grande engenho, a quem não fazem sombra os maiores do seu tempo, e que, em nação mais amante de suas glórias, teria as honras de um mausoleu regio. (*)

III

Depois de havermos feito esta exposição, cahem-nos a penna, e não temos coragem de proseguir: a uma vida tão grande não assentam bem os elogios de um animo apoucado; temos as vistas tão humildes em nosso tempo, que, volvendo-as para aquella idade de vivas crenças, de nobres caracteres, de escriptos monumentaes, sentimo-nos desvairados. Chamemos pois em nosso auxilio duas vozes illustres, que foram contemporaneas do nosso escriptor, e que ellas nos digam em linguagem apropriada as suas avaliações.

Fr. Agostinho de Souza, na censura da *Chronica*, em 16 de setembro de 1622, assim se expressa sobre a obra:

« Estylo grande e eloquente, sentencioso, com brevi-

(*) Conhecem-se deste escriptor as seguintes obras, alem de alguns opusculos:

Vida do Veneravel Arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.
Primeira parte da historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal, 1623. Segunda parte, 1662. Terceira parte, 1678.
Considerações das lagrimas de Nossa Senhora.
Versão da Vida do Beato Henrique Suso.
Vida do Senhor Rei D. João 3.º
Navegação Antarctica.
Vida de Soror Margarida do Sacramento,

dade e clareza juntamente, que em poucos se acha. Linguagem natural, corrente e cortezã, com termos tão próprios, significativos e efficazes, e longe de affeitos, e artificios viciosos, que sem encarecimento podemos affirmar que dos livros, que até o presente são escriptos em portuguez, nenhum se achará de mais policia e perfeição. »

Mais tarde um illustre sustentaculo da nova monarchia portugueza, um orador, que, tendo ja avassallado a eloquencia entre os seus conterraneos, devia ir na Roma pontificia ganhar um pedestal de orador ao par dos maiores da sua idade, o celebre padre *Antonio Vieira*, na approvação do terceiro tomo da *Chronica*, assim revela a sua admiração pelo livro, que analysou:

« A linguagem, tanto nas palavras como na phrase, é puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros, *os quaes só mendigam de outras linguas, os que são pobres de cabedaes da nossa tão rica, e bem dotada*, como filha primogenita da latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no padre Fr. Luiz, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas longas peregrinações em ambos os mundos, o não poderam apartar das fontes naturaes da lingua materna, como acontece aos rios, que vem de longe, que sempre tomam a côr e sabor das terras, por onde passam. »

« A propriedade, com que falla em todas as materias, é como de quem as aprendeu na escola dos olhos. Nas do mar e navegação falla, como quem o passou muitas vezes: nas da guerra, como quem exercitou as armas: nas das

côrtes e paço, como cortezão e desenganado: e nas de perfeição e virtudes religiosas, como religioso perfeito. »

Estes elogios não eram pagos pelo ministerio, a quem, se tal entidade então havia, pouco importavam os interesses de um pobre religioso, nem pelo povo, que ainda então não adulavam ambiciosos; — não se sacrificava portanto a gosto menos puro, era do contrario o effeito produzido pelas inegaveis bellezas das obras, que os dictavam. Entretanto é raro hoje encontrar taes obras em mãos vulgares, e mesmo os doutos, mais por tradição, do que por leitura propria as conhecem, e vergonha é esta que não ha remil-a com todas as declamações dos que pretendem restaurar as lettras patrias. Se, á voz do bom *Philinto*, a mocidade sacudiu o pó, que encobria tantos primores do seculo de ouro da nossa litteratura, e se reviveu a linguagem nos novos escriptos, com a louçania dos melhores tempos, e sem quebra de condemnados archaismos, é bom que tambem á memoria dos elaboradores d'essas gentilezas antigas se alevantem padrões. Ao paiz reverterá em glorias o trabalho, que houver, para dar nova vida a taes monumentos litterarios, pois *Lucena, Barros, Souza, Andrade, Vieira, Pinto*, e outros grandes escriptores não foram somente criadores de linguagem, mas tambem rememoradores dos grandes feitos que haviam presenciado, e que davam então a Portugal a primazia em todas as carreiras.

Confiamos, porem, e é mister declarar-o, na geração nova, que agora entra na vida pública. Não está morta uma nação, quando movimentos geraes a unem e fazem

caminhar, quando deposita os seus destinos nas mãos de um Mancebo coroado, a quem elege director por suas sympathias, e a quem envia capitães dedicados em todos os mais notaveis talentos da mocidade. Estes saberão, por certo, prezar o que ha de grande em sua terra, sob as ruínas dos seculos, e tomando lições dos homens, que sujeitaram tantos imperios á monarchia de *D. Manoel*, que illustraram tantas sciencias com suas descobertas, e que souberam impellir a civilisação evangelica a uma grandeza desconhecida, — provarão que é do character nacional, e não foi do ensejo, a grandeza dos feitos, que hão de repetir-se em nosso tempo.

Rio, 28 de maio de 1858.

REINALDO CARLOS.

SCISMANDO.

Não pensas em mim pelas horas calmosas.
Da noite, morosas, em que eu só deliro!...
Em mim já não pensas que soffro e padeço?
Um ai não mereço de ti, um — suspiro!...

No zephiro brando não me-ouves as queixas
Que em tristes endeixas te dizem amar?
Da noite o silencio não vês com ternura,
Não sentes doçura na terra e no ar?

Na pallida lua não achas belleza,
Que meiga tristeza te venha infiltrar?
Não achas poesia na luz das estrellas,
Que brilham tão bellas no ceu e no mar?

Ah! tu, ó ingrata! não scismas, não pensas
Que dores intensas me fazes soffrer;
Tu dormes, não scismas no teu terno amante,
Que sempre constante, fiel te hade ser...

Ingrata!. não pensas, não sabes que a vida,
Que é toda mentida, te pode mudar!

Não sabes que amores do peito gelado
Tambem hão zombado com agro penar!

Que importa, donzella, não tenhas amor
Ao teu amador; donzella, que importa?
Se eu tenho soffrido ja tanto no mundo,
Do peito no fundo a esperança está morta.

JOSÉ ROQUE MARQUES DE CARVALHO.

A QUITANDEIRA.

Passeio nas ruas vendendo *quitanda*,
Com saias vistosas de alegre matiz;
A dama nos bailes mais leda não anda,
Não tem mais encantos na scena uma actriz.

Aos chôchos requebros d'alguns velhos *songas*,
Que fallam de amores co'a bolça na mão,
Resposta tão prompta lhes dou ás *candongas*,
Que os deixo pasmados de minha isenção.

Creoula briosa, não quero uma *chufa*,
Embora estas faces não possam corar;

Quitanda vendida, — é paga e não bufa
Que comprem, se querem, ou ponham-se a audar.

Lambida *grisette* com tantas *tetéas*,
Com peitos postiços, com saias-balões,
Nos homens não lança mais fortes cadeias,
Não pode causar-lhes mais loucas paixões.

O Chico soldado, que toca *marimba*,
Que geme saudades e em graças s'esvae,
Gastou-se-lh'a prosa, que ensina a *tarimba*,
Não pôde arrancar-me dos braços d'um pae.

Não temo ciladas, não temo quebrantos,
Afoita confio nos meus *patuás*;
E a tia Cath'rina por artes de encantos
É que hade casar-me co'um bello rapaz.

Sou preta, é verdade, que vendo *quitanda*;
Que tenho com isso, se vivo feliz?
A dama nos bailes mais leda não anda,
Não tem mais encantos na scena uma actriz.

HOJE...

No album do meu amigo J. Feitosa.

Marca a saudade, que a minh'alma sente,
Lagrima ardente, que me escalda a tez...
Hontem venturas—e a ventura passa;
Hoje... a desgraça e amanhã, talvez!

Já no reflexo da gentil miragem
Não vejo a imagem, que n'outr'ora vi,
Não tem as aves, quando nasce o dia,
Essa harmonia, que lhes conhêci.

Longe de tudo, que n'est'alma cabe,
Tenho a saudade, que da ausencia vem;
Doces carinhos, que eu gozára outr'ora,
Teu filho os chora, minha pobre Mãe!

Não tem perfumes as florinhas bellas,
Nem vós, estrellas, para mim brilhais;
N'harpa da briza ja não tenho um canto,
Só tenho pranto, que me orvalha os ais.

Candida estrella da rosada aurora,
Annunciadora da gentil manhã,
Não vem saudar-me, com sorriso pulchro,
Junto ao sepulchro de chorada irmã.

Sobre a muralha, que o meu berço encerra,
Echos de guerra para mim não são;
Nem ja me alinho nas gentis fileiras,
Sob as bandeiras, que a victoria dão.

Terra dos Lusos, minha terra querida!
— Talvez perdida para o trovador —
Patria, que adoro, se te adoro tanto,
Deixa que o pranto dulcifique a dor!

Marca a saudade, que a minh'alma sente,
Lagrima ardente, que me escalda a tez...
Hontem venturas — e a ventura passa;
Hoje... a desgraça e ámanhã, talvez.

Rio—julho—58.

ERNESTO CIBRÃO.

A FORTUNA.

Fortuna, famosa deusa,
Faceirinha e tão gentil,
Pára lá por um momento
Incessante movimento
Do teu arco de barril.

Attende, que estou mordido,
E por ti morro d'amor,
D'um amor jocoso e serio,
Asselvajado e aerio,
Cheio de calma e furor.

Um amor firme e perenne,
Intermitente tambem,
Um amor todo amantetico,
Tão prosaico e tão poetico,
Como não teve ninguem.

Amo teus lindos olhinhos,
Embora os cubras c'um véu;

Sinto no peito uma fragua
Ao verte assim em anagua,
Desgrenhada e sem chapéu.

Embirro só com a graça,
Aquella graça sem fim,
Com que vaes de pernas nuas,
Espalhando as graças tuas,
Sem te lembrares de mim.

Mas não páras na carreira?
Cega e muda! Cousa atroz!
E eu que tudo daria
Só por ouvir a harmonia
Do metal... da tua voz!

Ah! tu fazes piruetas,
Firme somente n'um pé!
Torrentes de ouro espalhas,
Como se fossem migalhas;
Mas é só para quem é.

E a mim, que te amo tanto
Nem sequer cavaco dás?
Olha, sou eu que t'ó digo,
Isto, que fazes comigo,
É mui feio, não se faz.

E vingarme—hei, dizendo
Que os mortaes, a quem sorris
E que gozam teus favores,
São dos tolos os peores
São de todos os mais vis.

Vae—te, pois, fortuna, vae—te!
Que jamais te quero ver;
Horror me causas e tedio
E, — não tenho outro remedio—
Serei pobre até morrer.

J. COELHO LOUSADA.

A ROMA DO ATLANTICO.

DUAS NAÇÕES E UMA SO MISSÃO.

No Sur. Fernando Castiço.

I

Alcacerquibir ja não podia ser hoje o tumulto da nacionalidade portugueza.

As caravellas de Sagres, rasgando o oceano desconhecido, fizeram mais do que alargar os limites do mundo: deram tambem á patria de D. Henrique um povo herdeiro de seus grandes destinos. A lingua portuguesa não expirou nos cantos de Çamões, lavrando o auto dos feitos da Roma do Atlantico, veio servir tambem de organ aos conservadores do progresso moral entre as sociedades criadas ao alvorecer do seculo 19.º entre a cordilheira dos Andes e as margens de dous oceanos.

Na Roma do Atlantico conservára-se a energia, a lingua, e a valentia, que haviam tornado o Lacio um grandioso instrumento da providencia. Este reunira as nações dispersas entre o Indo e o Mar Germanico, fundira suas crenças, e as preparára para a regeneração christã.

Aquella enviou a milicia desarmada dos monges á conquista das almas, que os seus guerreiros haviam curvado com o scintillar das armas.

Jeronymo de Praga ja surgira do seio das trevas da idade média, e havia dito ao catholicismo: « Pára! » A monarchia espiritual de Hildebrando estremecêra em seus alicerces: a Bretanha, feudo do Vaticano, devia em breve tornar-se a Inglaterra de Henrique 8.º As espadas dos margraves de Francfort, que se desembainhavam outr'ora para cercar com um anteparo de batalhas a cadeira pontificia, combateriam em breve a favor de Luthero. O islamismo triumphante, descendo como uma alluvião das planicies da Tartaria, devia dentro em pouco bater com as cimitarras de seus capitães ás portas de bronze de Vienna. As raças europeas, regeneradas havia dez seculos pelo sangue ardente dos barbaros, e que respiravam durante esse periodo a fé viva dos apostolos do occidente,—alquebradas por longas luctas, amolecidas pelos gozos do ocio, preparavam-se para repousar languidamente em torno dos paços esplendidos de Leão X, o artista.

Era a epoca da renascença para as artes, de florescimento para as letras, mas de decadencia para as crenças religiosas: Miguel Angelo e o Tasso personalisavam a sua civilisação, os protestantes do concilio de Constança o seu enfraquecimento.

E entretanto, desde a Georgia até o Pacifico, haviam nações, em que os primeiros fachos do christianismo se tinham apagado; e ao longo do Atlantico, por toda a costa

de um mundo desconhecido, com raças diversas ainda sacrificavam á idolatria os seus prisioneiros de guerra.

Então, na estremidade da Europa, ergueu-se um povo pequeno em numero, grande em energia moral, em valentia de coração, e tomando o estandarte da cruz, que pendia abatido sobre as muralhas dos castellos feudaes, arvorou-o em suas caravellas ao sopro das tempestades do do oceano, e partiu.....

O poeta dos navegadores escreveu esta pagina da civilização; — que a rasguem, se podem, as nações grandes em territorio e pequenas em destinos, que hoje vem sorrir com desdem á embocadura do Tejo.

II

Povos christãos oram agora no recinto de cathedraes antigas nas margens do Zaire como nas do Indo, nas do Amazonas como nas do rio de Cantão.

Mas este povo, que disse ao mundo, — serás christão! estes navegadores que realisaram a universalidade do Evangelho, repousam sob as lages de pedra dos Jeronymos de Belem: os estrangeiros passam sobre estas lapidas cobertas de pó, e só olham para as arcarias... as cinzas dos antigos guerreiros, se elles as esquecem, não deixam da estremecer em seus leitos de pedra, porque sabem que a curiosidade vã é um insulto, quando o grandioso das recordações ordena a veneração.

Mas, se o povo que herdou o nome d'este grande centro

de acção, se perde hoje em uma carta da Europa; se os historiadores estranhos o confinam entre as nullidades da civilisação, e esquecem que jamais um braço tão pequeno traçou circulo mais vasto, outra nação, que falla a sua lingua, que conserva as suas tradições moraes, que acalenta o espirito com o mesmo fulgor de imaginação, se ergue na outra margem do Atlantico, e se prepára para ultimar a epopêa, que a raça portugueza deve deixar na memoria dos homens, antes de confundir-se na grande familia social, que será o remate da actividade assimiladora da civilisação.

Quando outras nações lançam a travez das planicies do norte as locomotivas, que percorrem os ermos, semeando cidades, manufacturas, colonias, e exploradores, quando ellas applicam todas as forças da mechnica, e das inovações materiaes ao aproveitamento dos solos virgens, a herdeira da raça portugueza acolhe de preferencia as tradições moraes da civilisação decrepita, aviventa-as em seu seio, e prepára-se para dominar, pelo pensamento, os braços, que só trabalham para a industria.

A missão d'esta raça é ainda portanto a da civilisação geral.

O Brasil não herda o testamento de D. Henrique, mas cumpre as suas ultimas disposições.

Rio, 23 de Abril de 1858.

REINALDO CARLOS.

ULTIMA CARTA.

o Lucia

1

A nevoa esbranquiçada, que impedia
Ao sol mostrar a face,
A nevoa, que um momento ao sol offusca
A luz animadora,
Cedendo ao roçar breve e passageiro
Das auras fugitivas,
Na vida sua ephémera revela
Que a nevoa era só nevoa;
E o astro, rei dos astros, vem, sorrindo
Sorrisos magestosos,
A face coruscante, a loura face
Mostrar a quem o adora.

Mas quando espessa nuvem, que se agita,
No seio negro e horrivel,

Tremendo anunciador da tempestade,
 Occulta o fogo e o raio;
E quando pelo espaço ennegrecido
 Assopra o vento irado,
Em vez da meiga briza, que gemia
 Harmonicos suspiros,
O astro, rei dos astros, envolvido
 No veu de escuro gaze,
A face coruscante, a loura face
 A seu pezar occulta.

Nos braços poderosos do terrível,
 Medonho sibilante,
Eu vejo pouco a pouco approximar-se
 Cortejo de mil raios.
Em pardacento crepe disfarçado,
 Parece que o corisco
Possue a consciencia do exterminio,
 Que leva pelo mundo;
Ou antes, recostado em negro carro,
 O ígneo viajante
Ao homem poderoso, em seu orgulho,
 Simelha e na vaidade!

Pequeno aleli triste, que vivia
 Viver, que o sol lhe dava,
Vertendo amargo pranto do abandono,

Eleva a Deus a prece.
E geme e chora e reza o triste goivo,
Pequena flor das campas;
E pede ao ceu bondoso lhe não roube
A vida, que vivia.
E geme e chora e reza... Estala o raio,
Dispara sobre a terra,
E a triste flor, ao chão pendendo a fronte,
Suspira e reza e morre!

II

Oh Lucia! eu vi neblina incerta e breve
No ceu da minha esp'rança adejar lenta.
Aos olhos deste amor, que amor eterno
Sagrara aos olhos teus, sublimes auras,
Diaphanas, mimosas, bemfasejas,
Rasgando com su'aza transparente
O seio da neblina e deslocando-a,
Mostraram mil venturas.

Oh Lucia! eu vi no ceu ingente nuvem,
Tremenda precursora da borrasca,
No seio conduzir, pesado e negro,
O fogo do exterminio, o raio, a morte!
E vi seguir apoz a nuvem treda
Innumero cortejo de demonios;
E vi bater-se a hoste, ouvi-lhe o grito

Horrisono, medonho; e sobre o peito
Do triste—que procura, em vão, no espaço
O sol do teu amor—senti rojar—se
O fogo do extermínio, o raio, a morte!

Oh Lucia! eu não me queixo. A Deus aprouve
A vida me adoçar; ligeiro gozo,
Ephèmero brilhar de um meteoro.
Mas, Lucia, eu não me queixo. Ao ceu agrada
Que eu soffra, no silencio, este martyrio
Em troco da ventura passageira.

Tu deste—me esse amor, que te pedíra,
Sentiste o que eu senti; quando innocente
Perfeita, comprehendeste o soffrimento
De quem te amava tanto.
Tu deste—me esse amor e n'elle o gozo
De santa aspiração! Bemdicto archanjo!
Sentiste, no remanso da innocencia,
A dor, que me doia.

Eu era tão feliz! mas veio o mundo,
Soberbo de um poder, que a si arroga,
Roubar—me o coração da minha Lucia!
Eu era tão feliz! O mundo egoista
Não quiz o teu amor, quiz o teu ouro,

E a sorte me invejou, não compreendendo
Que eu dera a minha vida pela tua,
Não dera um dia só pela riqueza!

IV

Dizer-te o que eu senti, Lucia, impossível!
Lembranças d'este amor tão meu, tão puro,
 Lucia, que importam?
Pallidas flores, pelo chão dispersas,
 Do vento escarneo,
Ergue-as, se podes, como eu pude estatua,
 Vêl-as pender-se!

Um dia, aberto pela mão da sorte
 O livro incerto,
Na minha pagina traçou — *venturas* —
 A mão do Eterno.
Mimoso archanjo, que do ceu baixára,
 Mostrou-te o livro:
« Escreve agora! se te adora tanto,
 « Marca-lhe a sorte! »
Oh Lucia! — AMOR — disseste e fôra escripto:
 Em lettras d'ouro!
Dizer-te o que eu senti... fôra impossivel!

Mulher, eu cri-te

Protestos d'esse amor, que prometteras...
Mentiste, Lucia!
E a verde pagina do meu destino
Volveu-se negra!

v

Traçado pela mão do infortunio
O quadro d'este amor, em negra tela,
Eu quiz deixar-t'o aqui. Lembrança eterna
Será do crime teu. Has de rasgal-o,
Terás de reduzir o quadro a cinzas,
Soltar a cinza ao vento! e, Lucia, um dia
Irás beijar-lhe o pó... Hei de cantar-te:

« Lugubres cinzas, pelo chão dispersas,
« Do vento escarneo,
« Ergue-as, se podes, como eu pude estatua
« Vêl-as rojar-se! »

ERNESTO CIBRÃO.

Rio de Janeiro — 1858.

PENSAMENTOS DE UM DESCRIDO.

I

A liberdade individual é um sonho na época actual da sociedade europêa; o que realmente existe, e a que tudo se quer sacrificar, é a liberdade collectiva, contrariada pelas desigualdades innatas, e adquiridas dos individuos.

II

Quaes serão os resultados do socialismo? A nullificação do individuo na vida civil, substituido pelo complexo da communitate, e a dispensação futura do trabalho braçal do homem, substituido por agentes de producção mecha-nicos.

III

Esta época actual do mundo não é tão antiga como alguns pensam, nem tão nova como querem os que lhe promettem extraordinarios melhoramentos: a fusão das raças,

que é o movimento actual da humanidade, acobertado com diversos motivos, prepara o aperfeiçoamento possível da sociedade, e o seu não distante desmoronamento, ou accidental aniquilação.

IV

Foi em nome da religião que se organisaram as primeiras sociedades, em nome do direito da força as posteriores, e em nome do interesse raciocinado as actuaes: eis a origem da theocracia, do feudalismo e da democracia, unicas formas verdadeiras de organização social. A civilização asiática corresponde á primeira, a greco-latina á segunda, a moderna civilização á ultima.

V

As acções virtuosas são preces, que o Altissimo acolhe, sem attender ao individuo de quem provêm, nem á consideração que elle merece dos outros.

Macahé, 1851.

REINALDO CARLOS.

A D. PEDRO V.

Eu venho aqui, Senhor, n'um rude canto
Prestar-vos o sincero e justo preito
De gratidão, de amor.
Orgulhoso me sinto, honro-me tanto
Curvando-me ante Vós, pelo respeito
Que m'inspiraes, Senhor!

Não venho mendigar, antes intento
Pagar-vos, se poder, o bem que sinto;
Pois que prazer é,
Lastimando o passado aviltamento,
Recordar-me depois de Pedro Quinto
E no porvir ter fé?

Vossos povos leaes tem como certo
O bom fructo de prospero reinado,
Das mais prudentes leis :
Não zombem do leão, que está desperto;
Que inda uma vez o nome respeitado
De Portugal vereis.

A virtude, Senhor, gemia occulta,
O vicio apoz si via altaneiro
 Adulação venal;
Mas subistes ao throno, o povo exulta,
Porque viu no seu Rei um paradeiro
 A perdição moral.

E fallastes, Senhor, falla sublime;
Gigante pensamento, em Rei tão novo,
 É bom presagio; diz:
Que folguem innocentes, gema o crime!
Que o vereis justiceiro e pai do povo,
 Como já foi Diniz.

Creio bem, oh Monarcha, estou convicto
De que um rei tudo póde, se pretende
 Dos povos seus o amor ;
E Vós não mais quereis, pois que é maldicto
O vassallo, ou o rei, que a patria vende,
 Ou que lhe foi traidor.

Um rei para seus vassallos
Deve ser pai e juiz;
Os bons deve premial-os,
Aos maus calcar a cerviz;
Ser na terra a providencia,
Usar justiça e clemencia,

Minorar do povo a dor,
Infundir amor, respeito,
Ser em tudo um rei perfeito,
Rei como Vós sois, Senhor.

Tão joven, não vos illude
A servil adulação,
Sabeis, sim, que é ter virtude
Praticar tão nobre acção;
Mas sabeis que o sceptro obriga,
E que o bom pai, que mitiga
Dos filhos seus o soffrer,
Faz o bem, mas reconhece
Que, se louvores merece,
Não faz mais que o seu dever.

É dever bem espinhoso !
Mas que doçura não tem
Um coração generoso,
Quando póde fazer bem!
Como vos dareis por pago,
Quando a mãe, em terno affago,
Assim diga ao filho seu:
« Pai não tens, mas tens abrigo;
« Louva a Deus, filho, comigo
« Pelo bom Rei, que nos deu. »

Não vejo só em Vós a magestade,
Mas tambem esses raios de esperança,

Que desde já nos daes;
Saúdo em Vós a patria, a liberdade,
Dos filhos desavindos a alliança,
Perante vós iguaes.

Quizera p'ra cantar-vos som divino,
Quizera... mas oh! não, p'ra vossa gloria
Não precisaes cantor;
Serão bençãos do povo o melhor hymno,
De vossas leis o fructo a vossa historia,
A mais fiel, Senhor.

J. COELHO LOUSADA.

A MINHA IRMÃ IRIA.

Nas horas mortas, na mudez da noute
Fallo contigo, minha irmã querida,
Lembras-me tanto... Como são custosas
Estas saudades da passada vida!..

Quando alta noute, fatigado o corpo,
Fecho meus olhos a um dormir pesado,
Em sonhos vagos, que me enganam sempre,
Eu creio ver-te, como um anjo ao lado.

Ali, bem perto, nossa mãe tão triste,
Falla de um filho, que não tem ao pé...
Reza por elle, que sem patria vive,
Tremem-lhe os labios n'uma ardente fé.

Tu como o anjo da esperança fallas,
E o pranto cobres que teus olhos tem...
E n'um gemido, que traduz tristezas,
Pedes coragem na afflicção da mãe!

Depois sosinha vaes tambem carpir-te...
Quanto me custa ver chorar-te assim!
Eu vôo á patria... mas eu canso, eu paio,
E quando chego, tem meus sonhos fim!..

Acordo e breve meu chorar amargo
Diz-me que é falsa a illusão de ha pouco,
Então deliro, e n'um fallar incerto,
Perdido sou como se fôra um louco.

Que sonhos bellos, que mentir tão lindo!
Se estes meus sonhos não tivessem fim,

Como eu veria, prazenteiro quasi,
Passar a vida no desterro assim.

Porem desperto, e n'um olhar sem vida
Não vejo patria, nem irmã, nem mãe.....
Ai, minha amiga, como são penosas
Estas saudades, que dos sonhos vem!

Que importa a esperança de te ver um dia,
Se ella tão longe no futuro está!..
Receio tanto que não venha a tempo,
Ou quando chegue seja tarde já...

Porque não sabes como é longo o tempo,
Que tão cansado a proseguir demora!
Que noutes lentas... que pallôr de lua,
Que de tristeza no exilio mora!..

1858.

FERNANDO CASTIÇO

A LEI DA CONSCIENCIA,

elástica, como todas as leis.

A resignação é a mascara do infeliz, que deve rir quando
soffre, para que o mundo se não ria dos seus padecimentos.

Moralidade: fingir quando convem.

O amor é uma bicha de sette cabeças, que se mantém
de illusões.

Illudir a quem nos ama.

A castidade é a mais pura das theorias.

Não lhe profanes a pureza sujeitando-a á prática.

A hypocrisia é o capote da sociedade.

Olha para o que digo, não olhes para o que faço.

Procura sempre merecer a estima dos teus semelhantes.

Arranja dinheiro, seja como fôr.

A prática das virtudes é o ferro-carril da salvação.

Se não tendes pressa de deixar o mundo, não sejas virtuosos.

Os soffrimentos n'esta vida tem premio na Bemaventurança.

Levareis tantas almas ao ceu, como de martyres fizerdes na terra.

Contribuir para a satisfação dos desejos mundanos de qualquer homem, é leval-o á perdição.

Opprimi o proximo por caridade.

Libertai-vos do amor proprio. Amai o proximo como a vós mesmos.

Não ameis o proximo.

Todo o homem deve ter occupação. O ocio é a occupação de muita gente.

Séde ociosos.

As sete estradas da gloria são os sete peccados mortaes, que tem immortalizado muita gente.

Séde suberbos como Catão, ambiciosos como Bonaparte, luxuriosos como a Putifar, iracundos como Moisés, gulosos como Lucullo, invejosos como Caim, e preguiçosos como como eu, que fico por aqui.

E * * *

OS CINCO SENTIDOS.

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

GARRETT.

Triste era a vida que eu vivia outr'ora,
Depois —estrellas de ventura eu vi:
Foram teus olhos; —e no mundo agora
Só vejo a ti!

Vozes sublimes de sonoras galas
Não escutava, mas fallar te-ouvi:
Vozes de um anjo, de mulher nas fallas,
Só ouço em ti!

Eu não sentia celestiaes odores,
Mas a teu lado me sentei, — senti:

Doces perfumes dos jardins de amores
Respiro em ti !

Nos frios labios tinha um vão desejo
Mas vi-te, e a esperança de o cumprir nutri:
Doçura immensa, quando dou-te um beijo,
Só gosto em ti !

Julguei das Deusas o modelo extincto, —
Teu niveo seio em minha mão senti:
As formas da arte, — naturaes só sinto
Se toco em ti !

*

Digo á minh'alma n'um sentir profundo: —
— Adoro o anjo a quem fallei e ouvi! —
Não amo — eu juro — a mais ninguem no mundo,
Só amo a ti !

Oh, vem ! tu'alma em meu amor reflecte:
Já nos teus olhos uma esperança eu li... —
Paga os affectos, que te eu dou, — repete: —
« Só amo a ti... »

NO ALBUM DE UMA DAMA.

Porque arde a luz, vacillante,
La na ehoupana do monte,
Quando a lua, radiante,
Brilha, altiva, no horisonte?

— Porque a luz é dominada
Pelo ardor de humana empreza,
Como a lua é sustentada
Pela mão da natureza.

Porque vae o homem, ousado,
Ethereo espaço cortando,
Quando o vivente emplumado
Se eleva ás nuvens, voando?

— Porque na força mesquinha
O homem confia d'arte,
Como dispõe a avesinha
Do poder, que o ceu reparte.

Porque é, dos astros na sciencia,
A voz dos sabios incerta,

Quando a sua permanencia,
Na celeste esphera, é certa?
— Porque a sciencia é phantasia,
É delirio dos humanos,
E Deus, que os astros, só, guia,
Não revela seus arcanos.

Porque tem meu nome, obscuro,
Neste livro entrada honrosa,
Se o genio, firme e seguro,
Cumpre aqui missão famosa?
— Porque o poder de uma Dama
Tem sobre o fraco victoria,
E o genio, quando ella o chama,
Deixa aqui tropheus de gloria.

Rio de Janeiro — Agosto — 1838.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

A LITTERATURA E O INDUSTRIALISMO.

O desenvolvimento democratico da moderna civilisação, que se apoia nos grandes melhoramentos materiaes, que reapproximaram as nações com a velocidade do transito, e fazem percorrer a terra com a rapidez do relampago o pensamento humano, nullificará a litteratura, substituindo-a por materias mais importantes para a occupação dos escriptores? Não deverá a litteratura ser posta de lado, quando se trata de questões de immediato interesse, como sejam: harmonisar o estado politico da sociedade com aquelles progressos reformadores, applicar a investigação philosophica para o aproveitamento de maiores commodidades a todas as classes do povo, augmentando a produção, e reduzindo a carestia dos generos necessarios da vida? Que importam, em relação a estas materias, as questões sobre a adopção de um ou outro dogma metaphysico, sobre a conveniencia deste ou aquelle preceito de moral privada ou publica?! E alem d'isso, quando mesmo fosse preciso adoptar uma opinião sobre esses pontos intellectuaes, não seria melhor, em vez de entrar em discussões que aze- dam os espiritos, e incitam as revoluções, contentarmo-nos com o que nossos antepassados assentaram a esse respeito,

e aceital-o como um legado, que tem pcr salvaguarda a ancianidade?

Eis o que obtereis em resposta, indo fallar de litteratura aos politicos e economistas, e mesmo ás classes esclarecidas do povo, em nossa época.

Se lhe perguntaes se leram a derradeira obra de um historiador illustre, de um poeta talentoso, ou de um narrador acreditado, encolherão os hombros, com ar de quem se ri de vossa ingenuidade, ou julga que tendes muito pouco que fazer, para cuidar em taes bagatellas. Se lhes pedis que contribuam com a sua assignatura para auxiliar a publicação das obras de um auctor digno de protecção, ou para que se sustente um periodico, que póde contribuir para o adiantamento moral, responder-vos-hão que o estado dos negocios não lhes permite fazer despezas inuteis.

Mas o que estimaes vós, — exclamarei, — o que achaes digno de vossa protecção?

Algum diario escripto pessimamente, que recopila todas as manhãs as falsidades que no publico e nas outras folhas sahem á luz, ou algum papel pequeno, prosaico, vulgar, repleto de immundas chocarrices, que assanhado contra a honra de todos os que o não assignam, atacando todos os principios sãoes e estabelecidos, macaqueia o espirito de destruição dos revolucionarios, sem achar uma ideia unica de melhoramento possivel. Algum individuo nescio e orgulhoso, que nos collegios mal póde aprender as primeiras lettras, mas que, dotado de insaciavel ambição,

quer á força de atrevimento subir ás altas posições do estado.

Mas será este estado de desfavor para a litteratura a consequencia logica, inevitavel das reformas sociaes, e um começo de educação politica do povo, que se compe-
netra de seus direitos e necessidades, e se abstem de des-
viar a attenção, para outras materias menos proveitosas?
ou então a sociedade não poderá progredir sem que os me-
lhoramentos moraes se apartem, para deixar passar os pro-
gressos materiaes, permittindo ao espirito humano tratar
d'elles exclusivamente?

Entendamo-nos: o que é a litteratura?

O laboratorio em que as ideias sobre as sciencias moraes se formam, e de que sahem para divulgar-se, e inocu-
lar-se na opinião publica. A imaginação, que coadjuva a
intelligencia n'este trabalho artistico, serve ora para ornar
as licções que a litteratura extrahe do passado, ora para
incarnar as ideias com apparencias dramaticas, que fallam
com mais vehemencia aos olhos vulgares, ou então para
despertar o enthusiasmo e a sensibilidade com imagens
graciosas, com phrases eloquentes, que, exagerando o pen-
samento, mais profundamente nos commovem.

Quereis destruir uma instituição, que achaes nociva
para a humanidade?

A litteratura vos descreverá os males que ella causou no
passado, mostrará os sophismas sobre que se fundou, inci-

tar-vos-ha, fortalecendo-vos os animos, a expor-vos a todos os perigos para a alluir.

Quereis fazer com que um principio novo, que achaes justo e util, se propague e adquira partidarios?

A litteratura encarrega-se de predispor os espiritos para o receber, de o collocar de tal maneira ante os olhos que todos o admirem, e desejem vivamente vel-o adoptado.

A litteratura faz mais: Quando os vicios se introduzem na sociedade, e conspiram contra sua existencia, ella queima ante o altar da virtude tão generoso incenso, que lentamente os animos sentem reanimar-se e salvam-se do lodacal, em que divagavam.

Quereis negar o vosso apoio á litteratura, então haveis tambem de consentir que as sciencias moraes fiquem paradas, ou que a sociedade as dispense: mas a ficarem paradas, a querer-vos atar ao carro das tradições, quando os adiantamentos moraes vos impellem em sentido ascendente, haveis de ficar espedaçados entre estes dous esforços contrarios. A querer abster-vos d'ellas, então vereis os vinculos de familia, as affeições generosas, os deveres sociaes esquecerem-se, dissolverem-se, ou lentamente, ou aos golpes precipitados dos interesses das classes, das facções, e dos individuos, que os sacrificarão em seu proveito! Não vedes o passado surgir ante vós, e mostrar-vos com seus dedos descarnados o cadaver do imperio romano, em que faltava a vida social e moral, em que o interesse material dominava, e que acabou prostrado por interiores convul-

sões, e pela superioridade physica dos barbaros aguer-
ridos?

Ride-vos embora: que me importa?! Eu estimo mais um
livro de pensamentos superiores, do que todo o cabedal de
vossos bancos e sociedades industriaes; eu prezo mais o
homem talentoso, que estuda no gabinete, do que o orador
refalsado e sceptico, que mercadeja em consciencia do alto
da tribuna, em que a corrupção o collocou.

Para que haveis de dispender vossas fortunas, vosso
tempo, vossa força intellectual com trabalhos puramente
recreativos, ou de abstracta consideração, que de nenhuma
utilidade podem ser para vossas estradas, vossos vapores,
e vossos telegraphos?

Deixai a sociedade ir resvalando por um vertice de fumo
e ferro, e quando vos vier acordar uma guerra social,
dizei:

« Maldictos ideologos que são a causa destas dissensões ! »

Macahé, 7 de Setembro de 1851

REINALDO CARLOS-

?...

Ao meu illustrado amigo M. de Belle.

Este amor, que amor gerára
Ness'alma, que eu tanto amei,
Este amor, chamma do inferno,
Amor, amor... Nem eu sei...
Mentira, que em sonho nasce
E cresce e vive — existiu?
Esse terno sentimento,
Essa *verdade* — mentiu?

E mente.

Mulher ou anjo, que verte
O pranto, que chora a dor;
Que, entre lagrimas sorrindo,
Jurára amor por amor;
Mulher ou anjo, que firma
Um juramento—fingiu?
Esse terno sentimento,
Esse amor nunca sentiu?

Nem sente.

Meu coração era bronze,
Que dourára uma illusão;
Aqui brilhavam teus olhos,
Reinava o teu coração;
E veio a deusa das mágoas
Chorar sobre elle — chorou.
Veio o demonio dos zellos
Roubar-lhe o ouro — roubou.
Ficára o bronze despido,
Escarneo do temporal;
E o açoite da procella
Volvêra negro o metal;
Em vez do ouro cobríra-o
Veneno de verde côr:
— O rancor vive no peito,
Onde vivêra o amor.

Um sentimento, que vive
E cresce no coração;
Um sentimento, que morre,
Quando morre uma illusão;
Que dá mentiras douradas
A quem mentiras lhe dá;
« Esse presente do inferno »
Amor, amor — onde está?

Pallida estrella, nem brilha,
Que mentíra o brilho seu.

Pallida estrella — nascêra?
No ceu brilhára? morreu?
Se nasceu, nasceu commigo;
Se viveu, não vive já;
Se vive ainda, que importa?
Se não morreu, morrerá.

ERNESTO CIBRÃO .

1838.

A EL-REI DE PORTUGAL.

Portugal, guerreiro trémulo,
Ergue a fronte inda uma vez...
Quebra a campá, surge, Lazaro,
Retoma a velha altivez!
Eia... em pé, vulto gigante,
Sacode o pó de trez seculos,
Que o simum d'Africa deu,
Quando lá, aos pés do mouro,
O nosso melhor thesouro,
A liberdade, morreu!

Foste grande, talvez unico
Em conquistar terra e mar;
Chegou-te o occaso, e no tumulo
Foste a frente reclinar...
Roma, a grande de outras eras,
A primeira nos imperios,
Teve a Cesar por senhor;
Tu, o grande do occidente,
Nas plagas d'Africa ardente
Conheceste o vencedor!

Subiu, subiram, ergueram-se,
Roçando a frente nos ceus...
Era muito; ser altissimo,
Era um só, era só Deus.
Mandou-as descer: cahiram
Tão velozes, e tão rapidas
Como as lavas dos vulcões;
E d'essas passadas glorias
Ficaram só as historias,
Os tribunaes das nações!

O sol mais forte e mais igneo,
Afrouxa, esfria tambem,
Perde a força, e recupera-a,
Na manhã seguinte vem;
Sé o sol, velho guerreiro,
Acorda, é dia de jubilos,

Deslembra passado mal;
Lá desponta a aurora em brilho:
Ergue-te, vem ver teu filho,
A esperança de Portugal!

Quando outr'ora as nações despedaçando-se,
Arqueavam exangues nas batalhas,
Sorria o vencedor, e nas muralhas,
Tremulava o pendão, retinto em sangue!

Curvavam-se os vencidos, e beijavam-lhe
A mão, que lhes roubára a liberdade...
Mas a historia não diz, se essa humildade
Foi voz do coração, ou odio d'alma!

O medo dos grilhões, fazia-os súplices,
E chamavam amor, ao que era medo!
São poucos os monarchas, que o segredo
De domar corações, teem junto ao sceptro!

Qual o rei, como Tu, — pura vergontea
Do tronco altivo, que assombrára a terra —
Que na edade infantil, já guarda e encerra,
Coragem e valor e intelligencia?..

Quando a estrella da vida, alegre e lucida,
Raiava de illusões a tua edade,
Passavas, Joven Rei, sem mocidade,
Do berço ao throno teu, da patria ao mundo..

Nasceste para Rei, e ensinas-te-nos,
Que póde haver n'um rei tudo, que a historia
Aponta de valor, saber e gloria,
Embora seja a Historia Portugueza!

Rio de Janeiro—maio—1858.

FERNANDO CASTIÇO.

TRANSIÇÃO.

N'um Album.

Quando levanto o veu do meu passado
Descubro um quadro de illusões e dores,
E perante o pungente desengano
Eu maldigo os prazeres e os amores:

Mas se volves p'ra mim teus olhos ternos,
Desprendendo de amor chamma incendida,
Nas correntes electricas d'ess'alma
Prendes-me o coração, — prendes-me a vida!

F.—GONSALVES—BRAGA.

1858.

A CONSCIENCIA ACTUAL.

Agora tomei a peito
O dar aos caros leitores
Estatura, modo e geito,
Com todos os pormenores,
Da consciencia actual;
Fal-o-hei, por certo, mal,
Tendo porem a esperança
De que, ainda com ser fraco,
Eu heide achar um buraco
P'ra sahi: da contradança.

Isto posto, na matéria
Desde já vou-me envolver,
Pois que a cousa é muito séria,
Não quero tempo perder.
A consciencia de agora
Não tem a vista de outr'ora,
Cegou-a o seculo da luz;
Este progresso gigante,

Decidindo a seu talante,
Poz-lhe ás costas esta cruz.

P'ra d'uma vez dizer tudo,
Direi a *largura* d'ella;
Escusado é mais estudo,
Se cousa achar parallela;
Mas é ahi que toca a meta,
Eu vou ficando pateta,
Não acho comparação...
Ah! já sei, é boa idéa:
A consciencia é baléa,
A maior da criação.

Se grandes vasos de guerra
São da baléa o *manjar*,
A consciencia na terra
Engole, sem se engasgar,
Palacios, barcos, fazendas;
E cousas mais estupendas
Póde no papo conter;
Té mesmo não sei se affirme,
Que a immensa terra firme
Lá se póde ir esconder.

Tálvez que alguma pessoa
Me venha sahir á frente,

E diga que fallo á tóa,
Só para aguçar o dente;
Dar-lhe-hei resposta lhana,
Dizendo: muito se engana,
Se pensa que a consciencia,
É no seculo presente,
Alva, pura e transparente;
E ouça, tenha paciencia.

Bastante dinheiro em ouro
Ella guarda em seus *arcanos*,
E não julga ser desdouro
O ter *pintos e soberanos*
Escondidos em seu seio;
Qual! ella não tem receio
De que o seu véu se levante;
E, no caso que alguém bula,
Muito prompta capitula,
Escorrendo-lhe o *sonante*.

Uns — a herança de *uns duzentos*
Vae-lhes logo encher o ôlho,
Agarram-se aos testamentos,
Como a *lagarta* ao repolho;
Se os contos ficam *filados*,
Entram na boca aos bocados;
Venha embora a orphandade
A valer-se da justiça,

— É coisa velha e sedição —
Fizeram sociedade.

Na consciencia passada
Não se podia por pecha;
Mas a de hoje é fabricada
De borracha ou gutta-percha;
Faz-se d'ella o que se quer,
Basta puxar e estender,
Pois ella a tudo se ageita;
E conforme os appetites,
Cada um põe-lhe os *limites*,
Põe-a *larga* ou põe-a *estreita*.

J. V. D'ALMEIDA CAMPOS.

SÚPLICA.

À ***

A lua, que preside aos nocteos canticos
E vae na escuridão rasgando o espaço,
Em rendas se rebuça, porque a sombra
Não vá tocar-lhe a fronte meiga e pallida.

Assim te circumdaste de uma auréola
De amores, de belleza e de perfumes;
Estás no mundo só, e vaes sem medo
Da fria escuridão das almas pérfidas.

És bella assim, mulher! — se um riso candido
Aos labios te assomar, serás archanjo.
És bella assim mulher; — dormem saudades
Nos olhos teus, que embalas melancolica.

Oh! volve-os para mim! De um ai na túnica
Envolve um riso, que de amores falle!
Eu hei soffrido tanto! Acorda, ó virgem,
E vem ao coração trazer-me o balsamo.

Eu hei soffrido tanto! Oh ser angelico,
Se desses-me um suspiro, eu fôra alegre
E a propria dor sorrira-se, lá dentro.
Nos seios d'alma, que afogára em lágrimas.

Archanjo do Eterno! as noites rápidas
Leváramos contando argêntas flores,
Que brilham lá no ceu; — por cada estrella
Nós deramos um beijo, — e assim morreramos.

Agosto — 29 — 58.

ERNESTO CIBRÃO.

UM MOMENTO DE TRISTEZA.

A vida é como o oceano,
Que ora dorme socegado,
Ora, á voz da tempestade,
Açoita os astros irado.

A. LIMA.

Nem sempre o riso nos labios,
Nem sempre no peito a dôr;
Na vida, rudes e sabios
Tem doçuras e amargor.

Tem horas de gôzo o triste,
Mil vezes chora o feliz,
Variedade em que consiste
D'esta existencia o matiz.

O rouxinol que, trinando,
Modula doce canção,
No bosque, ás vezes, piando,
Nos enlucta o coração.

O som de ledô instrumento,
Que ao prazer nos vem chamar,
Tambem terno sentimento
Nos póde n'alma excitar.

Se cantos soltou a lyra,
Que alegre musa inspirou,
Hoje não canta... suspira...
A voz em ais se mudou.

Hoje soffro, e soffro tanto
Que me abandona o valor;
Não choro?... a fonte do pranto
Seccou-se com tanto ardor!...

Uma doçura aparente
Esconde o travor do fel;

Nem sempre é do que a alma sente
O rosto espelho fiel.

Calo-me... não contrafeito...
Que a coragem feneceu;
Não choro, porque meu peito,
Pela dor, emmudeceu.

Se os labios abertos virem,
Não cuidem que um riso sae;
Que era mais facil abrirem
Por deixar passar um ai!..

Mas... silencio... este *momento*
De tristeza... occultarei...
Ninguem sente o meu tormento?..
Ninguem saiba o que eu passei.

Porto — junho — 1853.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES .

CHORA.

No Album da Ex.^{ma} Srta. D. M. A.

Nada ha mais bello que uma bella mulher chorando; e nada mais persuasivo do que as lagrimas, quando ellas não descem da cabeça, mas sobem do coração.

CONSER.^o BASTOS. — *Virgem da Polonia.*

Que fôra a vida se n'ella não houvesse lagrimas.

ALEXANDRE HERCULANO. — *Eurico.*

Como a estrella matutina
Chora aljofares de prata
Sobre a relva da campina,
Sobre a rosa e a bonina,
Que no lago se retrata;
É como a flor innocente
Envia á plácida aurora
O perfume rescendente,
O doce pranto, que chora;

— Deixa que na face lisa
Passe a lagrima zelosa,
Que tem ciumes da briza,
E mollemente desliza,
Té perder-se descuidosa.

Chora, chora, virgem pura!
Que mais se augmenta a belleza,
Mais commove a formosura,
Quando chora a desventura
Entre a fé, entre o receio.

Esperas? Palpita o seio,
Quando julgas ver detido
O pranto, da face em meio,
Por um osculo appetecido,
Casto, puro como um beijo,
Que o jasmim á rosa envia
Envolvido no bafejo
Das leves auras do dia.
É do Irmão!... Cinge-o nos braços,
Mais e mais estreita os laços
Do candido amor fraterno!
É do irmão! Volveu á patria;
A luz da esperanza brilha...

Era mãe! beijára a filha;

Bebêra o labio materno
Essa pérola mimosa,
Que pela face desdobra
Da triste virgem formosa,
E vae occultar-se á dobra
Mais sacrosanta do peito.

Receias? — Tremes, donzella,
Que jamais ao seio apertes
O terno irmão, por quem vertes
Esse pranto? — Acaso a estrella
— Cecêm nos jardins do empyreo —
Perde a esperança, no dia,
De rever, á noite, o lirio,
Que um momento se desvia
No breve gyro da terra?
— Oh! não receia a saphíra;
Todo o amor, que o peito encerra,
Em saudade se converte
D'esse irmão, por quem suspira;
Que — se as estrellas são flores,
Que vivem no ceu luzidas —
São as florinhas do prado
Estrellas no chão perdidas.

Espera, virgem. Não creias
Que a desgraça te fulmine.
És tão joven; que receias?

Não ter fé seria crime,
Espera, virgem, espera,
Mas chora; que a primavera
É mais bella, quando a aurora
Sobre as florinhas derrama
Os aljôfares, que chora.
— Que fôra no mundo a vida,
Se a dor, que n'alma doe tanto,
Não a minorasse o pranto?!

ERNESTO CIBRÃO.

Rio — agosto — 58.

EDITAL.

Na primeira pagina de um Album.

Eu, Faustino de Novaes,
Senhor d'aquillo que tenho,
E outras muitas cousas mais,
Em que não entram—engenho,
Escravos ou cafezaes,
Commendas e viscondados,
Ordinarios atafaes,
Pelo povo agora usados:

— Neste bom livro o — primeiro,
Por despacho de seu dono,
Despacho mui lisongeiro,
Que não pilha qualquer mono,

— *Faço saber*

aos que virem

Este publico instrumento,
Que, para não polluirem
Estas paginas, tão bellas,
Certos *trancas* do talento,
Certas Musas de chinellas,
E sem que entre n'isto acinte
Contra o orgulho enfatuado,
Tenho ordenado o seguinte,
Para ser executado:

Primeiro:

É só permittido

Aos que se dizem poetas,
Satisfazer ao pedido
De poesias selectas,
Com selectas poesias;
Não com obras de patetas,
Que gemem todos os dias
Entre os typos pacientes
Em toda a parte do mundo,
Onde ha loucos imprudentes,
Com orgulho nauseabundo.

Segundo:

Será vedado
Usar das imagens tolas,
Que muito se teem usado,
Em que entram gallos e rolas,
Triste lua e sol dourado;
Bem como—entre disparates—
Escrever, embora rime,
Em tres versos um errado,
Como fazem tantos vates.

Terceiro:

Declaro crime,
Digno d'austero castigo,
Fazer da logica um vime,
Torcendo-a sem piedade,
Ou machucar, como um figo,
A grammatica, o bom senso,
A rethorica e a verdade.

Quarto:

Não consinto o incenso
Dado deste livro ao dono,
Que não quer—segundo penso—
Vir aqui buscar o somno;
Nem cré banaes elogios,
Nem adulações banaes,
Que, para o moço de brios,
São asneiras, nada mais.

Quinto:

Fica prohibido,
Deste Album fazendo esquina,
Vir, em verso mal medido,
Namorar qualquer menina,
Chamar-lhe anjo, estrella, fada,
Rosa branca ou encarnada,
Negras paixões descrevendo,
Que em verso não valem nada.

Sexto:

É crime atroz e horrendo,
Virem aqui maus engenhos,
Paciencia alheia moendo,
Com imperfeitos desenhos,
Com ridiculos bordados,
Manchar, sem dó nem consciencia,
Estes papeis delicados.

Outrosim

— Tenham paciencia —

Declaro crime de morte
Vir aqui, de qualquer sorte,
Na razão dando sopapos,
Passando por cima d'ella,
Pendurar velhos farrapos,
Fazer d'este livro adella.

Quando algum impertinente

Julgar que eu, mesmo, transgrido
Leis que dou para outra gente,
Não me supponha atrevido,
Nem cego pela vaidade;
E, da verdade em abono,
D'este livro accuse o dono,
Que me fez auctoridade.

E, para ao conhecimento
De todos ir a noticia,
— Que não possa algum praguento,
Por orgulho, ou por malicia,
Vir allegar ignorancia—
Eu, o juiz d'esta instancia,
Para aqui ser affixado,
Fiz o presente, que assigno
Com meu nome, que é — *Faustino*:
E se pouco delicado
Este nome alguém disser,
Fica já auctorisado
A juntar-lhe o — *Xavier*:
E se algum, mais exquisito,
Achar pouco, e quizer mais
Um appellido bonito,
Ponha-lhe adiante — *Novaes*.

PAGINAS INTIMAS.

A meu irmão.

1

Quando, ha oito annos, te disse o ultimo adeus, porque d'ahi a pouco eu devia deixar os logares, em que se desluzaram os annos mais prosaicos da minha vida, ignorava que deixava tambem contigo o documento mais importante da leviandade de um coração de quinze annos. Esse documento era uma carta, que a allucinação de um momento me forçára a escrever. O que ella continha, ignoro-o, sei, ajudado por uma vaga recordação, que eu envergonhar-me-hia se escrevesse hoje outra igual. Entretanto subsiste ainda a causa que a inspirou. É a mesma saudade a entristecer-me, é o mesmo sentimento, doce, intimo a fazer-me pulsar o coração. Nem a distancia, nem os annos, nem o mesmo desengano dos preconceitos de familia — nada pode diminuir a especie de culto, que me

prende a *ella*. Quero -lhe mais ainda, porque a mulher cedeu o logar a uma visão encantadora, que vem, durante o somno, sorrir por entre as lagrimas, que a sua e minha saudade fazem brotar. Vivo pois nutrindo a fagueira esperança de ver de novo a minha visão transformar-se em mulher, porque acredito firmemente nos juramentos do passado, e sobre tudo na expressão dos olhares que acompanhavam esses juramentos. Deixa-me esta crença ao menos, meu irmão; é bem pouco para quem, como eu, ha sido tantas vezes instigado a despresal-a.

II

O dia de hoje marca o triste anniversario da nossa separação. Poucos momentos antes eu vi-a quasi que zombar das lagrimas que me *sulcavam* as faces. Ellas eram tão ardentes que os traços de sua passagem conservaram-se por longo tempo. Pensar nos gozos do passado, quando o presente risca, por assim dizer, a pagina mais querida da existencia de um homem, é martyrio que coração algum poderá supportar em silencio! Mas as emoções, que eu sentia, havia *ella* de sentil-as mais tarde. Se nos amavamos tanto!

Ella buscava illudir as sensações, que experimentava. Como conseguir isto, se os olhos diziam mais que tudo! Eu conhecia ha tantos annos esta linguagem! Ora eram transportes arrebatados no meio de uma conversação ba-

nal, ora essa linguagem muda no meio de uma contemplação de muitas horas. Uma e outra cousa acostumaram-me a não aceitar qualquer pequena demonstração de indiferença calculada, pois que os affectos intimos expandem-se sem que o sintamos.

III

Tudo inspirava tristeza n'essa hora solenne, em que nos apartamos. O sol escondia-se pouco a pouco atraz das montanhas, e os seus pallidos e incertos raios reflectiam nas vidraças da janella, em que tantas vezes admiramos o espectáculo magestoso do nascimento do astro, que agora se dirigia ao seu occaso. Ambos mudos — olhando-nos tristemente, recordavamos os dias de ventura que gozaramos outr'ora. Depois a ideia de que em breves instantes iam, talvez, trocar o derradeiro adeus!... Abraçamos; os soluços embargavam-nos as vozes: os labios apenas puderam murmurar — adeus! Quem ha tido em sua vida um momento assim, que explique a eloquencia triste d'essa simples palavra. Eu não posso.

IV

Uma hora depois eu regressava para ti. O que se passára entre mim e *ella* fôra um sonho lugubre, que ainda

hoje dura. Quando soube do destino que tinhas dado á minha carta, cuidei acordar d'elle. Enganei-me. Sonho sempre, e espero...

v

Liga-se a esta, outra recordação não menos preciosa.

Á ideia dos affectos intimos, que nascem quando nascemos, pois que acredito na influencia do destino que ha-de reunir mais tarde duas em uma só alma, associa-se tambem a ideia da familia. A ausencia não modifica a religião da familia; augmenta-a, pelo contrario. Crê-se do coração n'ella, porque a saudade assegura a crença. Ora-se em silencio; cada dia é uma prece nova, cada noute um hymno de louvor e agradecimento a Deus por ter conservado inalteravel o desejo de orarmos sempre. A familia é o fanal de esperanza que guia o homem longe da patria. Sem a recordação da familia, sem a recordação de que a bençã de um pae, de uma mãe... Não a vi morrer! Não pude receber-lhe a bençã no momento supremo. A bençã de uma mãe, que vae deixar o mundo, deve ser solemne! Que palavras meigas e tocantes pronunciarão seus labios comprimidos pelos ultimos stertores d'agonia! Que doçura n'esse olhar, que vae pouco a pouco amortecendo-se!... Não a vi morrer! Se um dia eu voltar á patria, a minha primeira visita será ao tumulo, em que descançam os restos mortaes

de minha mãe. Ahi, ajoelhado e constricto, rogarei a Deus por ella... por ella que eu amava tanto!

VI

A ti, meu irmão, a ti, a quem estas poucas linhas são consagradas, um saudoso e longo abraço; a nosso paé um beijo n'aquella fronte, que admiro e respeito, porque Deus imprimiu n'ella os traços característicos do amor paternal, como Deus o formou, e como Elle o quer. A nossas irmãs o desejo de saber que ellas seguem o trilho da virtude, como o seguiu aquella que pranteamos.....

Rio, 1 de setembro de 1858.

XAVIER PINTO.

QUE SENTES ?

A Ex.^{ma} Sura. D. A**

Que sentes? sempre tão pallida
Te vejo do rosto a cor!
Sempre os teus olhos teem lagrimas
A traduzir uma dor!
Já desbotada na hastea,
Quem te poz, mimosa flor?

Tu deitas os olhos languidos
Como quem não tem que ver...
As tuas fallas são morbidas,
Como as d'um peito a doer...
Tão triste, tão melancolica
Quem te poz assim, mulher?

Ás tuas amigas intimas,
Não vaes segredos contar:
Vives só... soffres, e cala-se
Em mysterio o teu penar!
Donde veio a dor tão rapida
Que te fez assim mudar?

Socegada como a estatua
De virgem, no mausoleu,
Occultando a face livida
N'um denso, fechado veu,
Assim escondes as lagrimas
Que choras, anjo do ceu!..

Que pensamento fantastico
Te veio n'alma poisar,
Que tão perto e de continuo
Te obriga assim a chorar?..
Que seria, anjo tão candido,
Que te fez assim mudar?

Tu d'antes alegre, com riso nos labios,
Brincavas na areia co'a espuma do mar,
Tu ias e vinhas, fugindo das ondas
Que vinham dormentes na praia poisar,
— E hoje, se a onda descae, nem reparas...
Parece que avista tens n'outro logar!

Tu d'antes amavas as noutes serenas,
Contavas teus sonhos á luz do luar...
Corrias ao lago, e no fundo das aguas,
As puras estrellas querias contar...
Agora, nem olhas... e a noute é tão linda!
Parece que ess'alma tens n'outro logar!

Tu d'antes cuidavas com mimo das flores,
Que vias formosas nos vasos brotar...
A todas querias... a todas amavas...
A todas contente ias sempre animar;
— Agora, só cuidas da roxa saudade
E as outras tão bellas deixaste murchar.

Tu d'antes cantavas, sorrindo, ao piano,
As notas suaves que ensinam a amar...
E, d'entre as mais bellas, querias só essas,
Que deixam, ouvidas, a alma a scismar
— Agora, se cantas, são notas tristissimas
D'uma alma partida por negro pezar!

Tu d'antes no baile, mais bella que todas;
Ouvias sorrindo mil juras jurar;
Depois tu sorrias, voando, voando
Na louca vertigem do louco walsar...
— E hoje em silencio sosinha definhas,
Assim como as rosas, que viste murchar!

Teus labios se calam; teus olhos o dizem,
Segredos revelam d'essa intima dor.
Eu sei porque choras. Bem cedo, ó virgem,
Sentiste tua alma fallar-te d'amor!

DESALENTO.

Eu quero ser feliz, quero a ventura
No espaço, que do berço á sepultura
 Me tem marcado a sorte!
Eu quero ser feliz! brado sublime,
Que todo o amor da vida nos exprime
 E todo o horror da morte.

Eu quero ser feliz! disse a criança,
No futuro avistando uma esperança
 Luzir... Fanal incerto!
Eu quero ser feliz! diz inda o homem,
A quem os tristes dias se consomem
 Sem ver a luz de perto!

Eu quero ser feliz... Mero desejo;
Que a briza da ventura um só bafejo
 Não déra ao innocente;
Nem tu, homem, terás felicidade,
Que a sorte te escarnece, e a sociedade,
 A súpplia fervente!

1856.

ERNESTO GIBRÃO.

A MINHA MÃE.

Heureux l'homme à qui Dieu donne une sainte mère!

LAMARTINE. — *Harmonies.*

Se um secco riso se debruça aos lábios,
Quando a minh'alma dolorida está,
É porque eu quero, no contraste sceptico,
Que o meu desprezo para o mundo vá.

Por entre as sombras eu caminho ousado,
Tingindo a fronte de aviltante pó:
Eu amo a vida, no delirio fervido,
Não quero a vida na miseria e só.

No peito sinto o amoroso influxo,
Mas a ventura para mim não é:
A flor mimosa, que eu sonhára candida,
Jaz desfolhada sem aroma e pé.

Que esperança resta do porvir sinistro,
Se a desventura no porvir eu li?
Serei um ente, como os outros, perfido,
Oh! minha mãe, sem teu amor, sem ti!

Irei a frente, que me escalda e mata,
Sobre o teu collo, com ardor, poisar;
Virão teus labios de pureza angelica
Meu triste pranto, com amor, seccar.

No santo abrigo, que minh'alma escolhe,
Tocheiro infausto para mim não luz;
Ambiente impuro s'esvaéce rapido
Se o róseo aroma se desparze a flux.

N'esse perfume banharei minh'harpa,
Que as cordas frouxas, resequidas, tem;
Será meu canto, derradeiro e unico,
Uma harmonia para ti, oh mãe!...

Que esperança resta do porvir sinistro,
Se a desventura no porvir eu li?
Seria um ente, como os outros, misero,
Oh ! minha mãe, sem teu amor, sem ti !

SANTOS PEREIRA .

PEDIDO.

Oh laisse-moi t'aimer, pour que j'aime la vie!

A. DUMAS.

Escuta-me, ficção dos meus delirios,
Deusa do meu continuo pensamento;
E se ouvires meus ais e meus suspiros,
Verás meu coração, meu sentimento:

Como as flores da vida em primavera
Amam o doce orvalho dos amores,
Assim eu amo a tua imagem querida
Para orvalhar na vida as minhas flores!

Quando vejo teus olhos refulgentes
Brilhando em tua cor morena e bella,
E os teus cabellos pretos, ondedos
Sobre o collo, que um anjo me revela,

Eu creio no poder da formosura,
Que faz nascer o amor nos corações,
E encanta, sem cessar, nas longas noutes
Nossos sonhos de angelicas visões!

Tu desfolhaste as flores da innocencia,
Mas creio na pureza da tu'alma:
Recebe no teu peito os meus extremos,
E ganharás do amor a eterna palma!

Oh! não te-presso os gozos dos sentidos;
Mas dá-me dos teus labios um sorriso,
Dos teus olhos um raio de esperança —
Que me darás na terra o paraíso!

Oh! quando os labios meus na linda face,
A furto, ardente beijo te imprimiram,
Meu coração em gozos dilatou-se,
Ao amor, d'alma os seios se me abriram....

Attende-me: em teus laços amorosos
Vem prender-me, p'ra sempre, a liberdade,
Que em troca de tão doce captivo
Eu te darei a vida... a eternidade!...

1858.

MORTUUS EST.

Curvai-vos, filhos do vicio,
Consummou-se o sacrificio
N'esse mysterio da cruz:
Sobre o cimo do calvario
Jaz envolto no sudario
O Redemptor, nossa luz.

Dos prophetas, de Isaias,
Cumpriram-se as prophecias
No mais atroz padecer;
E depois de escarnecido,
O sancto rosto cuspidio,
O que restava? Mórrer!

Era um quadro doloroso
Ver o pranto copioso
Suas faces innundar!
Ver a pungente agonia
D'Aquelle, que nos remia
Do peccado original !

Ver o cruento flagício,
O aviltante supplicio
Do Cordeiro de Israel;
Ver os labios resequidos
A pedir agua, em gemidos,
E beber... vinagre e fel!

E da turba embrutecida
A fereza desmedida
Em soltar imprecações!
E n'esse torpe delirio
A julgar pouco o martyrio
Da infamia... nos baldões!

Inda assim... quem o dissera!
A fronte candida, austera,
Só respira pranto e dor:
A dor—pelos soffrimentos
D'esses estranhos tormentos;
O pranto—por nosso amor.

No ultimo arfar da vida,
Para o ceu a vista erguida,
Implorou nosso perdão!
E do corpo parte a Essencia
Para a suprema eminencia...
— Está cumprida a Missão!

Curvai-vos, filhos do vicio,
Consummou-se o sacrificio
Do Cordeiro do Senhor;
Cumpriram-se as prophecias
Dos prophetas, de Isaias.
— Está morto o Redemptor!

1856.

SANTOS PEREIRA .

DESEJOS.

Reflexo.

Quem dera que eu fôsse gentil avesinha,
Que as azas abrindo pairasse no ar,
Então eu ás nuvens erguera meu vôo
Quizera sereno bem longe adejar.
E junto da bella,
Que tanto adorei,
Quizera ir sosinho,
Dizer-lhe baixinho
O quanto eu a amei.
Quem dera que eu fôsse, da rosa mais bella
Botão purpurino a desabrochar,

Colhido por ella, vivèra em seu seio,
De lá meus effluvios quizera espalhar;

Então minha vida
Seria invejada,
Pois só eu teria
De noite e de dia
Tão bella morada.

Quem dera que eu fôsse fugaz mariposa,
Que a luz eu deixára bem só crepitar,
Nas longas madeixas, que outr'ora adorava,
Contente e mui leda quizera pousar;

Correndo, brincando,
(Que bello viver!)
Nos finos cabellos
Tão negros, tão bellos,
Quizera morrer.

Quem dera que eu fosse dos ceus um archanjo,
Que bem junto d'ella quizera poisar,
Erguendo meu vôo, nas azas de seda,
Quizera essa virgem commigo levar;

E bem recatado
Seu virgem pudor,
Entrava com ella,
Tão joven, tão bella,
No templo d'amor.

Da briza o bafejo quem dera que eu fosse,
Que seu niveo collo podesse beijar,

Fugíra dos campos, dos montes agrestes,
Dos bosques sombrios, das praias do mar,
E devagarinho
Iria, a sorrir-lhe,
Meu brando bafejo
O mais doce beijo
No seio imprimir-lhe.
Mas eu não sou ave, nem rosa, ou archanjo,
Não sou mariposa, nem briza do mar;
Sou triste vivente, que soffro, que gemo,
Que a vida não posso contente passar.

Rio — julho — 37.

A. J. DE CARVALHO LIMA .

INSPIRAÇÕES DE UM PASSEIO.

Do sur. Renaldo Carlos.

Ia a noute em mais de meio e eu procurava debalde conciliar o somno; porque antes de entregar-me ao leito, havia pensado nas fascinadoras illusões d'este mundo; porque me tinha lembrado, com pungente saudade, do paiz que me deu o berço, de Pai, Mãe e Irmãos, que ha desoito largos annos por mim esperam, e de uma unica e prezada irmã que lá deixei, mas que já não vive! Estas recordações abrasavam-me o cerebro e eu julguei o meu quarto incendiada fonalha, onde não penetrava o ar. Levantei-me e sahi.

Perto da minha habitação havia um pequeno bosque, de onde se avistava o mar; para ahi dirigi meus passos. A noute estava fria, soprava brando nordeste, e a lua ostentava no espaço todas as suas galas.

Como é bello contemplar a natureza, quando tudo dorme!... Foram estas as palavras que os meus labios quasi involuntariamente pronunciaram chegando ao logar, que demandava. Na primeira pedra, que avistei, sentei-me,

e procurei, no silencio da noute, o socego, que o leito me havia negado.

Pouco a pouco fui me esquecendo dos pensamentos, que me tinham perturbado a razão, e parecia ouvir no meu interior uma voz, que me dizia—interroga o que vês, admira o que não comprehendes, e respeita o teu Creador. — Dei ouvidos a esta voz intima, e perguntei á lua quem a detinha suspensa no ar; ao mar quem o fazia conter no seu leito, ora calmo como um lago, ora furioso e espumante, semelhando altas montanhas coroadas de neve; ás estrelas quem lhes dava brilho; ás arvores quem as fazia crescer; ao vento quem o movia? E no sussurrar da folhagem, que me circumdava, no gemer das arvores, que vergavam impellidas pelo vento, ouvi a palavra — *Deus!* Deus! palavra que todos os desgraçados invocam nas suas afflicções. Por Deus grita o naufrago luctando com as ondas, a viuva sobre a campa, que esconde o corpo de seu esposo, o filho, que esmóla por não ter pai, o preso na masmorra, e o condemnado no patibulo.

Oh! ninguem recorre a Deus sem ser ouvido! É d'elle que vem o balsamo, que nos consola, é elle quem nos manda orar aos pés da cruz, em que morreu seu filho, afim de que possamos encontrar na oração lenitivo para os nossos mais acerbos desgostos.

Tambem n'essa noute, ajoelhado na relva humida e fria, com os olhos fitos na abobada, que serve de docel á terra, com fervor orei.

No fim da minha curta oração sentia-me tranquillo, e a pedra, em que me havia sentado, parecia-me um berço de rosas bafejado por fresca e suave briza; o meu pensamento abandonou tudo o que pertencia á terra, e procurava sondar os mysterios da religião, mysterios que me foram plantados no coração por uma mãe terna e carinhosa, que me ensinou a curvar-me submisso ante os altares da cruz, a respeitar a velhice, e a amar o meu proximo. Ah! óxalá que eu pudesse ainda escutar da sua boca essas licções de verdadeira e sã moral, que por tantas vezes me repetiu, nos melhores dias de minha vida.

Longo foi o meu scismar, e de todo me havia esquecido do lugar, em que me achava, porque o meu espirito procurava voar ás regiões d'alem tumulo, e esforçava-se por separar-se da materia.

Certamente nada ha que falle tão alto ao coração, e que lhe transmitta licções tão eloquentes e persuasivas como a linguagem muda d'este livro chamado — *Natureza!*

Se esses, que se dizem espiritos fortes, viessem uma noute, a horas mortas, ler nas paginas admiraveis d'esse livro sublime, certamente acreditariam que existe um Deus omnipotente, que são reaes os preceitos da nossa santa religião, preceitos que emanam d'esse mesmo Deus; e, como christãos, teriam por certo que a nossa alma não finda na campa; que somente na religião ensinada pelo Martyr do Golgotha existe a verdadeira felicidade, e que tudo o mais são quimeras e sonhos enganadores.

O som de um sino, que tocava a matinas, me despertou e

veio quebrar o fio das ideias, que até ali me haviam occupado a imaginação. Vi então que principiava a raiar o dia, levantei-me, e disse um adeus cheio de saudade a esse logar, exclamando:

« Daqui em diante serás o sitio dos meus passeios predilectos; por ti quero trocar os meus divertimentos d'outr'ora: esses bailes e theatros, onde somente tenho conhecido vaidade, impostura, mentira e dissimulação; onde hei visto que o dinheiro é tudo, e o merito uma palavra sem sentido. Quero, em vez de assistir a um espectáculo immoral, ou de envolver-me na voluptuosidade de um baile, vir aqui beber inspirações, que na solidão somente se podem encontrar; quero, d'este ameno logar, admirar o canto das aves, que o povoam, o embate das ondas na praia, o sol no seu occaso, e o sibillar do vento. Nos theatros, nos bailes, só vejo a mão do homem, e n'estas obras da natureza diviso a mão de Deus! »

A passos vagarosos encaminhei-me para a minha habitação, a qual me era já bem diversa do que a tinha deixado poucas horas antes: mas a differença não estava n'ella, estava em mim, estava em minh'alma, onde a mão da *esperança* e da *resignação* apagara a *ambição* e o *desespero*.

A UMA MENINA,

que me pediu versos meus.

Les vers n'ont point d'image égale à ta beauté!

LAMARTINE.

Pedes-me versos meus? — Que vale um canto
 Despido de harmonia,
Para quem, como tu, lança dos olhos
 Torrentes de poesia?...

Não se-exprime a poesia em tristes vozes
 De um coração dormente,
Que definha e que morre ao sopro estéril
 De um mundo indiferente!

Porem, se acaso um canto lhe é pedido
 Na voz da adolescencia,
Desperta do lethargo, e canta um hymno
 Á belleza, á innocencia!

A belleza, a innocencia és tu: — se um dia
 Por estes dotes bellos
Fôr teu nome adorado, então te-lembra
 D'estes versos singelos. —

F.—GONSALVES—BRAGA.

PRANTOS.

N'um Album.

Pétalas alvas, ou purpúreas pétalas
Abre a florinha na manhã primeira;
Plácida aurora, desparzindo pérolas,
Rega-lhe o seio, que beijou fagueira.

As brancas rosas, que despertam languidas,
E se esperguiçam, respirando amores,
Sõem saudal-a em perfumados canticos,
Tacitos, bellos, como cantam flores.

Auras ligeiras, perpassando timidas,
Roçam-lhe a fronte, virginal ainda;
E vão ao longe, dedilhando a cithara,
Dizer ao mundo que a innocente é linda...

— Todos saudaram a florinha candida,
Deram-lhe risos, murmuraram cantos,
Deram-lhe amores, esparziram pérolas,
Deram-lhe beijos, e eu... levei-lhe prantos!

ERNESTO GIBRÃO.

PAGINAS INTIMAS.

FRAGMENTO

♫ ♪.

Não posso esquecer-te; sinto a dor, que tenho no coração, mas sinto ainda mais o amor, que me inspiraste. Chamam-me louco; não é loucura, não, é o destino ou a fatalidade. Arrependo-me muitas vezes, envergonho-me da minha fraqueza, chego mesmo a revoltar-me contra essa especie de fascinação, que exerces sobre mim... o combate dura pouco; ha uma voz intima, doce, harmoniosa, que me subjuga e me arrasta; a fascinação multiplica-se, e eu... amo-te sempre... Dizem-me que tu não mereces tanto amor e tanta dedicação; dizem-me que finges ignorar que a minha esperança mais querida és tu... mas eu não os creio; são elles que não comprehendem o nosso amor. Deixaram-se illudir pelas exterioridades da vida; viram-te rodeada de adorações, que acolhias sorrindo, e disseram: esta mulher é vaidosa. Deixa-os. A sociedade é exigente com os seus mais bellos ornamentos; aceita as virtudes

duvidosas, que aspiram ás homenagens d'ella, mas não perdoa facilmente qualquer pequena falta de etiqueta. Depois uma mulher tem mil exigencias a satisfazer.

A mudez significa pobreza de espirito, e a gravidade natural um véu, que esconde muitos defeitos. Porem aquelles, que procuram perder-te em meu conceito, esquecem essas exigencias; veem a mulher superficialmente, aproveitam as mais simples phrases, o sorriso fugitivo do cumprimento official, o olhar a furto, que previne esse cumprimento, e n'isto traduzem a mulher vaidosa e loureira. Eu não penso assim, porque sei que, no meio de todas essas manifestações agradaveis, reservas para mim os teus mais intimos e caros pensamentos. O que me pesa porem profundamente é não poder acompanhar-te. Quizera seguir todos os teus passos, aspirar as suaves emanações, que esparges em volta de ti; quizera beber em teus olhos a poesia, que Laura inspirava a Petrarca, quizera em fim escutar sempre... sempre a tua voz doce e melodiosa como um hymno de graças dirigido ao Creador. Mata-me a dor de ver-te longe de mim, sem poder repetir-te a cada instante que és tu a unica mulher a quem dedico e dedicarei sempre os brevissimos momentos de inspiração melancolica.....

Maior de 1858.

XAVIER PINTO.

A LAMARTINE.

Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie!

LAMARTINE.

Se a Grecia consägrou dous genios eminentes,
—Demosthenes e Homero—á gloria universal;
Mais deve a França a ti, que as c'roas tens, luzentes,
De Poeta e de Orador na fronte divinal!

Poeta, —em versos teus, de homerica excellencia,
O inferno, a terra, o ceu, flameja, encanta e ri!...
Orador, —sabes tu, co'a força da eloquencia
As armas fulminar, que se erguem contra ti!...

Da tua luz, no espaço, é tanta a claridade,
Que o sol no seu caminho encontra os raios teus!
Com palmas immortaes, de ti, a nossa idade
Fez um Genio... o porvir fará, talvez... um Deus!

F.—GONSALVES—BRAGA.

Septembro de 1858.

A *Commissão de redacção* do ALBUM faltaria a um dever, se não agradecesse aos snrs. Socios do Gremio o espontaneo concurso, que lhe prestaram, para obter as numerosas assignaturas, com que esta publicação foi honrada.

Cumpre-lhe tambem pedir aos snrs. Assignantes queiram relevar alguns erros typographicos, que se deram, mau grado dos revisores; bem como as desigualdades da orthographia adoptada. A presteza da publicação e a variedade de pennas, que collaboraram o ALBUM, não permitiram a precisa regularidade.

Com o augmento de meios e a experiencia d'este primeiro ensaio, esperam os membros da Commissão que o segundo volume corresponda melhor á benevolencia do Público, com o aperfeiçoamento do trabalho.

Rio de Janeiro — 1858.

Erratas principaes

PAG.	18	LINHAS	16	convulções	LEIA-SE	convulsões
"	27	"	16	caudellosos	"	caudalosos
"	28	"	14	malta	"	matta
	35		13	pavorosa	"	vaporosa

PAG.	38	LINHAS	6	guylas	LEIA-SE	guzlas
"	39	"	12	Maerocardato	"	Maurocordato
"	45	"	13	contudo	"	comtudo
"	54	"	8	pianno	"	piano
"	54	"	18	pianno	"	piano
"	58	"	4	escuto	"	escuta
"	58	"	49	exalas	"	exhalas
"	65	"	6	exalava	"	exhalava
"	65	"	7	da nação	"	da mão
"	72	"	8	faenavas	"	fascinavas
"	74	"	8	o seu	"	o ceu
"	74	"	11	chama	"	chamma
"	79	"	16	faqueira	"	fagueira
"	92	"	14	Tunante	"	Tonante
"	93	"	10	mormura	"	murmura
"	98	"	9	inda as fendas	"	as feridas
"	100	"	14	enorme	"	inorme
"	120	"	7	enceravaram	"	enceravarem
"	146	"	13	ceccos	"	seccos
"	146	"	24	epiderne	"	epiderme
"	192	"	1	com raças	"	cem raças
"	201	"	10	greco-latina	"	gaulo-latina
"	202	"	9	prazer é	"	prazer não é

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).